

Lithia Park

A Choupana das Rosas

OBRAS DO AUCTOR

Publicadas

Litterarias

- O Desfecho de um Desafio — Pamphleto.
Arminhos — Contos.
O Attentado da Rua de S. Leopoldo — Romance
em collaboração com Paula e Silva, Carlos
Affonseca e João Guerra.
Caricias — Paginas íntimas.
Perfil biographico do Dr. Bernardino de Cam-
pos, sob o pseudonymo: *Um contemporaneo*.
A Choupana das Rosas — Contos.

Sobre diversos assuntos

- A Fabrica de productos ceramicos Sta. Cruz.
Caes de Santos — 1^a serie de artigos.
Caes de Santos — 2^a serie de artigos.
Esclarecimentos e Informações sobre os servi-
ços de agua e exgottos de S. Paulo.
Exgottos de Santos — Memoria descriptiva do
projecto (em collaboração com o Dr. Augusto
Fomm).
Ferro-via Pinhalense — Memoria descriptiva
do projecto.
Carris de ferro de Sta. Anna — Memoria des-
criptiva do projecto.
Em Prol da Lavoura — Propaganda dos adu-
bos chimicos.
O municipio de Cunha e a Cultura da Vinha.

A sahir do prelo

- Bom Humor e Vida Airada — Paginas humo-
rísticas.
Ensaios de Critica Litteraria e Artística.
Botanica Elementar (em collaboração com Ro-
dolpho Theophilo).

GARCIA REDONDO

*A Choupana
das
Rosas*



S. PAULO

TYPOGRAPHIA CARLOS GERKE & CIA.

1897

OR 8690 (81)-34
R 3190

Biblioteca Central - UFSC

Nº, 169.540

Data 24/06/88



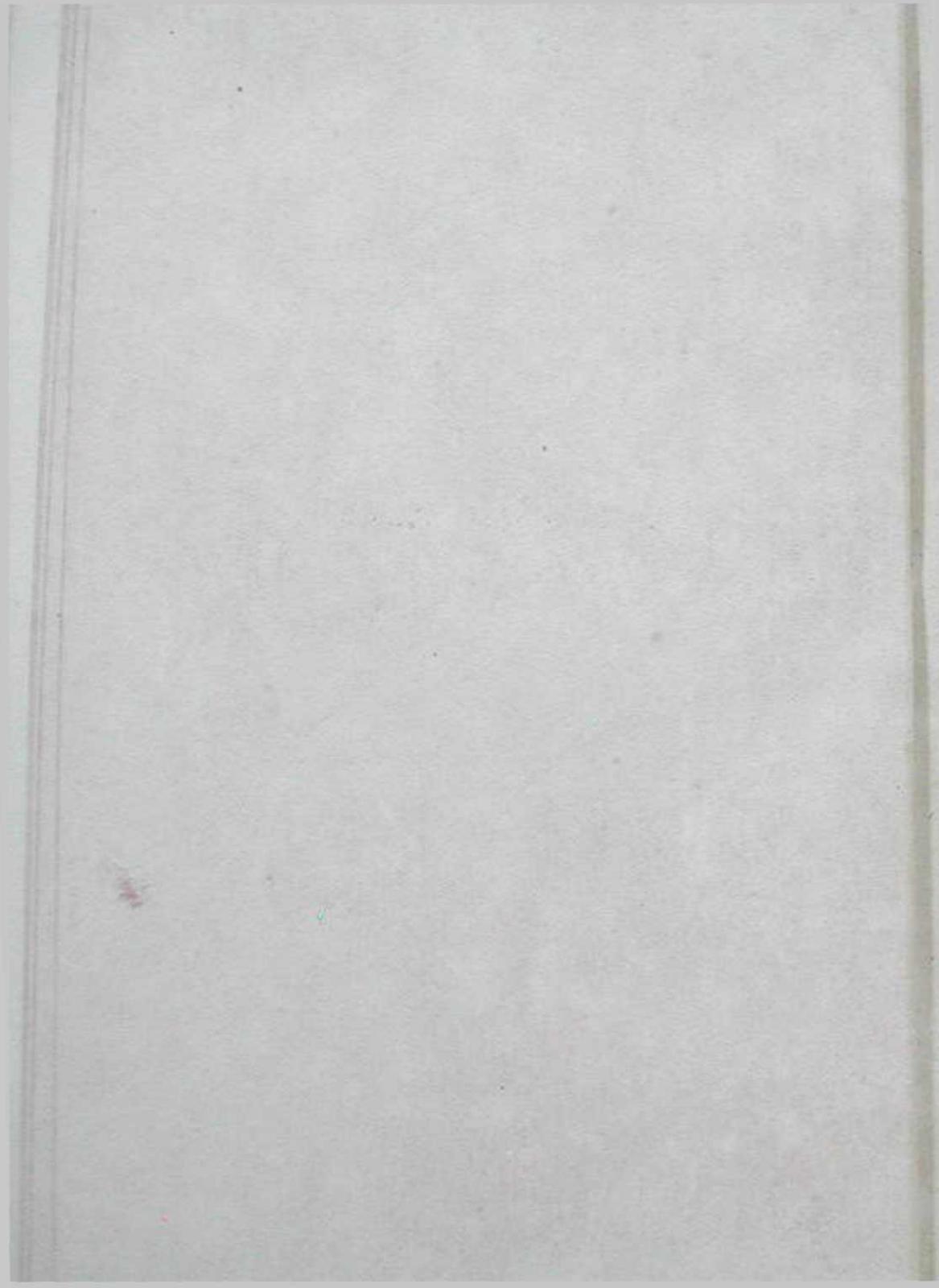
A' MEMORIA

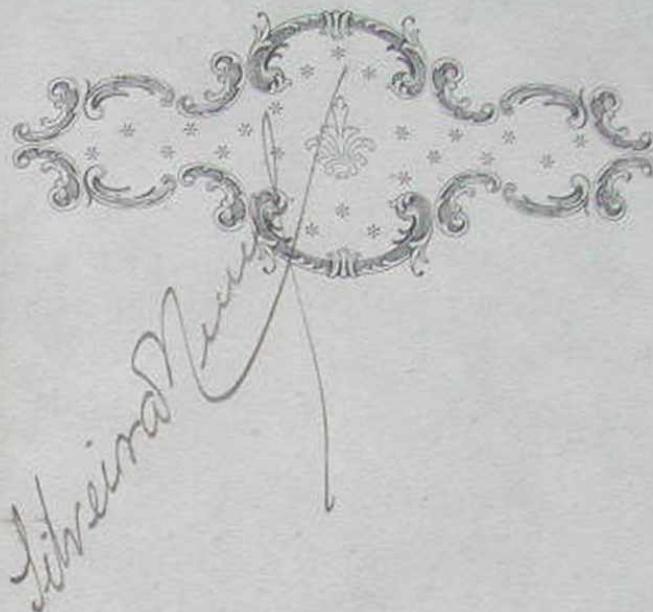
de meu irmão

o Dr. Antonio Ferreira de Souza Redondo

A Choupana das Rosas

A Arthur Azvedo





Carlos de V. acabava de receber a sua nomeação de addido á nossa embaixada em Pariz; ia realizar o seu sonho dourado: viajar, vêr Pariz, que desde a sua juventude lhe turbilhonava na cabeça como um conto de fadas! Era a suprema ventura.

E, então, para festejar esse acontecimento feliz, que lhe punha risos no corpo todo, elle convidára-me a uma pequenina agape no *Hotel do Globo*, intima, muito intima, entre nós sómente, forçada a tubaras e a champagne *frappé*.

O jantar começára alegremente. Carlos fallava-me com entusiasmo cres-

cente d'essa viagem ha tanto ambicionada e fazia o programma do seu viver mundano n'esse centro de prazeres para onde o conduzia a sua boa estrella. Elle havia de alugar um pequenino *entre-sol* na Chaussee-d'Antin, mobilhado a capricho, acogulado de objectos d'arte. Levava d'aqui um peculio modesto destinado á compra de quadros, de bronzes, de porcellanas de moveis artisticos e de tapecarias finas.

Essas cousas lá são baratas, e elle havia de especular muito, esquadriñhar todos os recantos da grande cidade, havia mesmo de explorar a provincia, os velhos castellos em ruinas, e certamente adquiriria muita cousa boa e rara por preços infimos.

E, depois, revia-se nas recepções do Elyseo, nos salões litterarios, nas festas da *grand prix* de Longchamp, nas exposições artisticas, nos passeios ao Bois, nas visitas aos muzeus e ás bibliothecas, nas suas digressões á provincia, ás praias de banhos, ás estações de aguas, em convivencia com uma sociedade escolhida e culta, onde a sua imaginação voluptuosa e

ardente farejava amores doidivanas com mulheres lascivas de braços e collos nus, trescalando perfumes irresistiveis, loiras, morenas, filhas ou netas das mundanas aristocraticas do terceiro imperio.

D'alli, da pequenina mesa do *Hotel do Globo*, onde nos abaneáramos, elle antegozava com delicia o aroma sensual da carne rosea d'essas mulheres lindas com as quaes tantas vezes se encontrára já nas paginas allucinantes dos livros fesceninos de Arsene Houssaye.

E fallava-me, com gestos apurados e olhos cupidineos, das suas futuras entrevistas mysteriosas, no pequenino *entre-sol* da Chausseé-d'Antin, com duquezas e condessas, accentuando o prazer irresistivel de apertar de encontro ao peito o corpo airoso e coberto de sedas roçagantes d'essas filhas d'Eva tentadoras. Ah! o prazer de receber, ao cahir da noite, a visita mysteriosa de uma mulher velada, que salta de um carro de praça, — um carro que não pára á porta, que fica longe, n'uma esquina, — ouvir o tic-tac das suas botinas a bater na cal-

çada, o frou-frou do vestido ao subir a escada, as pancandinhas leves batidas com os nós dos dedos, enluvados em *peau de suede*, á porta do *paraizo*...

Mas, Carlos não pôde proseguir na sua garrulice phantasista.

Repentinamente parára e os seus olhos, azuis e languidos, fixaram-se em uma mulher alta, elegante, admiravelmente vestida, que acabava de assomar á porta da sala. Essa mulher devia ter quarenta annos; todavia, era linda e no seu rosto, sem véu, não se divisava uma ruga. Um pouco atraz d'ella, via-se o corpo pequeno e obeso de um sexagenario suarento.

— Uma sultana! .. disse eu a Carlos.

Elle não me respondeu, mas os seus olhos continuavam a fixar a linda mulher, que, ao vel-o, perturbou-se um pouco e, depois de trocar algumas palavras a meia voz com o homunculo que a acompanhava, retirou-se da sala.

— Conheces? indaghei.

Nos olhos de Carlos havia de um mixto de saudade e de tristeza.

— Se a conheço?... repergi elle;

essa mulher, que acabas de ver, denme as horas mais felizes da minha mocidade; foi o meu primeiro amor.

E, depois de cruzar o talher no prato, acrescentou: — Perdi o appetite, meu caro; foi o que ella aqui veio fazer; mas não ha mal n'isso; tu comerás por mim e por ti e, no emtanto, eu te farei a narração d'esse idyllio roseo.

Eu era todo ouvidos. Carlos começou assim:

«Ainda não tinha dezenove annos quando lhe fui apresentado pelo nosso collega P. de A., que frequentava a casa na qualidade de primo em terceiro grau. Ella tinha então vinte e cinco annos; estava em todo o explendor da sua belleza peregrina e possuia já esse ar de sultana, que no taste, e que aliás desapparece quando ella quer ser meiga e amorosa.

Era já casada com o homiem que tu viste ha pouco e que podia ter sido seu pai, porque tem pelo menos mais vinte annos do que ella, e habitava uma casa pequenina e elegante, que eu denominei a *Choupana das rosas*, porque tinha o aspecto picto-

resco de uma choupana aninhada entre roseiras sempre floridas.

Eu cursava então o 2.^o anno da Polytechnica e éra, como sabes, bisongo e timido. A simples presença de uma mulher elegante fazia-me eorar; e foi corando até á raiz dos cabellos que eu lhe apertei a mão, a primeira vez que entrei na *Choupana das rosas*, onde lhe fui apresentado pelo nosso collega, que, a meu respeito e a respeito das minhas qualidades, disse umas cousas encantadoras e muito lisongeiras, mas positivamente falsas.

• Receberam-me gentilmente. O marido jogava o *boston* ou o *voltarete* com trez parceiros da sua idade ou quiçá mais velhos que elle, e pôz-me á vontade offerecendo-me o seu lugar á meza, o que recusei.

• Ella fez o que pôude, essa noite, para obrigar-me a fallar. Eu sentia-me timido, enleiado, em presença d'essa linda mulher de porte altivo, cuja beleza peregrina me fascinava, aumentando o meu acanhamento.

• De mais, o que poderia dizer-lhe que a interessasse, eu que, n'esse tem-

po, não lia um livro de arte e que só conhecia o Bourdon, o Sonet, o De Fourcy, o Lacroix, e o Navier, incertos de formulas algebricas e de theorias aridas e massadoras? Não disse nada ou pouco disse e retirei-me de lá, cheio de tédio, muito vexado da minha ignorancia e da minha impresentabilidade.

«Tinha feito um fiasco e sentia-me indignado contra o P. de A., que me obrigára a tal vexame com a sua apresentação.

«Não voltei á *Choupana das rosas*; mas, um mez depois, vi a sultana á porta da «Notre Dame» e não pude esquivar-me a estender-lhe a mão e a fallar-lhe. Ella sahia da loja quando eu passava, e seria uma incivilidade, uma grosseria imperdoavel simular que a não vira.

«— Não voltou mais á nossa casa!... disse-me n'um tom ligeiramente reprehensivo, notando o rubor que já me enchia o rosto.

«Gaguejei uma desculpa frivola: os meus estudos, a proximidade dos exames...

«Mas ella, sem attender á desculpa:

«— Parece que a nossa companhia não lhe agradou...

— Pelo contrario, muito... disse eu animadamente.

— Então volte, terminou ella, estendendo-me os seus dedos enluvados e apertando um pouco demoradamente a minha mão fria e tremula.

«Segui para a Escola mais vermeilho do que uma romã e mais agitado do que uma flammula; na minha mão ficára o aroma suavissimo da sua luta e esse aroma subia-me á cabeça perturbando-me, languescendo-me os sentidos como um narcotico.

«O que ia eu fazer do novo a essa casa? Eu era um ingenuo; não sabia jogar, nunca tinha lido um livro de versos, fallava mal, não conhecia o segredo de agradar ás mulheres com futilidades; a minha educação, exclusivamente scientifica, afastára o meu espirito das bellas cousas da arte.

«Além das sciencias positivas cujo estudo me agradava, só sentia enlevo na musica. A musica! eis a unica brecha possivel para não ser monotono e estupido em presença d'essa mulher intelligente e bella. Mas, o

que sabia eu d'isso? Só o que o ouvido enthesourara. Da technica musical nada, porque nada aprendera. Então, o que ia eu lá fazer? Fallar das operas em voga como qualquer burguez boçal e rico, supprindo a inopia de conhecimentos technicos por *ohs* admirativos e por phrases banaes? Isso era uma tolice que ainda mais aggravia a minha posição humilde e fraca em presença d'essa mulher superior. Decididamente, não devia ir.

«Todavia, fui; fui arrastado por esse perfume suavissimo e inebriante, que me ficára na mão e que, mau grado os dictames da minha razão, impellia-me para a *Choupana das rosas*.

Ella recebeu-me bem, dirigindo-me algumas palavras de animação. O marido, como sempre, jogava e, muito empenhado em levantar remissas, tinha toda a sua attenção presa ao jogo. Como, além dos parceiros do marido, eu era, n'essa noite, a unica visita, ella conduziu-me para um alpendre, tambem vestido de roseiras, que precedia a pequenina sala de recepção. Ahi ficamos a sós, quasi na sombra, allumiados apenas pela luz fraca de

um bico de gaz mortíço. Em frente a nós abria-se a janella de um gabinete por onde passava a luz do gaz, que illuminava o alpendre. Esse gabinete era ao mesmo tempo escriptorio e bibliotheca. Via-se alli um bello *bureau-ministre* rodeado de estantes de mogno prenhes de livros encardeados luxuosamente.

— Gosta de lér? perguntou-me, apontando para o escriptorio.

«Respondi-lhe um pouco vexado, que só lia livros de sciencia e citei ingenuamente os poucos que conhecia.

— Pois terá de fazer commigo a sua educação litteraria, disse-me, sorrindo. Temos alli alguns livros bons, que o senhor deve lér. Ainda ha poucos dias, recebi as ultimas obras de Daudet e de Tourgueneff — o russo-pariziense — e entre ellas veio uma, que já li e que acho encantadora. E' por ella que deve começar a familiarisar-se com o romance.

Depois dar-lhe-hei versos. Os versos devem predispor bem o seu espirito para o estudo arido das matematicas. Quando tiver lido alguns romances francezes, passar-lhe-hei a

Esthetica de Veron. Não se assuste: é um livro ameno, que lhe avivará o gosto pelas letras e pelas artes. Depois que o tiver lido, hei-de vê-lo com soffreguidão a procurar as obras primas da litteratura ingleza, italiana, allemã e franceza.

«Ha-de lér Byron, Hugo, Lamartine, Musset, Goethe, Schiller, Castelar, Espronceda, Cervantes, Silvio Pellico, de Amicis e Theophile Gautier, o impeccável. De Musset ha um poema encantador — *Jacques Rolla* — que tenho lido e relido com indizível prazer. Temos agora dois novos — Zola e Ohnet — sobre os quaes a critica se pronuncia de um modo desigual. Ainda os não li. Por fallar em critica: possuo algumas obras de Taine, que deve lér logo em seguida á *Esthetica* de Veron...»

«E continuava a citar obras e autores, fazendo o programma da minha aprendizagem litteraria. Eu ouvia-a silencioso, sentindo com isso um deleite crescente, mas intimamente vexado da minha profunda ignorancia. A sua voz suave, cariciosa, ás vezes ligeiramente velada, musical sempre,

eahia no meu ouvido como os sons de uma cythara melodiosa e afinada. Era adoravel.

«Quando nos vieram chamar para o chá, ella penetrou no escriptorio e de lá trouxe um livro que me entregou.

— Deve começar por esse, disse-me.

Depois, conduziu-me á sala de jantar, onde nos esperava o chá e onde ainda esperamos um pouco pelo marido e pelos seus parceiros de jogo.

Às onze horas, retirei-me e notei que a sua mão já não premia a minha tão fortemente como n'essa manhã, quando nos encontramos á porta da «Notre Dame». Comecei então a pensar que esse aperto de mão não devia ter a significação que eu lhe attribuira. Fôra um acaso. O livro que ella me havia dado era *Les Rois en exile* de Daudet, que li com ansiedade, não pelas sensações dolorosas que me deixava essa narrativa pungente, mas pelo desejo de concluir a leitura e restituir o livro, podendo dizer que já o havia lido.

«No dia seguinte, voltei á *Chou-*

pana das rosas para fazer a restituição do romance. Ella não estava, mas certamente contava com a minha visita, porque a criada, ao receber o livro, deu-me um outro « que a senhora deixára para me ser entregue ».

« Voltei para casa e pousei esse livro, friamente, sem o abrir, sobre o meu criado mudo. N'essa noite, dei a minha desforra ao Sonet e atirei-me ás diferenciaes, duplicando as horas de estudo para resarcir o tempo perdido na vespresa.

Era mais de meia noite quando procurei o leito para descansar.

Já deitado, tomei então o livro, que estava á cabeceira, e abri-o. Era o *Un Bulgare*, de Tourgueneff. Comecei a leitura sentindo as palpebras já pesadas de sono. Subito, notei que uma das paginas do livro estava dobrada e que n'essa pagina havia uns pequenos periodos marcados com um traço a lapis. Esses periodos, que decorei á força de os repetir, diziam:

« Vous vouliez me forcer à vous dire que je vous aime! Voilà, je l'ai dit. »

« Essas phrases eram ditas por uma mulher a um homem. Não sei pelo que,

desconfiei que aquillo me era dirigido e, enfão, de novo pensei que o aperto de mão junto á *Notre Dame* tinha de facto a significação que eu lhe dera. A scismar n'essas cousas, perdi o sono e li a obra toda de um folego. E' a historia de uma rapariga russa da mais alta linhagem moseovita que, a despeito de todos os preconceitos de raça, se entrega a um bulgaro por quem se apaixonara loneamente. O singular do romance é que é ella quem se offerece ao bulgaro, dizendo-lhe: *apodera-te de mim, sou tua!*...

«Por baixo d'esta phrase, com a qual termina um dos capítulos do romanee, eu escrevi a lapis as seguintes banalidades estupidamente provocadoras:

«O amor slavo!... Quem o supporia assim? Parece incrivel que um vulcão tão violento irrompesse sob as neves da Russia!.. Que brasileira seria capaz de uma paixão igual?...»

«No dia seguinte, á noute, voltei á *Choupana das rosas* e, com surpresa, soube pela mesma criada que me recebera na vespera, «que os patrões não estavam em casa, mas que a senhora deixára um livro para me ser entre-

gue.» Restitui o romance de Tourgueneff e recebi o novo volume, que era a *Confession d'un enfant du siècle*, de Musset.

«Em casa, folhei o livro com sofrer-guidão, percorrendo-o pagina a pagina, na ingenua esperança de encontrar uma palavra qualquer que me fosse dirigida. Nada. Positivamente, eu estava illudido com essa mulher e cheguei a arrepender-me das tolices que escrevera no romance de Tourgueneff.

«Para desanuviar o espirito, atirei-me n'essa noite ao De Fourey e ao Bourdon com forçado ardor e, durante uma semana, não voltei á *Choupana das rosas*. Mas, ao cabo d'esse tempo, senti, uma tarde, no livro de Musset, que ficara á cabeceira da minha cama, o mesmo perfume que a luva d'ella me havia deixado na mão; e, ainda impellido, por esse aroma suave e inebriante, tomei o caminho da encantadora vivenda.

Quando entrei, ella estava só no jardim e recebeu-me com vivos sinalaes de contentamento, retendo por algum tempo, entre as suas, as minhas mãos de adolescente.

— Pensei que se tinha esquecido de nós, disse-me, fixando-me risonha.

— E como eu manifestasse o desejo de penetrar na casa, no intuito de cumprimentar o marido, ella acrescentou :

— Não vale a pena; elle está de tal sorte embebido no voltarete que nem se apercebe da sua presença aqui. Fique, quero mostrar-lhe o nosso jardim... ao luar.

Fiquei e a seu convite percorri ao lado d'ella a rua central do jardim, onde a lua desenhava nitidamente sobre o pedregulho alvo do solo, sombras de ramagens e de tufo de arbustos. Conversamos sobre cousas triviaes para matar o tempo.

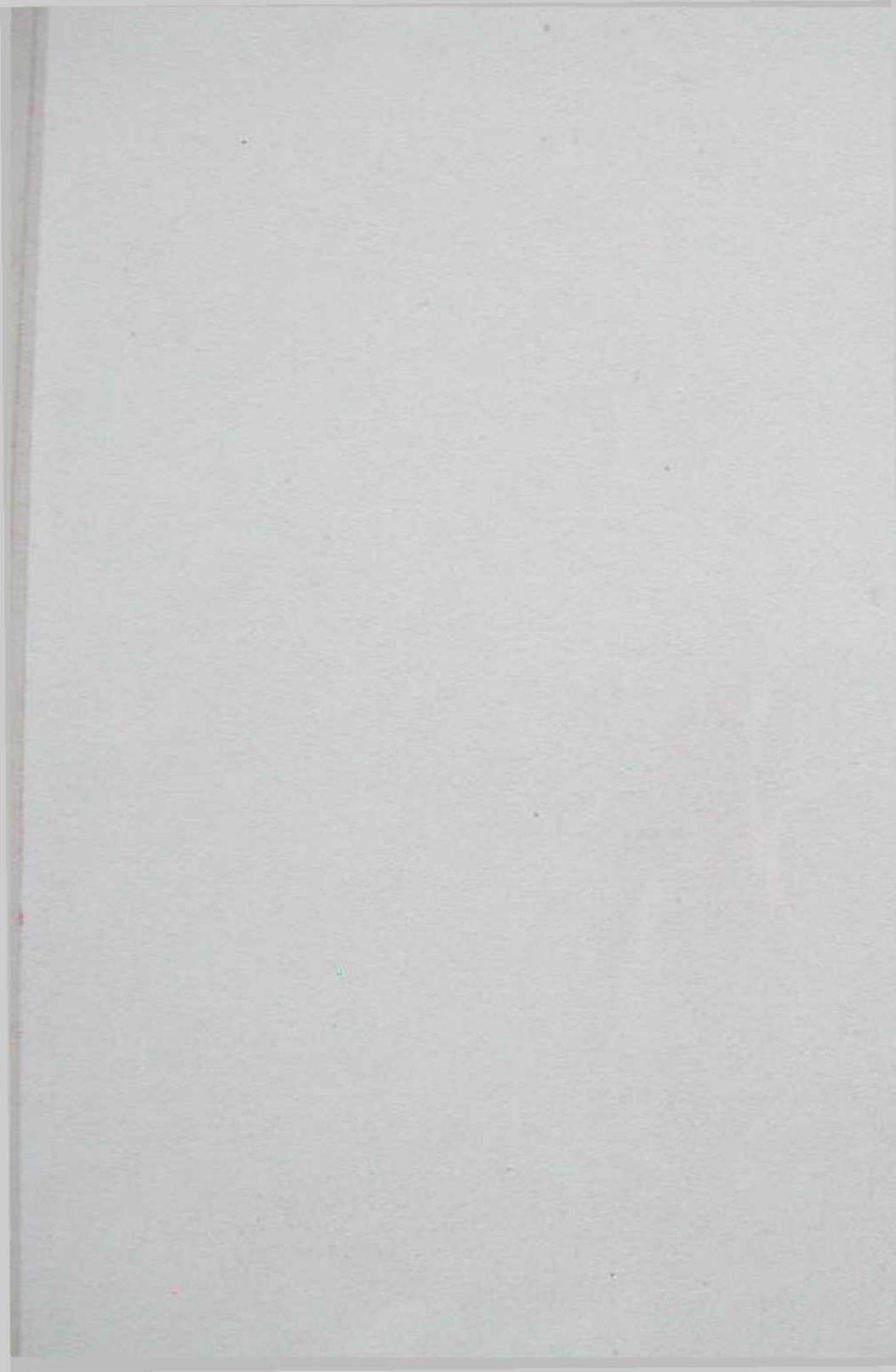
Em certa occasião, ella disse-me :

— Quero mostrar-lhe as minhas orchideas muitas das quaes estão em flor. Gosta de flores ?

Respondi-lhe « que sim » e ella, entrelaçando familiarmente o seu braço no meu, conduziu-me até junto de um muro alto vestido de cima a baixo de orchideas e de bromelias. O luar batia em cheio n'esse muro e iluminava as plantas, algumas das quaes estavam effectivamente em flor.



Com as minhas ninfas patrícias
ella collocou a flor na botoeira
do meu frack. (Pag. 18)



«Começou então a minha lição de botanica. Ella mostrava-me as suas melhores orchideas, dando-lhes os nomes scientificos, indicando as suas procedencias e precisando as epochas em que floresciam. Na sua memoria prodigiosa havia um thesouro de reminiscencias. Em certo momento disse, apontando para um ponto elevado do muro:

«— Alli está uma *lælia elegans* em flor; é para mim a mais bella das orchideas. Que pena... estar tão alta!.. Desejava colhel-a para lh'a dar, mas...

«E, pondo-se nos bicos dos pés e erguendo os braços para a flor, acrescentou:

«— Se me ajudasse um bocadinho... Vê, as minhas mãos ficam á distancia de meio palmo, se tanto... Se podesse erguer-me mais um pouco...

«Fiquei enleiado. O que devia fazer? Erguel-a ao collo? Tomal-a nos meus braços? Seria esse o seu desejo? A situação era critica. Occorreu-me então um expediente salvador: puz um joelho em terra e offereci-lhe o outro, para que ella subisse por elle como se fosse o degrau de uma escada,

«Ella aceitou o alvitre e apoiando a mão esquerda na minha cabeça, pousou um dos pés sobre o meu joelho e conservando o outro no ar, elevou o corpo, procurando com a mão direita um novo ponto de apoio no muro. Assim, conseguiu colher a *laelia*.

Quando estava n'essa attitude, passou-me pela mente um pensamento torturante: — se o marido aparecesse e me visse alli, no fundo do jardim, de joelhos, a servir de pedestal á mulhér!.. — Tive calefrios ao pensar n'isso e quando ella, ligeira e airosa como uma gazella, saltou em terra, sustendo entre os dedos a linda orhideia, eu tambem me levantei rapidamente e volvi um olhar de desconfiança para o lado da casa.

«Felizmente estavamos a sós no jardim. Recebi a flôr, que era um mímo de belleza e que ella com as suas lindas mãos patriciais collocou na bo-toeira do meu track. Depois, ainda a convite d'ella, fomos vêr os *cactus* e as *begonias*, que ficavam n'um angulo do muro, abrigados sob um caramanchel sombrio. De longe, um

perfume intenso afagou-me a pituitaria.

« — Não sente um aroma agradável? perguntou-me ella. E, antes que eu respondesse, acrecentou: — É da flor do baile.

Entramos no caramanchel, mas alli o luar, interceptado pela fronde espessa de uma magnolia copada, não penetrava. Lá dentro fazia escuro e ella, para poder mostrar-me algumas *begonias*, teve de socorrer-se da luz ephemera de phosphoros, que lhe forneci.

— Assim, não vale a pena, disse ella por fim, contrariada pelas intermitencias da luz e atirando irreflec tidamente o ultimo phosphoro, ainda incandescente, para o meu lado.

« O phosphoro bateu-me na face e queimou-me ligeiramente uma das palpebras. Levei instinctivamente a mão ao rosto e não pude reter um pequeno grito, mais de susto que de dôr.

— Que fiz eu!... disse ella, tomando-me por um braço e arrastando-me para fora do caramanchel, onde o luar explendia.

« E pousando as suas duas mãos leves, macias e brancas nos meus hom

bros, começou a procurar no meu rosto o ponto onde o phosphoro havia batido. Afinal, exclamou:

«— Que desastrada!.... Foi na palpebra superior do olho direito!... Dous milímetros mais e estaria cego. Meu Deus!... que desastrada que fui!...

E tremia como uma alveloa, bafejando-me o rosto com o seu halito perfumado e tepido.

«— Não foi nada, já me não dóe, disse-lhe risonho para tranquilizá-la:

«Mas as suas mãos continuavam pousadas nos meus hombros e os seus olhos brilhantes e ternos procuravam com avidez os meus. Subito, esses olhos cerraram-se um pouco e dos seus labios, tremulos e offegantes, sahiram estas palavras:

«— Diga-me: lèu o *Un Bulgare*, de Tourguéneff?...

«— Lì, — respondi, sem compreender logo o alcance d'essa pergunta inesperada.

— Lembra-se do que Helena Nikolaevna disse a Dimitri, quando o foi surprehender no seu quarto de convalescente?...

«— Lembro-me, foi isto: *Prends-moi*.

«— Então... quer obrigar-me a repetir-lhe as palavras de Helena?...

«Comprehendi tudo então e... sem me lembrar mais d'essa marido que, a vinte ou trinta passos de nós, levantava ou fazia remissas ao voltarete, ousadamente enlacei-a pela cintura, aconchegando-a contra o meu peito ancioso. As mãos d'ella passaram então dos meus hombros para o meu pescoço e os seus labios collaram-se febrilmente aos meus.

• • • • •
«Meia hora depois, deixei a *Choupana das rosas*, onde commettera o meu primeiro crime.

«Desse dia em diante, o nosso idyllo teve, como todos os idyllios, horas de prazer indescriptivel e de tormentos atrozes. Eu amava-a como se ama aos dezenove annos, ingenuamente, pelo prazer e pela vaidade de ser amado por uma mulher superior e formosa. Ella amava-me como se ama aos vinte e cinco, com todos os arrebatamentos de uma paixão sensual e ardente.

«Mas um dia a nossa ventura evo-

lou-se. Eu era joven de mais e, como sabes, as creanças quebram tudo. O ciúme tambem se metteu de permeio e afinal as nossas relações esfriaram.

«De resto, a minha saude começava a perigar e meu pai chamávame com insistencia ao lar; pelo seu lado, ella tambem teve de partir para o estrangeiro e, desde então até hoje, nunca mais nos tornamos a vêr. Já lá vão quasi treze annos e, todavia, confesso-te, a presença d'essa mulher, aqui, hoje, produzin-me uma impressão singular: tive saudades d'esse passado que te narrei e sinto-me triste.

— Mas isso ha-de esquecer em Pariz, disse eu, enchendo-lhe a taça de champagne.

* * *

Quinze dias depois, os jornaes noticiavam a renuncia de Carlos de V. ao cargo de addido á nossa embaixada em Pariz. Surprezo e receiando que essa renuncia fosse determinada por motivos de saude, fui procural-o.

Achei-o alegre, a brunir as unhas, assobiando como um melro feliz.

— Que resolução foi essa? Renunciaste ao teu sonho dourado?

Elle respondeu sorrindo:

— Afinal, meu caro,

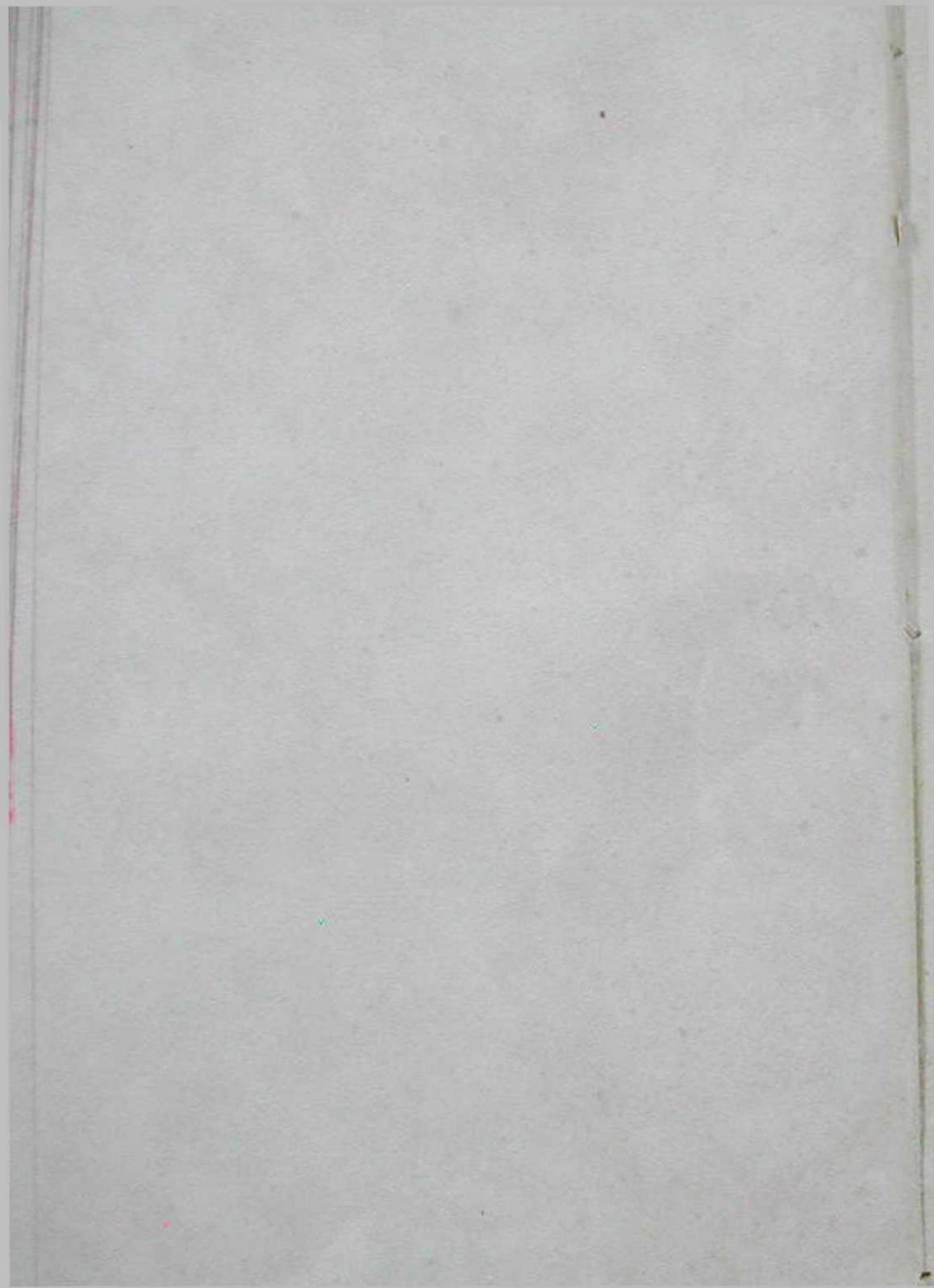
*On revient toujours
A ses premières amours.*

... que queres? A minha loucura renasceu e hoje ella é mais forte do que foi outr'ora, porque agora já sei amar, o que então não sabia.

— E esses projectos de viagens, de amores doidivanas, de entrevistas misteriosas n'un *entre-sol* artístico da Chaussée d'Antin...

— Tudo isso concentra-se hoje na *Choupana das rosas*, que está mais florida do que nunca esteve, offerecendo-me o encanto de uma ventura readquirida com a vantagem... de um marido ausente.

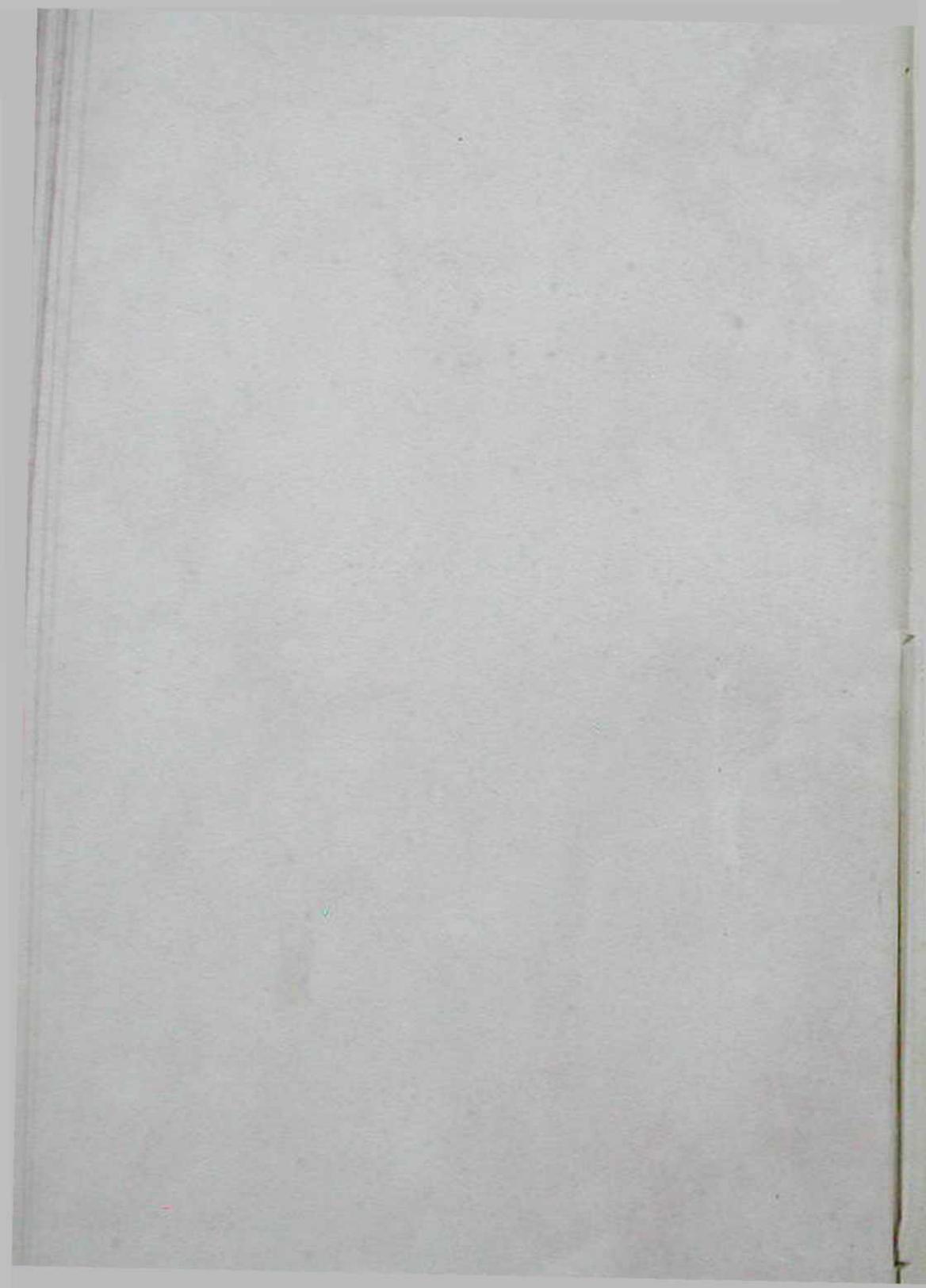


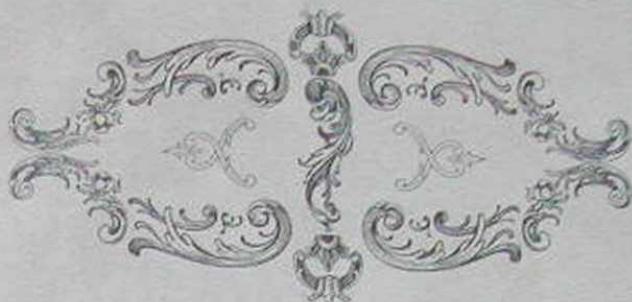


Os Segredos de Miss Consuelo

Desvendados pelos seus íntimos.

A Lucio de Mendonça





Qavia cinco minutos que Miss Consuelo sahira, montada a bicyleta, em matinal excursão de prazer, deixando em repouso o seu *panier*, os negros normandos e o pequenino *groom* inglez, quando no *boudoir* da semi-mundana Phebo penetrou de chofre despertando Louro, Totó e Bichano, que dormiam felizes.

No começo, ainda estremunhados, de olhos semi-cerrados, receiando a claridade brusca do sol, nenhum delles percebeu a ausencia da loura diva; mas quando Bichano, ajuntando as patas, aleatruzando o lombo, empinando a cauda, disponde-se enfim a ca-

minhar de manso, felinamente, para o quarto contíguo, viu pela porta entre-aberta o leito deserto onde só jaziam, guardando o calor do lindo corpo ausente, o *edredon* roseo, as cambraiás rendadas, as almofadas velludosas e as gazes dos cortinados pendentes, quasi chorosos, um movimento de despeito fel-o estacar e um gemido saudoso partiu do seu peito felpudo de angora *gate*.

Totó, o *carling-dog* roliço, que ainda procurava reconquistar o sono, enroscado como um novello sobre um *pouff*, ao ouvir o gemido de Bichano, abriu os olhos e de um pulo atirou-se sobre o tapete lanudo, sacudindo o corpo para extinguir o torpor; e Louro, que cochilava empoleirado no centro de uma lyra sem cordas, que pendia do alto do *boudoir*, ergueu a cabeça de pennis ouriçadas e bateu as azas verdes.

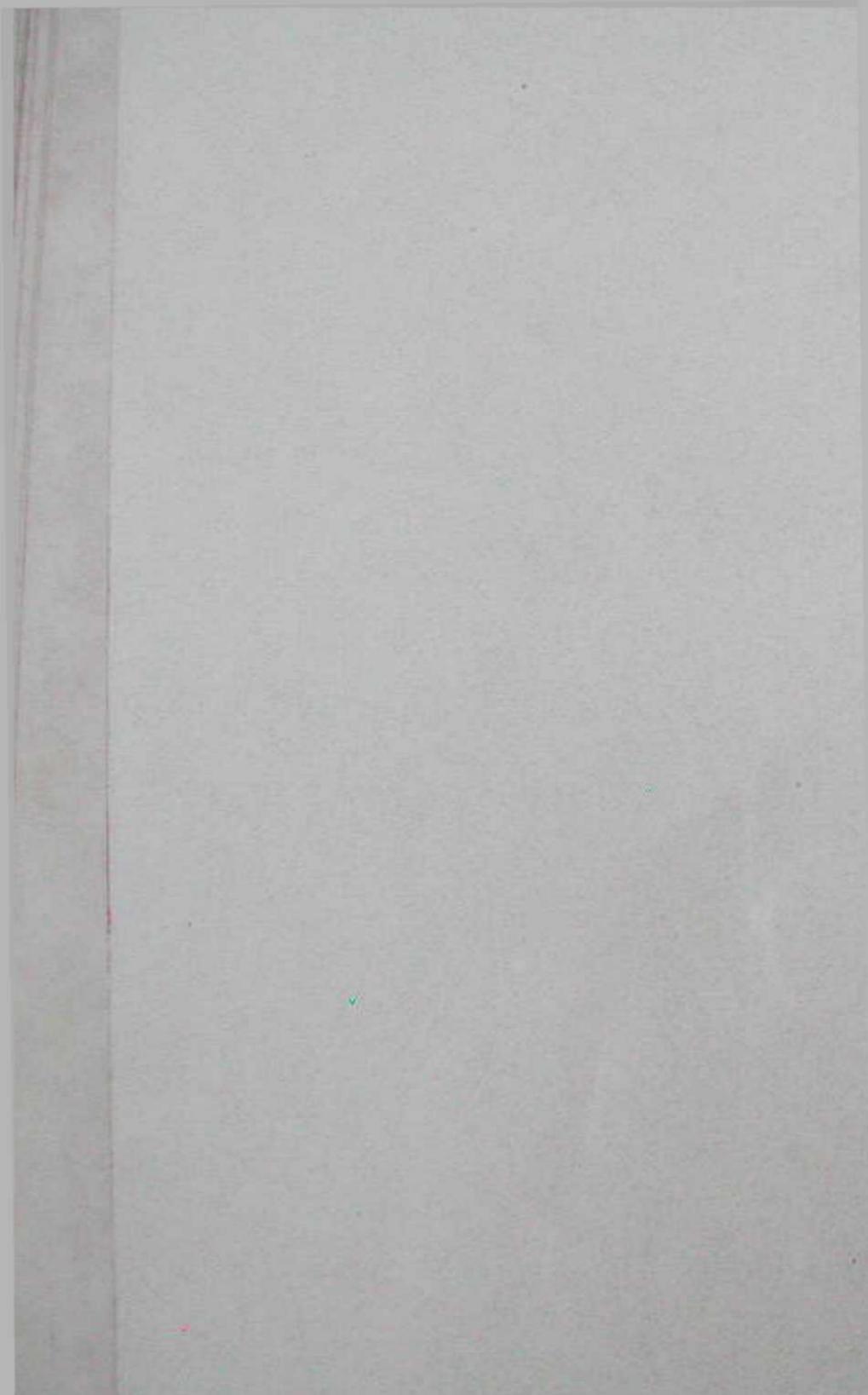
— Foi-se? inqueriu Totó de olhos lacrimejantes.

E Bichano, num miado choroso, onde a colera se misturava á dor, respondeu: — Partiu!...

Ouviu-se então o ruido da corrente



Miss Consuelo saluda montada a bicicleta... (Pág. 27)



de platina que prendia Louro à lyra
e uma voz guttural, metallica, com *rr*
predominantes, disse do alto:

— Com certeza, foi a uma nova
entrevista.

Mas Totó não o acreditou logo; mantendo uma tenue esperança, encaminhou-se rapido para o quarto contíguo, saltou sobre o leito e começou a metter o focinho negro por entre a alvura das cambraias e as maciezas do edredon *capitonné*, como quem busca formas amadas que se escondem por entre dobras tepidas. E, depois que revolveu todo o leito, haurindo com agridoce prazer um perfume deixado, um aroma delicioso de carne languida rosea e moça, depois que lançou um olhar tristonho para o divan onde se accumulavam chandalotes setineos de saias multicores e de camisas negras, ganindo suspiroso regressou ao *boudoir*, onde Bichano, ainda de lombo alcatruzado, de cauda aprumada, orelha vertical e olhos phosphorecentes, o esperava attonito.

— Não está!... confirmou elle desoladamente.

Então, desapontado e melancolico,

Bichano estirou as patas e o corpo num espreguiçamento indolente; e Louro, aguçando o bico no metal polido da lyra, exclamou:

— Ai de nós! o dia começa mal!...

Um longo silencio succedeu a este grito desalentador de Louro, e Totó, tornando a saltar para o *pouff* e retomando a sua forma habitual de novello, como quem diz —philosophemos— poz-se a olhar indiferente, distraido mas enfadado, para uma jarra chineza de cujo interior sahia uma umbella rubra coberta de renda-creme, que Miss Consuelo usava nos seus passeios campestres, em dias de sol claro e quente.

Bichano, já sentado sob uma meza de laca em cujo taboleiro voavam garças alvas por sobre lagos azues nos quaes yogavam juncos amarellos mosqueados de erysanthemas roxas, deixava ouvir o ruido gorgolejante da sua asthma eterna e sinistra.

— Penso que ella não foi para o campo — arriscou Totó — porque vejo alli a sua umbella rubra.

— Certamente — confirmou Louro, ironico — mesmo porque o enfatuado

Adonis de monoculo, que aqui passou toda a tarde de hontem, não mora no campo.

— O que mais me punge — rosnou Bichano — é o seu desprezo, o desapego crescente que ella vai manifestando por nós, que sempre a amamos e que nunca a trahimos...

Louro teve um pigarro importuno e tossiu seccamente.

— No começo — continuou Bichano — quando ella ainda morava na mansarda onde, até altas horas da noite, ensanguentava os seus lindos olhos de saphira manejando a agulha e chorando, era eu só, eu só, que passava essas noites de trabalho e de angustia no seu collo macio, atormentado pelo pensamento de a ver infeliz.

Depois, aos poucos, á medida que a fortuna lhe foi sorrindo, é que vocês vieram: primeiro, Totó, que foi um presente de Sir William Dougglass, o baronete que se suicidou porque a nossa querida ingrata esqueceu-se um dia de o beijar á sahida...

Totó, sempre de olhos fitos na umbella, deu um grande suspiro.

— Depois — prosseguiu Bichano —

foi Louro, que veio numa manhan de Maio trazido pelo estudante Marcello, esse grande estroína e o melhor coração que tem entrado nesta casa, estupida e cruelmente sacrificado á incorrigivel volubilidade de Miss...

Louro agitou-se na lyra e gaguejou:

— Era um bello rapaz...

Bichano continuou irascivel, fallando como um famulo queixoso:

— Nos tempos idos, nesses *felizes* tempos da pobreza, quando não tínhamos casa propria, nem cavallos, nem carros, nem quadros de artistas celebres, quando, em vez da medonha quinquelharia chineza que enche as gavetas e as prateleiras destes moveis epilepticos e caros, só possuiamos um triste quarto mal illuminado, uma pequenina mesa de pinho, uma enferrujada machina de costura, quatro pratos, duas chicaras e um magro leito de ferro sem *edredons* nem cortinados de gaze, eu passava longas horas, dias inteiros, no collo quente de Miss, sentindo a caricia dos seus dedos afilados e comparticipando da magra pitança que o trabalho escasso lhe dava.

— Felizardo! suspirou Totó.

— Mas tambem ajudava-a — acrescentou Biehano com ufania — sim ajudava-a a empurrar para a frente a ronciera carreta da vida. Para tornar-me menos pesado á minha doce companheira, eu caçava andorinhas pelos telhados e alliviaava a casa dos ratos destruidores, produzindo o duplo beneficio de exterminar inimigos e de fartar o estomago. A's vezes, tambem alliviaava a visinhança de alguns frangões ingenuos e, n'esses dias, a meza de Miss tinha mais um prato succulento e cheiroso...

— Eras, então, uma especie de *chat botté* do marquez de Carabas, interrompeu Louro sarcastico.

Biehano, fingindo não perceber o epigramma, continuou com calor:

— Mas, um dia, desapareceu esse tempo feliz das difficuldades negras; um rapaz da visinhança, astuto caixeiro de uma loja rica de modas, enamorou-se de Miss Consuelo, Miss enamorou-se delle e o nosso *menage* passou a ser um *menage... a trez*. Já no apertado leito não havia logar para mim, a não ser do lado dos pés, onde eu dormia resignado e pouco tran-

quillo, assistindo a uma constante permuta de caricias, raiando de ciúme. Todavia, não tenho desse homem queixas pessoaes amargas; elle só me roubou o meu lugar no leito e um pouco-cochinho da affeição de Miss; de resto, nos dias de arrufos, muita vez senti a blandieia dos seus dedos gordos, um pouco sardentos e cobertos de pellos ruivos, passando sobre o meu lombo felpudo.

Totó resmungou:

— Era melhor do que o de hoje, que só nos faz sentir a caricia... da ponta do pé.

Bichano, apaixonado e loquaz, continuou:

— Depois do caixeiro, veio um americano, que montou a primeira casa confortavel de Miss e que, depois de anno e meio de *menage* esquerdo, quiz casar-se com ella sob a condição unica de a levar para o paiz dos Mormons, onde elle tinha negócios rendosos, vinte e seis esposas anafadas e uma formidavel penca de filhos mais ou menos legítimos. Como Miss se recusasse obstinadamente a ser a vigesima setima consorte do va-

lente yankee, elle abandonou-a, deixando-lhe porém a casa, algumas apólices e diversas acções da Companhia «Feliz Lembrança», cujos directores estão hoje mais ou menos commoda-mente installados... na cadeia.

— Oh! oh! — regoucou Louro, coçando a cabeça — conheci de perto esses gajos; reuniam-se sempre num club fronteiro á casa de Marcello no qual passavam as noutes no jogo e na orgia.

— De modo que — atalhou Tótó, sorridente e satyrico — a *lembrança* da Companhia só foi *feliz* para elles.

— Parece — concluiu Biehano —; Miss nunca viu um vintem dessas acções, mas teve o bom senso de recusar os serviços de um advogado argu- cioso, que se propôz a rehaver da directoria rapace o dinheiro dissipado. Para consolar-se da perda do america- no, que era liberal e varonil, e tambem do prejuizo nas acções, Miss pescou um banqueiro pansudo, que lhe deu esta casa com carros e cavallos e com os moveis e as alfaias que possue. E assim ficou ella proprietaria de dous predios, um dos quaes lhe dá boa

renda e o outro o doce abrigo para todos nós. Com os afagos da fortuna, Miss começou a tornar-se pratica...

— Habito provavelmente contrahido durante as suas relações com o yankee, — murmurou Totó.

— Como percebeu que o banqueiro era gordo de mais para as filagranas subtis da paixão — prosseguiu Bichano — ella tomou de sobresalente Marcello, estudante da Polytechnica. Nesse tempo, tu ainda aqni não estavas, Louro. Marcello tinha vinte e quatro annos, mas não possuia vinte e quatro nickeis; em compensação, era rico de amor e de musculos. O *menage* começou então a ser a quatro: eu, que era permanente; o banqueiro, que vinha ás séte da tarde e sahia ás dez e meia da noute, fazendo crer á esposa que estava no club; e Marcello, que vinha ás onze da noute e só se retirava no dia seguinte um pouco antes das séte da tarde, olvidando se completamente do calculo transcendental e da mechanica applicada, que na Polytechnica eram fornecidos diaria e methodicamente aos que não tinham a ventura de gozar os encantos de Miss.

— E todavia elle não deixava de applicar a mechanica — observou Louro, fazendo um trocadilho reles.

— Pois foi por applical-a desastradamente — observou Bichano — que houve o rompimento entre o banqueiro e Miss: cousa natural e inevitavel, dado o temperamento de Marcello. Um dia, esse estouvado esqueceu-se das horas e quando o banqueiro chegou, subtil e contente, trazendo na mão um formoso ramo de camelias, encontrou-o ainda nos braços de Miss...

— Shocking! muito shocking!... observou Totó comicamente sério.

— E por mais explicações que Miss dêsse ao rotundo argentario, affirmando-lhe que Marcello era um dentista habilissimo, que, no sagrado exercicio da sua profissão, fora chamado para extrahir-lhe a raiz cariada de um molar, o banqueiro nunca acreditou que o boticão pudesse ser substituido pelos labios, porque era effectivamente com os labios que Marcello estava extrahindo a tal raiz da perfumada boeça de Miss.

— Talvez... um processo novo! — arriscou Louro.

Bichano sorriu e continuou:

— Do banqueiro foi sucessor o baronete, sir William Dougglass, o que aqui te trouxe, Totó, numa manhã de inverno, embrulhado em uma rica pellicça de zibelina. Por cautella, não confiando muito no ardor do baronete, que era esguio, magro e anémico, Miss reteve Marcello e o *me-nage* continuou a quatro.

Foi então que tu vieste, Louro. Para distrahir Miss do negro *spleen* do baronete, Marcello apareceu uma noite trazendo-te empoleirado nombro. Eras palreiro, sabias contar anedotas, tinhas a veia comica, dizia elle. E logo no dia seguinte o baronete, ao saber do achado, (porque Miss contou-lhe que entraras pela janella a supplicar sopas de leite) trouxe essa lyra onde tens vivido empoleirado, bastante semsaborão, valha a verdade, sem revelar jamais a veia comica de que nos fallava Marcello.

— Falta de oportunidade, expliquei Totó.

— Obrigado, disse Louro.

— Mas um dia, como na estafada poesia de Malherbes, onde, «neste mun-

do de misérias, as melhores cousas têm o peior destino», o baronete suicidou-se, trazendo-nos a polícia a casa, alarmando a vizinhança, arrastando Marcello e Miss a uma série de vexames e de contrariedades enfadonhas.

— Estou a vel-o, interrompeu Tó em phrase taciturna e lenta, o infeliz sir William, aos pés de Miss, supplicando-lhe o beijo da despedida e ella, caprichosa e despótica, segura do seu imperio, recusando-se terminantemente a dar-lh'o! Tudo isto porque o baronete fumara um charuto e não lavara em seguida a bocca!!.. Vejo-o ainda, erguendo-se desvairado, tomando o chapéu, seguindo lívido para a escada. Depois... *pum, pum...* e o baque de um corpo cahindo pesadamente no chão. Que noite angustiosa para todos nós! Nem ceia, nem chá com bolos, nem criados que nos servissem. Tudo numa balburdia; na rua, um *brounhaha* horroroso; depois... apitos, gritos, a casa cercada e invadida pela polícia e por uma multidão de curiosos, que ainda surprehenderam Miss Consuelo pallida, chorosa, transida de susto, ensanguen-

tada e tremula, arrastando o cadáver do amante para o canapé da cópa!... Um horror, até que se explicasse tudo e a polícia nos deixasse em paz...

— Mas, para que lembrar essas misérias? interrogou Louro.

— Voltaram depois os dias serenos — continuou Bichano — e durante os dous meses em que nesta casa só entrara Marcello não nos faltaram os afagos de Miss. Que dous deliciosos meses de ventura e de tranquilidade!

— E agora? interrogou Totó soerguendo raivosamente a cabeça.

— Agora, depois que Miss teve a desastrada lembrança de abandonar Marcello, substituindo-o por esse enfatuado e ridículo boneco, que só abre a boeça para dizer asneiras...

— Quanto a isso, o banqueiro não lhe ficava a dever nada — observou Louro.

— Mas, ao menos, tinha dinheiro e não nos maltratava, respondeu Totó mostrando os dentes alvos e agudos.

Pequeno e morno silêncio sucedeu à phrase dura do *carling-dog*. Louro quebrou-o para dizer:

— Nem Pachá nem Tigre sahem mais da cocheira; agora, os amores de Miss resumem-se na bicycleta e no parvoeirão de monoculo!...

Bichano saiu de sob a meza de lacca taciturno e enfarado; deu duas voltas em torno aos trastes do *boudoir*, de pello arripiado, saltou sobre uma estante fronteira á janella e d'ahi, através do reposteiro de bambú japonêz, olhou demoradamente para a rua.

Depois, voltou ao tapete e, animhando-se num canto, exclamou:

— E' de mais! é caso de mandar-se uma mofina aos jornaes...

— Magnifica ideia! approvou Totó, pondo-se de pé sobre o *pouff* e observando o effeito da lembrança em Louro.

— Talvez fosse bom, disse este timidamente.

— Só assim poderemos livrar-nos desse idiota, que nos rouba o socêgo e as caricias de Miss, — accrescentou Bichano.

E, saltando para a poltrona de uma secretaria de xarão marchetada a madreperola, tomou uma penna de ouro e disse:

— Se vocês concordam eu redijo a cousa...

— De acordo, e eu levarei a bomba aos jornaes, vociferou Totó.

Louro conservou-se silencioso. A pena de Bichano resvalou rapida e nervosa sobre uma folha de papel *moyen-âge* e, momentos depois, elle dizia satisfeito: — Ouçam lá:

Totó espevitou a orelha, Louro inclinou a cabeça e Bichano, a meia voz, leu a seguinte verrina:

« Previne-se a uma dama muito conhecida nesta cidade pelos seus continuos escandalos, que se continuar a fazer passeios a bicycleta até á casa de um certo pelintra, que a explora e a despreza, faremos publico o segredo... da morte do inglez.»

Bichano olhou para Louro e Totó, a ver o effeito.

— Magnifica! — exclamou Totó — principalmente o final...

— Sim, muito boa — disse Louro — sómente um pouco perversa; seria preferivel não fallar na bicycleta, que torna a allusão demasiado transparente...

— A bicycleta vem aqui em atençao a Pachá e a Tigre, que por causa d'essa estnypida machina tambem têm sido desprezados — explicou Bichano. Depois... ha tanta gente que anda a bicycleta...

— Sendo assim, nada tenho a objectar, — ponderou Louro.

E já Totó se apoderava açodadamente da mofina e dispunha-se a partir, quando todos ouviram um leve ruido de passos na escada.

— E' Miss, que volta! denunciou Louro a meia voz, apressadamente.

Foi uma metamorphose completa. Bichano desceu da poltrona e encurralou-se atraz de um reposteiro; Totó enovelou-se no *pouff*, depois de occultar o papel da mofina dentro de uma jarra; Louro fechou os olhos e simulou que dormia.

De modo que, quando a figura elegante de Miss Consuelo appareceu á porta, rosada e alegre, um grande silencio pesava sobre o *boudoir*.

— Que é isto? dorminhoces! exclamou a linda rapariga abrindo as janellas e olhando alternadamente para Louro e Totó.

Louro respondeu, bocejando:

— Accordamos ha muito tempo, mas como o almoço se demorava reatamos o sonno para illudir a fome.

— Coitados! murmurou ella entristecida, afagando o focinho de Totó e atirando um beijo a Louro.

Bichano surgiu então do seu esconderijo e caminhou para a diva, em passo lento e de cauda alçada.

— Men pobre Bichaninho! muito aborrecido com a demora da tua Suêlo, não é? Estás com muita fome?...

E recebeu-o no collo, cobrindo-o de caricias. Depois, ordenou que fosse servido o almoço para quatro e, enquanto a *soubrette* chamava Totó e conduzia Louro ao hombro, disse:

— Aposto que fallaram muito mal de mim...

— Não — protestou descaradamente Louro, da porta — fallamos sempre dos teus encantos, da tua grande liberalidade, da vida deliciosa que nos proporcionas, das qualidades do teu amante e das caricias que nos prodigalisas; só isto.

— Bonzinhos! exclamou a credula,

beijando contente o focinho serioso
e hypocrita do felino.

Minutos depois, Miss Consuelo, mudando de *toilette*, patenteava aos olhos phosphorecentes e cubicosos de Bichano, em completa nudez, as suas formas voluptuosas de pagan, que se reflectiam esculpturalmente n'um *psyché* de crystal; e, passado algum tempo, já vestida, perfumada, fresca e apetitosa, deixava o quarto, levando nos braços, maternalmente, o impudico Tartufo para a meza do almoço.

E tão inebriada ia com o precioso fardo ao collo que, ao atravessar, o *boudoir*, não viu o maligno *carling-dog*, que alli se introduzira sorrateiramente para occultar melhor a moça que, pouco antes, escondera na jarra.

A voz de Louro cantarolava lá dentro:

— O dia começou mal, mas parece que acaba bem.

O sol entrava a jorros pelo alpendre que precedia a sala onde o almoço esperava; e no jardim, aromado pelo perfume da verbena, do lyrio

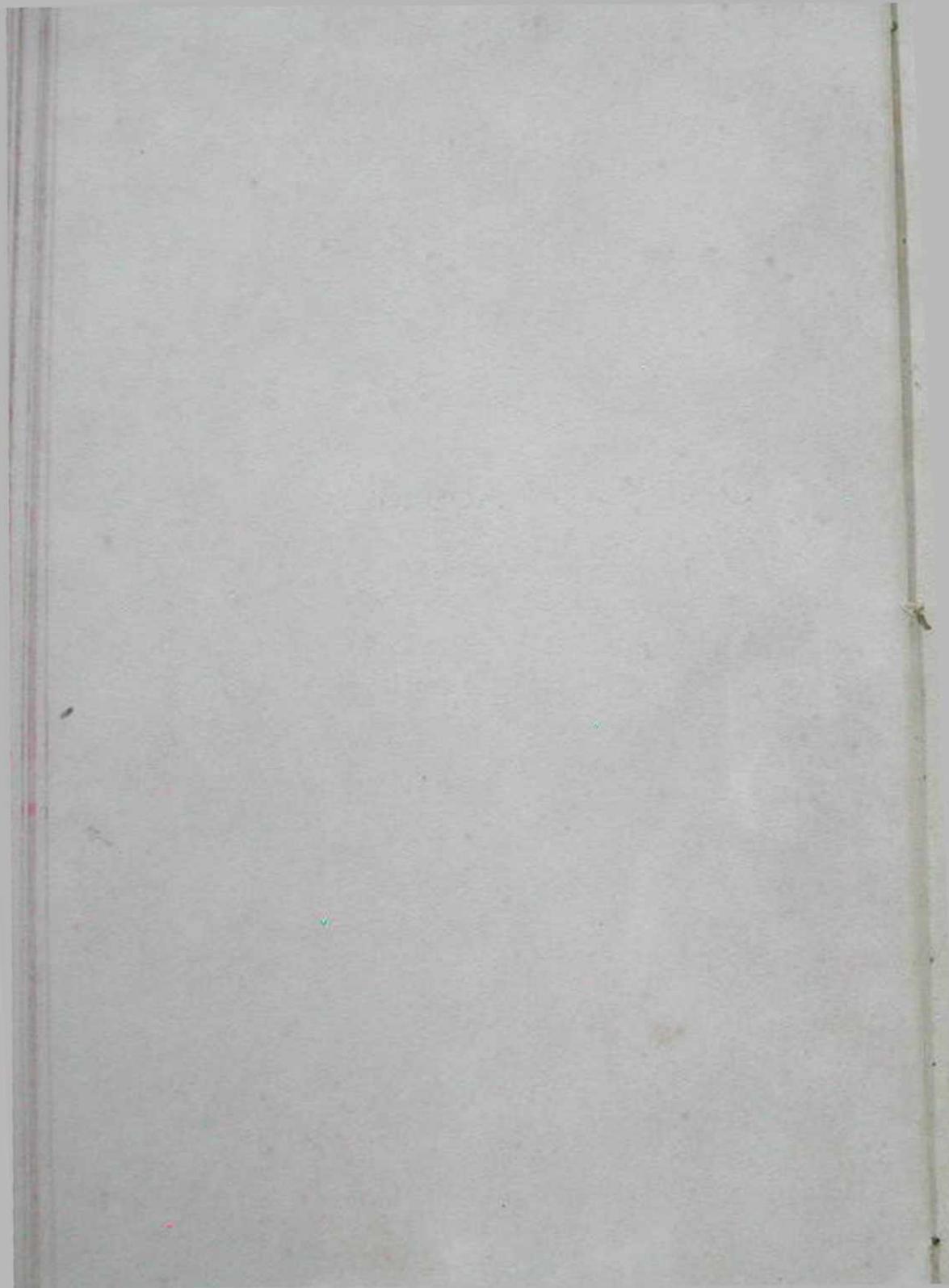
e do heliotropo, o passaredo chilreava madrigaes e entoava hymnos em louvor á lealdade e á gratidão dos seres.



O Caso do Abbade

(People of high life)

Ao Dr. Silva Ramos





Eins do inverno. Bretanha—1865.

O abbade depois de sôrver vagarosamente uma pitada, tendo um malicioso sorriso a brincar-lhe nos labios grossos, olhou de soslaio para o barão e disse pausadamente, medindo as syllabas, com a sua voz maviosa e cadenciada:

— Já que tanto insistem, eu conto o caso, como o caso foi.

Pelos olhos azues da baroneza passou um relampago de curiosidade. O gorgorão crème do seu rico vestido coberto de *Valenciennes* grunhiu um «frou-frou» desinquieto e demorado.

Ella puxou a poltrona para junto

da meza redonda, onde o abbade es-palmara por habito o lenço de Nuno da India, e sentou-se. Depois, velando o rosto na sombra do «*abat-jour*» do bello lampeão de porcellana de Sèvres, cruzou os braços sobre o collo, pou-sou os pés sobre um tamborete e, n'uma attitude elegante e commoda, fitou os olhos luzentes de curiosidade no rosto redondo e liso do padre.

O barão, estirado n'uma «*chaise-longue*» afagando a linda barba loura, talhada á Nazareno, e tirando a es-paços umas fumaças de um «londres» genuino, fitou tambem o abbade e sorrindo, sorrindo velhacamente, como quem espera um caso galante e api-mentado, apurou o ouvido. Ouvia-se o «tic-tac» do pendulo pousado sobre o marmore negro do fogão, onde brin-cavam rindo duas bachantes núas ar-rancadas ao marmore côn de rosa de Paros pelo cinzel poderoso de Pradier. O aposento era pequeno: — um gabi-nete de recepção dos intimos, que pre-cedia a camara nupcial da baroneza,

Pelas paredes d'esse ninho elegante onde muitas vezes estalaram beijos de um amor impaciente, desciam as

alcatifas caras, que o Oriente fabrica para gozo dos ricos.

Não se via alli um quadro, mas, pelos cantos e sobre os moveis finos de feição chineza riam satyros de bronze e dormiam silenos de lava toucados de parra e ébrios de phalerno.

Um tapete da Persia, cuja felpa alta e macia abafava o ruido dos passos e convidava a espojar, cobria o chão; e do tecto envernizado, onde as madeiras raras da America desenhavam mosaicos lindissimos, pendiam lanternas do Japão e aves de rapina de azas abertas, simulando voar.

O brazido do fogão, que derramava um calor brando pelo ambiente, crepitava, crepitava, enquanto lá fóra a nortada rugia e curvava irreverente o cimo alteroso das arvores seculares do parque.

Por uma porta semi-occulta na tapeçaria das paredes e que por descuido ficára entreaberta, via-se uma nesga da camara nupcial, silenciosa e iluminada por uma luz branda, coada propósitalmente atravez de anteparas azues, para pôr nos moveis, no chão, nas tapeçarias, em tudo, uma côr celeste.

Requintes de apurado gosto artístico da baroneza haviam levado para alli um leito — obra prima de talha de subtil lavor — apparentemente suspenso no ar, porque sustinha-se em uma perna unica e baixa, posta no centro, como se o leito fosse uma taça. Em vez do champagne, espumava sobre elle a alvura das cambraiás e das escamilhas bordadas.

A camara nupcial... mas, ouçamos o caso:

O abbade, sem escarrar, sem tossir, sacudiu com um piparote o rapé que lhe manchara a batina, e sorrindo, sorrindo sempre maliciosamente, pousou o olhar negro e luzente nos olhos garços da baroneza, que scintillavam na sombra, e disse:

— Ponho escrupulos de lado, porque nem se trata de desvendar um segredo do confessionario, nem de trahir a confidencia de um amigo.

E deu começo ao seu caso galante com desembaraço, rapidamente, sem entrar em muitos detalhes, indo directamente ao ponto capital.

O caso era este:

«Corriam boatos que o seu casa-

mento com a Helena se havia frustado, porque os sens paes se oppuzeram. Calumnias; a historia fôra outra.

«Elle vira pela primeira vez a Helena quando tinha dezoito annos e ella já contava vinte e quatro.

Alta, cheia, sem ser gorda, de olhos pretos e cabellos ainda mais negros do que os olhos, a Helena era, nesse tempo, uma mulher appetitosa, de uma belleza agreste, mas attrahente.

«Elle cursava então o Seminario e amando-a e desejando-a com todos os arrebatamentos de um amor cheio de illusões, sentia em si todas as revoltas do sentimento e da carne contra essa vida de celibato e de amores mysticos a que se votava corajosamente para fazer a vontade aos paes.

Todavia, a Helena povoava-lhe os sonhos e com aquelles olhos negros, que o fitavam longamente quando elle atravessava a estrada em caminho do Seminario, trouxera-lhe o desequilibrio na sua vida calma e alegre de estudante despreocupado.

Ora, uma manhã, elle seguia para o Seminario, e porque já fosse tarde,

para encurtar o caminho, tomou um atalho que cortava diagonalmente um campo, que marginava a estrada real.

«Era em Maio. O campo estava coberto de trigo, de um trigo alto, ondulante e louro, propicio a ninhos de codornizes e a escondirijos de namorados.

«A manhã lindíssima, uma manhã primaveril, perfumada, cheia de um sol brando e claro, que fazia florir a vinha e punha canticos festivos no bico do passarêdo.

«Elle ia apressadamente seguindo a estreita vereda, meio occulto pelo trigo cujas espigas fulvas lhe batiam no peito, sorvendo voluptuosamente os aromas campesinos e forjando mentalmente a desculpa que havia de apresentar ao reitor — um padre aristocrata e autocrata — para justificar a demora, quando de突to ouviu uma voz de mulher, que sahia do trigal a poucos passos do logar em que estava, e parou. Era a voz d'ella, da Helena, e elle conhecendo-a logo, esqueceu-se do Seminario e entrou afontamente na seara.

«A pequena distancia, viu-a aga-

chada no meio do trigo, dando gritos infantis em presença de uma grande ninhada de ovos de codorniz, que lhe enchia o regaço.

«Achou-a linda, mais linda do que nunca, com uma papoula vermelha nos cabellos negros, os olhos scintilantes de prazer, segurando o avental cheio de ovos com as suas duas mãos pequeninas, gordas, macias, onde atra-vez da epiderme finissima ondulavam as veias como serpes azues.

«Elle viu-a assim, n'aquella attitu-
de despreoccupada, durante alguns
momentos, sem ser presentido por ella;
e fascinado, attrahido, sentindo-se im-
pellido pelo calor do sangue meridio-
nal que lhe corria nas veias, cami-
nhou resolutamente para ella, segu-
rou-lhe a formosa cabeça entre as
mãos e encheu-lhe a bocca de beijos.

«Ella não tivera tempo de defen-
der-se, de chamar, de pedir socorro.
Sentira-se inopinadamente agarrada
por dois braços vigorosos e debatia-se
como uma creança impotente, sem
poder gritar, porque elle abafava-lhe
os gritos com beijos, com beijos ar-
dentes, onde explodia com brutalidade

um desejo violento longo tempo reprimido.

«Afinal, ella já supplice e temerosa pediu-lhe que a deixasse.

«Deixa-a?... Elle a tinha alli entre os seos braços, fraca, vencida, indefesa: era sua, podia apropriar-se d'ella, saciar todos os seos desejos, possuila, era só querer. Podia, sim, mas teve um momento de reflexão e, conseguindo dominar-se, largou-a repentinamente, sem dizer uma palavra, e principiou a correr pela seára a fóra, sem saber para onde ia.

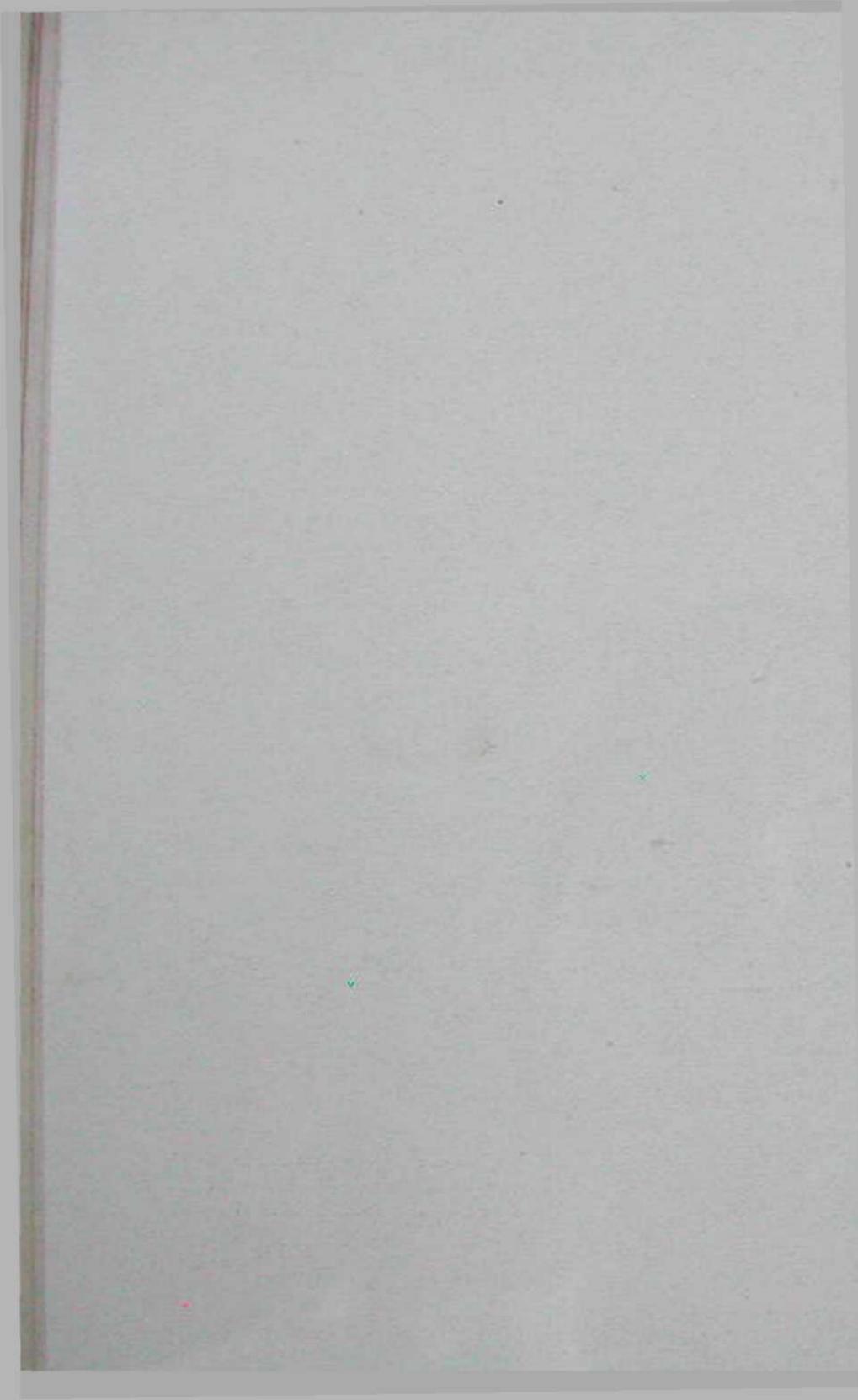
«Uma hora depois, mais calmo, vendo-se só no seo quarto de estudante, de onde se avistavam ao longe as duas torres escuras do Seminario, d'esse Seminario que era o tumulo de todas as suas illusões, reflectiu maduramente no luctuoso e triste futuro que o aguardava sob a sotaina e recordando um instante a sua imprudente ousadia e pensando em reparal-a, tomou a inabalavel resolução de romper contra a vontade paterna.

«E rompeu.

«Desse dia em diante, nunca mais voltou ao Seminario, mas, em com-



Entrava n'esse momento a
creadinho loura da baroneza com
a bandeja de chá. (Pag. 59)



pensação, ia frequentemente procurar ninhos de codornizes á seára.

«Era alli, n'aquelle mesmo campo onde vira a Helena agachada, com o avental cheio de ovos, que elle, ora entre o trigo, ora entre o milho ou entre o centeio, conforme a estação, encontrava-se sempre com ella, a eleita do seo coração, a casta noiva estremecida, que, em breve, havia de conduzir ao altar pelo seo braço orgulhoso e feliz.

«E sentindo-se contente por ter renunciado ao celibato forçado a que o condemnava a batina, alli passava horas esquecidas com ella a conversarem honestamente de um futuro rissonho cheio de blandicias e das mais sedutoras promessas.

«Assim correram muitos mezes n'esse idyllo casto.

«Mas uma noite, quando voltava da casa de um velho amigo, que o mandara chamar para fallar-lhe confidencialmente de uns rumores, uns certos rumores exquisitos, que punham um pouco em duvida a castidade da sua noiva — confidencia esta

que o obrigou a insultar violentamente o antigo camarada e a romper de uma vez com elle — ao saltar a cancella de uma vinha, viu dois vultos — um homem e uma mulher — que apressadamente procuraram occultar-se nas sebes.

«A escuridão da noite não lhe permitiu conhecê-los logo, mas um pressentimento aziago impeliu-o a ir-lhes no encalço. E caminhando nas trevas por entre as sebes, como um podengo que persegue laparos, conseguiu alcançá-los podendo então verificar que os dous vultos eram... a Helena — a sua noiva estremecida — e o reitor — o famoso autoerata do Seminário — que ali estavam áquellas horas... provavelmente a conversar sobre o meio prático de fazer a uva sazonar em Janeiro.»

A baroneza, não podendo conter uma gargalhada estridente e nervosa perguntou maliciosa:

— E chegaram a um resultado verdadeiramente prático, abade?

Elle, sorrindo sempre e sempre mafioso, respondeu:

— Não sei, mas eu cheguei a... a fazer o reitor saltar a cancella com dois pontapés, e, dessa memorável noite em diante, segui para o Seminário, mas... sempre pela estrada real.

E limpando os lábios no lenço de Nuno da India rematou, repetindo:

— Ora ahi têm o caso, como o caso foi.

Entrava n'esse momento a creadinho loura da baroneza com a bandeja de chá nos braços.

O abbade sorveu em tres goles o delicioso chá aromático, que a baroneza despejara com as suas mãos de jaspe n'uma pequenina chicara de porcellana «casea de ovo», e erguendo-se de um impeto disse:

— São horas, vou-me.

E despediu-se.

Ao estender-lhe a mão, o barão gracejou:

— Vê lá se vaes encontrar outra vez o reitor, ao saltar a cancella da vinha...

— Não, porque já morreu, mas, se encontrasse a Helena...

— O que faria? inquiriu curiosa e apressadamente a baroneza.

O abbade, inclinando-se para o barão segredou-lhe algumas palavras ao ouvido.

E sahiu, sorrindo sempre e deixando o fidalgo a estorcer-se de riso na *chaise-longue*.

A baroneza, morrendo de curiosidade, veio sentar-se n'um *pouff* junto da *chaise-longue* e pediu ao marido que lhe contasse a confidencia.

O charuto estava acabado e o barão, levantando-se, pousou um olhar distraído nas bachantes nuas talhadas no marmore côn de rosa de Paros que brincavam sobre o fogão; depois, estendendo os braços para a baroneza obrigou-a a levantar-se tambem e, a meia voz, com os labios quasi collados aos d'ella, enlaçando-a pela cintura, repetiu-lhe a resposta do abbade.

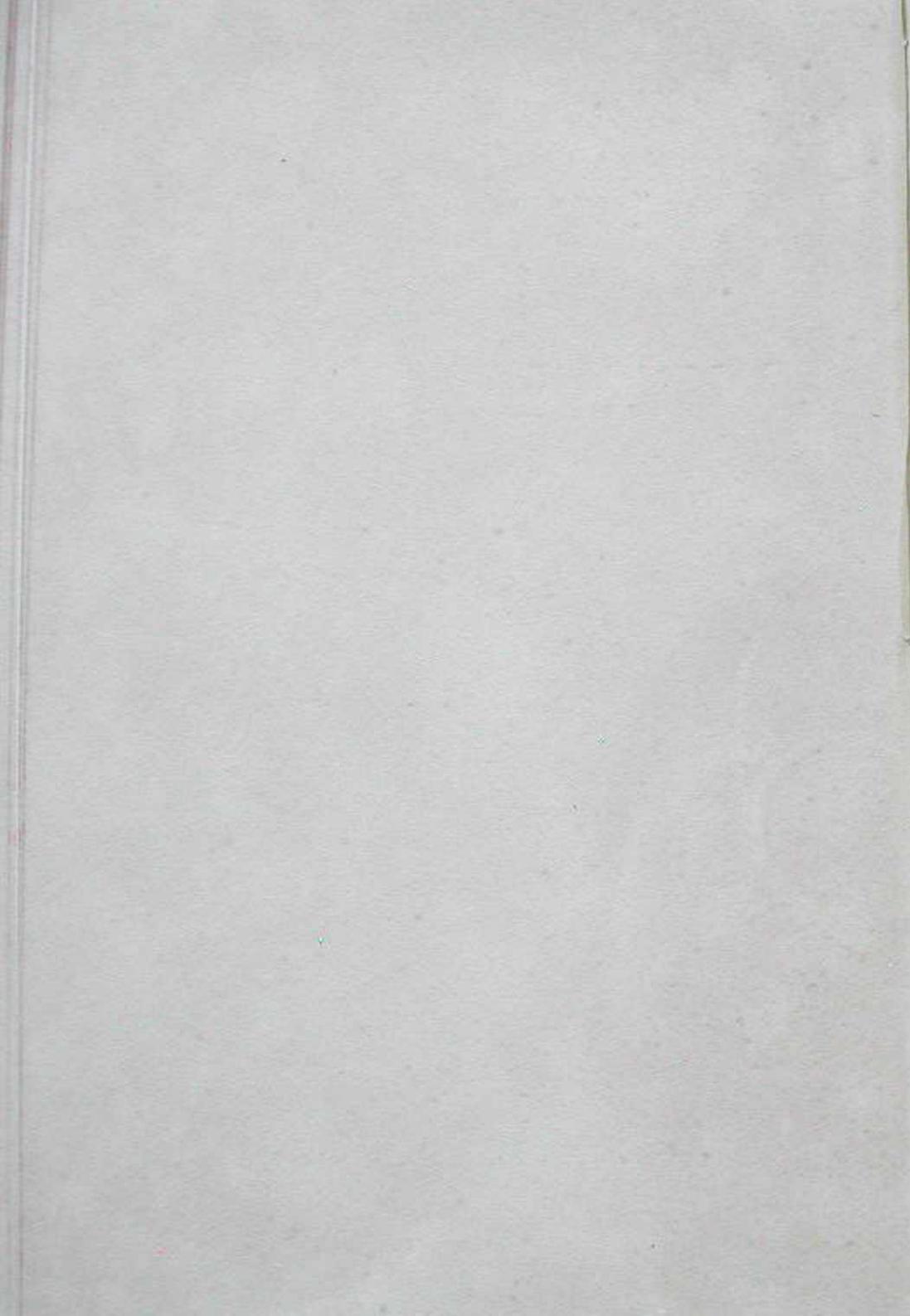
Ella, risonha e amorosa, passou-lhe um braço em torno do pescoço e impelli-o com brandura para a frente.

E assim abraçados, como noivos livres e jovens, elles entraram na camera nupcial, onde a luz das lampas

rinas, coada atravez das anteparas azues, punha uma côr celeste nos moveis, nas tapeçarias e nas cambraiias rendadas do leito. (*)

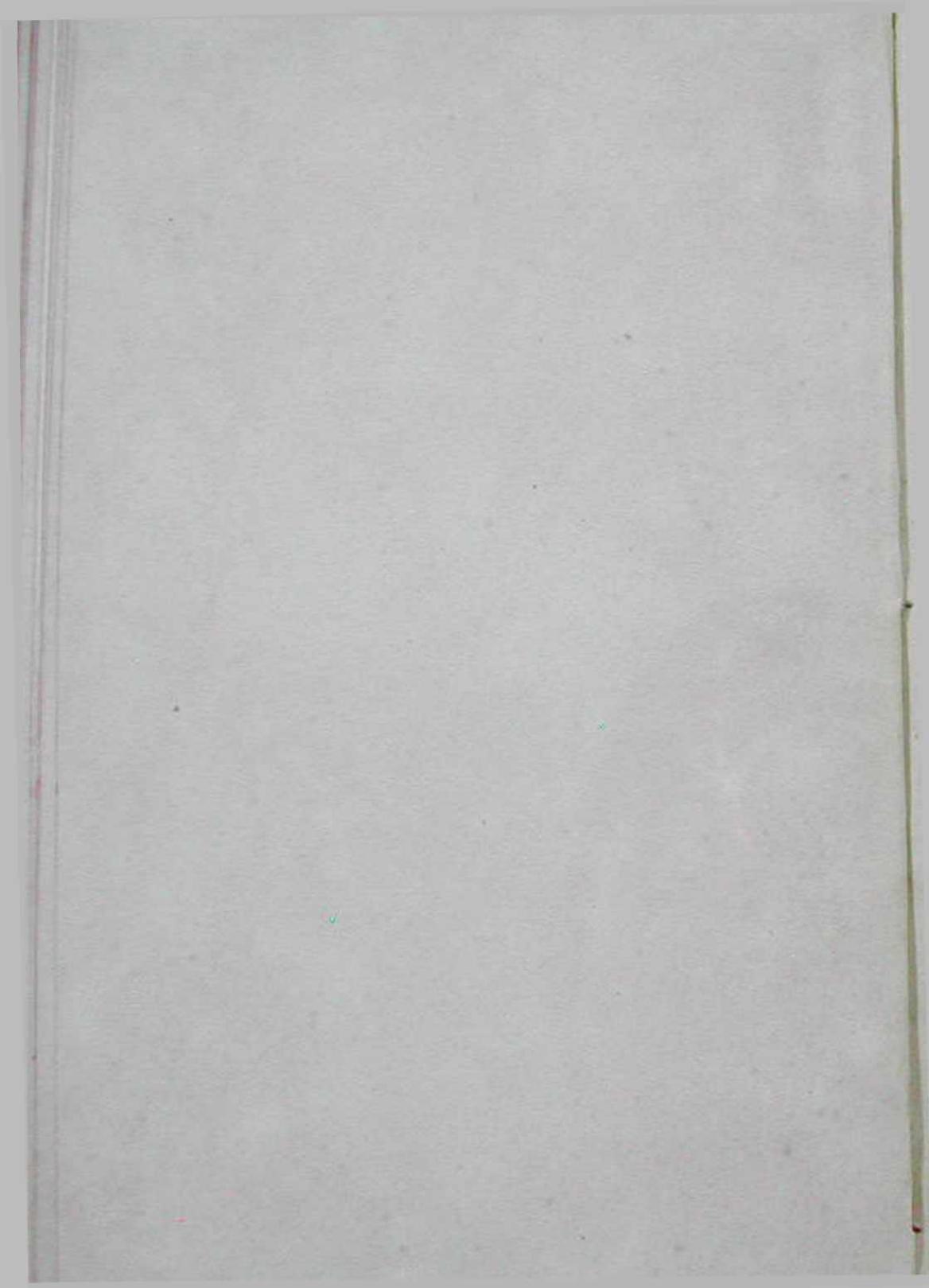


(*) Nota A, no fim do volume.



Para melhor Mundo

Ao Dr. Augusto Fomm





Nessa manhã de Natal, luminosa e fresca, M.^{me} Lenoir, ainda em penteador, alegre e garrula, enfeiava, na sala da bibliotheca da sua habitação garrida, a virente araucaria minuscula que devia encher de gaudio o pequeno Alberto, cobrindo-a de *bibelots* polychromos e de docuras appetitosas, — quando uma creada entrou no aposento e lhe entregou uma carta.

M.^{me} Lenoir olhou para o sobreescrito e, extranhando a letra, indagou :

- De onde veio isto ?
- De casa do pai de V. Ex.^a
- De casa de meu pai ! ...

Muito admirada, rasgou o enveloppe, e passou os olhos pela carta.

Uma pallidez subita substituiu as roseas cores do rosto de M.^{me} Lenoir, as suas lindas mãos patriciais tremaram e um suspiro abafado escapou-lhe do peito. Depois, afirando a carta sobre a meza onde se erguia a aranaria, levou as mãos ao rosto e começou a soluçar.

A creada, pasmada e solicita, correra para a ama, e carinhosa, sem conhecer ainda a causa d'esse pezar imprevisto, conduziu-a docemente para junto de uma poltrona, onde a fez sentar.

E timidamente, respeitosamente, inquiriu:

— Que foi, minha senhora? Aconteceu alguma cousa ao Sr. Affonso?

M.^{me} Lenoir não respondeu; soluçando sempre, sempre com as mãos no rosto, ensopando em lagrimas o seu fino lenço de *batiste* dava silenciosamente expansão á sua dor.

A creada, perplexa, desejosa de ser-lhe útil n'esse transe doloroso, perguntou ainda:

— Quer que vá buscar o menino Alberto?... elle já deve estar accordado.

A cabeça de M.^{me} Lenoir agitou-se nervosamente e da sua garganta partiu, depois de um grande esforço, esta phrase rouca:

— Não, não, traze-me agua para beber.

A criada sahiu, cerrando discretamente a porta da bibliotheca.

M.^{me} Lenoir só tinha duas affeições no mundo: seu filho Alberto e seu pai. Filha unica de um velho rico e libertino, cedo perdera a mãe e cedo vira-se entregue aos cuidados de estranhos.

Para ver-se livre de uma creança, cuja presença o constrangia, impedindo-o de dar largas ao seu temperamento fescenino, o velho Affonso Marquet começara pondo a filha em casa de uma instructora, que lhe servia de mãe e de mestra, e acabara encerrando-a em um collegio, onde ia vel-a raramente, compensando as largas ausencias com amiudados presentes fascinadores.

A despeito d'este regimen pouco affavel, a creança, que herdara o bello

coração materno, tinha uma grande affeição ao pae e amava-o sinceramente.

Assim cresceu, assim se desenvolveu, esquecida e triste, sempre encerrada entre as quatro paredes do mesmo collegio, vendo o pai poucas vezes, sem conhecer as alegrias do lar e os carinhos dos amigos. Para encher o vacuo da sua alma sentimental e meiga, illustrava-se, lendo muito, estudando com o prazer e a aancia de quem procura derivativos para o tedio e distracções aos pezares do isolamento e da reclusão.

Mas, um dia, amanheceu mulher feita e não era mais possível continuar no collegio. O velho Affonso, bem a contragosto, viu-se forçado a conduzil-a ao seu lar de libertino, onde tanta vez espumara o champagne da orgia e estalara o beijo do amor livre. Todavia, a presença, em sua casa, d'essa mulher, d'essa linda mulher que não era como as outras, constrangia-o, obrigando-o a mudar de habitos arraigados, cuja continuação a sua velhice cupidinea e ardente imperiosamente solicitava.



Afirmando a carta sobre a mesa
levou as mãos ao rosto e come-
çou a soluçar. (Pag. 65)



Atormentado pela forçada abstenção dos seus prazeres commodos, o velho Affonso cogitou em casar a filha.

Era um meio facil de ver-se livre d'ella, recuperando a sua ampla liberdade perdida. E, uma noite, esse pae egoista e frívolo notou, entre os seus parceiros de *baccarat* no Club, um rapaz *viveur* e esperto, bem galante, bem distinco, rasoavelmente educado e como elle de origem franceza, que, á seu ver, era muito capaz de fazer a felicidade da filha, se ella quizesse ter a complacencia de amal-o um poucochinho.

E, com essa ideia fixa, começoou a levar o rapaz a casa, a dar-lhe jantares, a pol-o em contacto com a filha. Sagaz e ambicioso, o galante Lenoir percebeu os intuitos do velho e, como o *negocio* convinha-lhe em todos os sentidos, fez a desejada corte e conseguiu fazer-se amar.

Poucos mezes apôs, o casamento fazia-se, e o casal ia habitar uma linda chacara com que o velho Affonso presenteara a filha.

A vida conjugal de M.^{me} Lenoir

foi de duração curta e de ventura escassa. Passada a lua de mel, durante a qual ella apenas entreviu uma nesga do céo da felicidade sonhada, o marido voltava á vida enervante e dissipadora dos clubs, abandonando-a noites inteiras, isolada e desilludida, entregue á insomnia e aos sustos.

Felizmente o acaso, esse bom amigo incognito, que ás vezes surge providencialmente para dar lenitivo aos que soffrem, veio libertal-a desse companheiro instavel, arrebatando-o á vida, que para elle resumia-se nas emoções que produzem os prazeres frivulos e o rectangulo verde da meza do jogo. E assim foi que, dous annos depois de casada, M.^{me} Lenoir, apenas com dezenove annos, achou-se viuva e em vespertas de ser mãe.

Quando nasceu o pequeno Alberto, havia tres meses que o Sr. Lenoir repousava no Cajú, em baixo de uma grande pedra tumular. Essa creança, que não conhecera o pai e que estava destinada a ser o consolo unico da mãe, despertou uma grande affeção piedosa

no avô. Talvez o remorso de não ter consagrado uma affeção mais intensa á filha, talvez a fadiga produzida pela vida dissoluta que passara, impellisse o velho contricto a dedicar-se com exagerado apêgo ao neto. N'esse rebento louro concentrava todos os seus affectos; e elle, que tanto affastara de si a filha, acabou por não poder passar um dia sem ver o neto, sentando-o nos joelhos, animando-o, beijando-o, acalentando-o com excessos de ternura. Entre os braços da mãe carinhosa e os joelhos já tremulos do avô, essa creança avançou pela vida e attingiu os nove annos.

M.^{me} Lenoir, embora moça, formosa, rica e requestada, achou-se bem na sua viuez, e preferiu conservar a independencia, que ella lhe trouxera, a correr o risco de levar para o seu lar tranquillo um segundo marido igual ao que tivera. Demais, a sua existencia, toda ocupada com o filho, era-lhe agora menos insipida, agradável mesmo.

Via diariamente o pae, que, embora morasse em casa própria, tinha um talher constante á sua meza e raro

deixava de sentar-se entre a filha e o neto, para encher o pequeno de gulodices e fazer-lhe todas as vontades.

Para ter essa creança constantemente feliz e satisfeita, o velho despovoava as prateleiras das lojas de brinquedos e inventava toda a sorte de loucuras. Um pedido de Alberto era uma ordem para o avô, que, na sua indulgência senil, chegava muitas vezes a contrariar a filha para não ver murchar o sorriso vermelho nos lábios do neto.

Tal era a situação de M.^{me} Lenoir, quando, na manhã de 25 de Dezembro de 1886, na ocasião em que na sala da sua biblioteca preparava a árvore de Natal, que o velho Affonso occultamente lhe levara na véspera para surprehender o neto no dia seguinte, recebeu inesperada e brutalmente a notícia, comunicada laconicamente por um criado, do falecimento repentino de seu pai.

E fôra essa nova que a puzera em lagrimas, n'uma afflictão angustiada e acabrunhadora.

Não podendo subjugar logo a sua

dor, não tendo coragem para comunicar essa triste nova ao filho. M^{me} Lenoir, no auge do desespero, levantou-se, passeiou ás tontas pela casa toda e afinal refugiou-se no fundo do seu jardim, para enxugar as lagrimas e poder apresentar-se serena, apparentemente alegre, á criança. No seu coração amoroso e terno aninhava-se, como um espinho de tres pontas, o pesar pela perda do paí, a angustia pelo pesar do filho e ainda o desgosto de ver o orfão, privado dos seus brincos infantis n'esse festivo dia de Natal, em que, desde a choupana do pobre até ao palacio do rico, todas as crianças riem, todas folgam n'uma alegria communicativa e saudosa.

Como começava triste para essa pobre mãe afflita esse dia de Natal, cuja manhã luminosa e fresca levava o jubilo a toda a parte!

Na vespera, á noite, ella e o pae tinham adormecido juntos o filho extremerido, mantendo-o na risonha esperança de que, durante a noite, o bom S. Nicolau, de barbas longas e alvas, havia de trazer-lhe um mundo de brinquedos dentro dos bolços for-

midaveis da japona guarnevida de arminhos. E, depois que o pequeno fechara os olhos sorrindo e entrara mansamente na região dos sonhos felizes a pensar no S. Nicolau e no seu trenó puchado a rennas, foram ainda juntos — ella e o pai — até á bibliotheca, para ahi depositar a araucaria virente e as cornucopias de teteias e de *bonbons*, que o velho indulgente trouxera da cidade no fundo da sua victoria.

E quando ella, cantarolando alegremente, preparava a arvore para surprehender a criança, espalhando pelos galhos ouriçados da araucaria as pequenas locomotivas, os carrinhos, as trombetas, as lanterninhas chinezas, os *bonbons fondants*, os polichinelos bigebos, os tambores, as caixas de jogos, todo um mundo de *teteias* á mistura com algumas joias, eis que lhe entra pela porta a dentro a borboleta negra do infortunio a desfazer toda a sua alegria e toda a sua obra maternal com um sopro frio de morte!...

Cerca de uma hora ficou M.^{me} Lenoir no fundo do seu jardim, no in-

terior de um belveder rustico, a esmagar a sua dor, a conformar-se com a sua triste sorte, occultando lagrimas e fazendo desapparecer do seu rosto todos os vestigios da tristeza. Fôra ahí, entre rosas e madresilvas, que a creada lhe viera explicar como falecera o pae, fulminado por uma congestão cerebral, no momento em que se levantava do leito para ir tomar banho; e fôra ahí tambem que a mesma creada, offegante e afflicta, lhe veio communicar, pouco depois, que o filho, impaciente, fugira do quarto e já estava na bibliotheca, encantado e surpreso, a olhar para a linda arvore de Natal, que o bom S. Nicolau lhe trouxera, esquecendo-se, na precipitação da dadiva, de pendurar pelos galhos todos os brinquedos que deixara sobre a mesa.

Dando á physionomia um ar risinho, M.^{me} Lenoir atravessou o jardim, reentrou em casa e seguiu para a bibliotheca. E já proxima, abafando os passos, viu, atravez do vão da porta, o filho, de olhos fixos na carta que ella recebera e onde a triste nova lhe tinha sido comunicada de um

modo banal, com a formula archaica, lançada por um creado, dedicado mas pretencioso, sobre uma larga folha de papel commum: «*Saiba V. Ex.^a que o Sr. Affonso acaba de partir d'este para melhor mundo.*»

Sem pensar no que fazia, instinctivamente, a pobre mãe precipitou-se para a creança e antes de a abraçar, antes de a beijar, arrancou-lhe a carta das mãos, dizendo-lhe com um grande esforço, a sofrir contrafeita, para disfarçar a emoção:

— Ah! seu curioso, então estava lendo a carta que o S. Nicolau me escreveu?

E o pequeno, piscando os olhos, num gesto bregeiro:

— Não é a do S. Nicolau, não, mamã! é a do Antonio, avisando que o vovô fez viagem.

E alegremente, mechendo nas teias espalhadas sobre a meza, acrescentou:

— Estou zangado com vovô, porque não quiz levar-nos com elle para o «mundo melhor».

Um suspiro de allívio e ao mesmo tempo de dor recalcada escapou dos

labios da infeliz mãe; depois, passeando os seus olhos negros, de novo marejados de lagrimas quentes, pelos livros da bibliotheca, disse vagamente, respondendo á observação da creança:

— Sim, não nos levou com elle, mas mandou-nos todas essas lindas teteias e joias, que estás vendo.

O pequeno, muito intrigado, como quem se sentia na pista de um segredo, indagou:

— Então, o S. Nicolau é vôvô?

M.^{me} Lenoir atrapalhada, presa dos sentimentos mais oppostos, enxugou de novo os olhos e, para não dar a perceber o seu enleio, foi então beijar o filho n'uma explosão de ternura.

E, enquanto o osculava, attrahia-lhe a attenção para os brinquedos, distrahindo-o do assumpto, que tanto a atormentava.

Mas, elle, obstinado e curioso, inquiriu ainda:

— E onde fica, mamãi, esse «mundo melhor» para onde o vôvô seguiu hoje? Nunca ouvi fallar dessa terra!...

Então, a desgraçada mulher, erguendo o braço para o ar, e apontando para a nesga do céo, que se avistava

da janella, deixou escapar dos labios
lividos estas palavras confusas:

— E' lá, meu filho, lá, além, bem
além d'aquellas nuvens brancas...

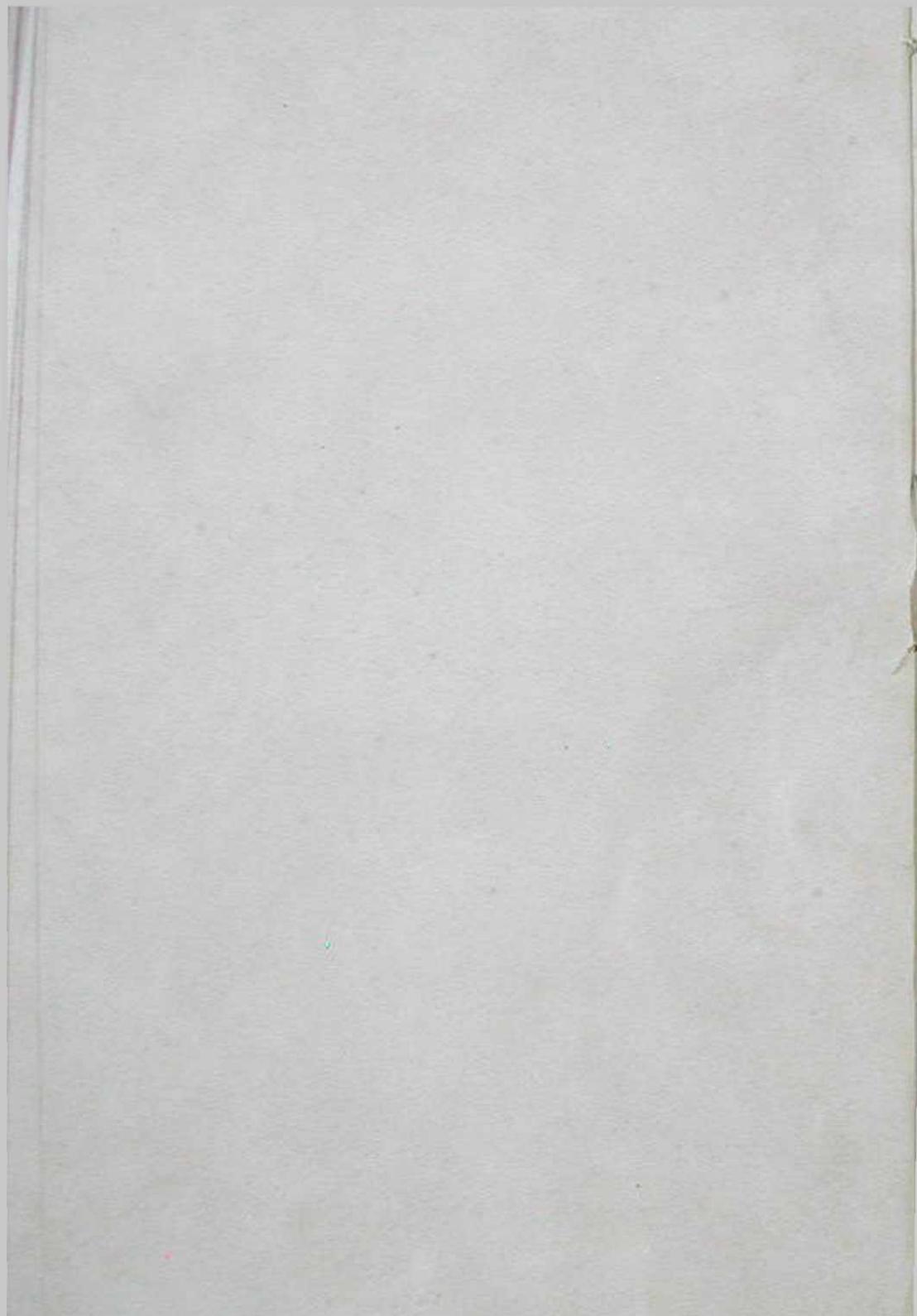
— Então, já sei; é no céo, onde
estão Nosso Senhor e... papai; — disse
o pequeno, batendo as mãos de con-
tente.

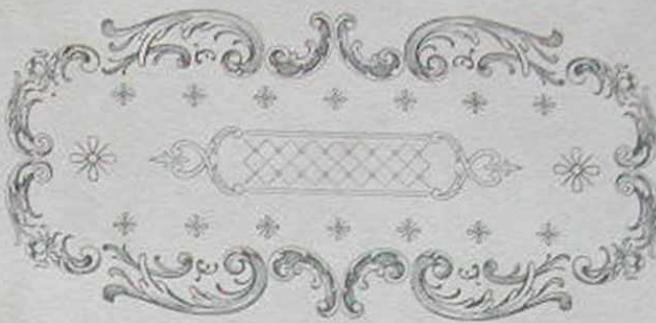
E fixou demoradamente os olhos
no azul, a ver se divisava por lá a
victoria do avô a rodar por entre as
nuvens.....



O Testamento do tio Pedro

A minha irmã Maria Flora





A beira da estrada, batida do sol e da chuva, exposta ao granizo, sem arvores em torno, sem uma horta, sem um jardim, isolada na planicie limpa quasi árida, ficava a choupana do tio Pedro.

Ladino, indolente e supersticioso, o velho possuia apenas essa palhoça, uma vacca, que a mulher ordenhava nos felizes tempos de cria, e um cão leproso, que latia muito á lua mas que não mordia. Nada mais.

De que vivia o casal? De uma chaga que o tio Pedro tinha na perna e que alimentava, mantendo-a sempre aberta, roxa e pustulosa com o succo

irritante de hervas causticas. Quatro farrapos em torno, a perna exposta á porta, mostrando aos transeuntes a nojenta ulcera coberta de pús e de moscas, e eis a fonte de renda que dava a pitanga ao casal. De resto, uma velha carabina auxiliava a caridade publica fornecendo para os dias de festa pratos saborosos de caça do campo. O podengo mantinha-se á custa do proprio esforço, perseguindo o tatú na planicie e mendigando ossos, aqui e ali, pelas herdades da vizinhança. Quanto á vacca, tinha sempre na frente do seu estomago a vasta extensão da campina onde retonçava o broto tenro da *barba de bôde*.

A chaga do tio Pedro começara pequenina e insignificante. Um dia, ao saltar uma cerca, um espinho entra-
ra-lhe na perna esquerda, um pouco acima do tornozelo. Tio Pedro sentiu a dôr mas não fez caso. No dia seguinte, a perna estava vermelha, bastante quente e inflammada e todavia no logar onde entrara o espinho só havia um ponto escuro, um pequenino ponto azulado, que lembrava a picada de um alfinete.

Depois, esse ponto começou a purgar e a engrandecer, mas o calor passara. Volvido um mez, o ponto escurio já tinha o diametro de uma moeda de nickel de 100 réis, mas apresentava indicias de querer cicatrizar. Foi quando a mulher do tio Pedro — uma velhinha encarquilhada, mais ladina ainda do que o marido — attentando no tamanho da chaga, que lembrava o do nickel, teve a ideia luminosa e practica de extrahir niekeis da ferida. E expôz a sua ideia ao marido, que a achou explendida. Começaram então os dois na faina ardorosa de impedir a cicatrização da chaga. Ao principio, lembraram-se da ortiga, cujos pellos excretam um liquido urente, que irrita e queima; e applicada a planta à chaga, esta effectivamente augmentou. Mas a ortiga produzia dôres, cousa de que o tio Pedro não gostava. Procuraram então outras hervas que, alimentando a chaga, não produzissem dôres. Com labôr e paciencia acharam. Estava garantida a subsistencia do casal.

Vagarosamente, maciamente, com a lentidão da lesma, começou essa chaga

a lastrar pela perna acima como um lichen; ao fim de alguns mezes, tinha rodeado o tornozelo e, passado um anno, já invadia a região da tibia e do peroneo até meio. Mas não doía e chamava o nickel. Todavia, á medida que a chaga augmentava, tio Pedro diminuia em peso e descorava; mas, como na choupana não havia balança nem espelho e o appetite era bom, tio Pedro não se apercebia da fuga das còres nem do desfalque em kilogrammas. Pelo seu lado, a ardilosa mulher do tio Pedro, que tinha o defeito organico de ser myope, tambem não via... senão a ferida, essa amada ulcera, que não fechava nunca e que lhe proporcionava meios de ter o estomago farto e de dormir noites tranquillas.

Demais, a magreza e a pallidez macilenta do velho augmentavam o efecto da chaga, armando á compaixão do transeunte, forçando-o a dar com maior liberalidade a esmola.

Nessa exploração feliz, o casal atravessou trez annos sem soffrer privações. A ferida chegava então ao joelho, começava a dobrar a rotula e ameaçava invadir a coxa mal fornida



O casal vivia de uma chaga
que o tio Pedro tinha na perna...
(Pág. 81)

de carnes. Quasi reduzido á pelle e ao osso, tio Pedro já sentia uma fraqueza que o intimidava. Foi quando elle percebeu que o peso lhe mingoava e que, com a fuga do peso, o alento desapparecia.

Teve então a ideia, de impedir a marcha ascendente da ulcera, reduzil-a mesmo, fazendo-a retroceder até ao meio da perna. Assim como assim, tanto vinha o nickel com uma chaga de dois palmos, como com uma de quatro pollegadas. Mas, ou porque a ferida já se habituasse a subir, ou porque a mulher do tio Pedro não descobrisse a herba que devia fazel-a descer, o certo é que a chaga lastrou sempre e, depois de galgar o joelho, invadiu francamente a coxa. E o peior é que, quanto mais mezinhas lhe applicavam para fazel-a seccar e retrahir-se, mais ella purgava, avançando sempre.

No começo do inverno, quando a primeira geada cobriu a planicie, crescendo as hervas tenras e devorando assim a provisão dà vacca, tio Pedro percebeu que já lhe era difficult sahir da cama e arrastar-se até á porta da

choupana para expôr a ulcera. Teve então a primeira suspeita do seu proximo fim e chamando a mulher pediu-lhe que procurasse um tabellião e o levasse á choupana.

Um tabellião!... para que?

Teria o tio Pedro uma fortuna oculta, conservada pela sua avareza no fundo de algum buraco, sem que a mulher o soubesse jamais?

O velho nada explicou e a mulher, sempre ladina, alentada pela esperança de uma riqueza inesperada, que depois da morte do marido viesse suprir a falta da chaga pingue, prestes a desapparecer para sempre, nada inquiriu. Foi ao povoado e de lá trouxe o tabellião.

O que se passou entre o notario e o moribundo, a mulher do tio Pedro só o soube depois que o velho fechou os olhos para sempre.

O finado tinha feito testamento e este testamento era assim redigido:

«Deixo uma vaca, uma espingarda e um cão; á minha mulher deixo o cão, e do producto da venda da vaca e da espingarda mandará ella rezar missas pelo descanso da minh'alma.»

Era só isto. Nada de mais conciso, nada de mais previdente, nada de mais liberal.

Sorridente e ironico, o tabellião perguntou á viuva se ella, como legatária e testamenteira, estava resolvida a satisfazer as disposições um tanto extravagantes e mesmo illegaes do testamento do seu defuncto marido. E a velha encarquilhada, sem mostrar peso nem espanto, respondeu serenamente «que sim».

Oito dias depois, realizava-se a feira mensal no povoado e a mulher do tio Pedro, de espingarda ao hombro, como uma vivandeira, tangendo na sua frente a vacca e acompanhada pelo cão, seguiu para a feira e ali procurou logar azado para realizar a venda das cousas que levava.

Um comprador apresentou-se e indagou do preço da vacca.

— Doze vintens, respondeu, muito séria, a mulher do tio Pedro.

— Doze vintens!.. repetiu o camponez, olhando admirado para a velha.

— Sim, senhor, doze vintens, nem mais nem menos, mas tem um condição, respondeu a velhita, sem se

perturbar com o olhar desconfiado do camponio.

— E qual é a condição?

— E' esta: quem comprar a vacca ha de comprar tambem a espingarda e o cão.

— Hom'essa!...

— E' como lhe disse; a vacca só será vendida juntamente com o cão e com a espingarda.

— E qual o preço, bôa mulher, da espingarda e do cão?

— A espingarda — treze vintens, o cão — trezentos mil réis.

Cada vez mais espanfado, sem comprehendér o estratagema da legatária finoria, o camponio pôz as mãos nas ilhargas e desatou a rir, a rir, de tal sorte, que atraiu a attenção de toda a feira.

E dahi a pouco, toda a gente que alli estava, sabia este caso original e estranho; que a viuva do tio Pedro exigia doze vintens pella vacca, treze pela espingarda e trezentos mil réis pelo cão, *sub conditione, sine qua non*, de vender tudo ao mesmo comprador.

Como a vacca era nova, com fama de bôa leiteira e valia bem os

trezentos mil e quinhentos réis (que era o preço de tudo), o camponez, depois de muito indagar inutilmente pela razão da original exigencia da velha, fechou o negocio, pagando a quantia pedida, e da feira partiu levando a vacca, o cão e a espingarda.

Então, a viuva do tio Pedro, visivelmente satisfeita e com a consciencia tranquilla, foi em demanda da casa do vigario da freguezia e perguntou ao bom padre:

— Senhor vigario, seria V. Rev.^{mn} capaz de dizer, por quinhentos réis, uma missa por alma do meu Pedro, que Deus haja na sua sancta guarda?

O vigario, que ignorava o que se passara e que sabia das circumstancias precarias da velha, respondeu logo:

— Com todo o prazer, bôa mulher; onde não ha el-rei o perde.

— Pois enfão, aqui tem os quinhentos réis, senhor vigario, e queira dizer a missa por alma do defuncto Pedro.

D'ahi, partiu logo para a casa do tabelliño, com o fim de provar perante testemunhas que havia satisfeito as

disposições testamentarias do seu fí-nado marido.

E foi assim que a espartalhona viúva do tio Pedro demonstrou que o cão leproso, que o marido lhe deixara, valia quasi tanto como a chaga que ella alimentara durante trez annos, chaga essa que o velho, egoista e avaro sempre, levara para debaixo da terra, talvez com o intuito de explorar com ella, no outro mundo, a caridade das almas imbecis ou demasiado compassivas. (*)



(*) Nota B, no fim do volume.

O Modelo

Ao Dr. Almeida Netto





Dão ha muitos annos que o conde de K, — a ultima vergontea de uma nobreza pura em cujas veias ondulava ainda gloriosamente o sanguine de heroes sem maeula — atravesou Pariz como um meteoro.

Viéra um dia do fundo da Bretanha e surgira no asphalto parisiense, cheio de mocidade, de dinheiro e de talento.

A despeito da sua grande fortuna, que lhe proporcionaria os mais requintados gozos mundanos n'um centro de prazeres como Pariz, esse fidalgo illustre, que era tambem um artista de raça, trocara rapidamente a vida ener-

vante e ruidosa dos *boulevards*, que o fascinara um momento, pela vida austera e concentrada do isolamento e do estudo.

Mergulhado nas bibliotecas e nos museus, consultando alfarrabios, admirando telas, extasiando-se em presença de bronzes, de marmores e de gravuras raras, convivendo em amistosa camaradagem com Gerôme, com Meissonier, com Gustave Boulanger, com Roll, com Bayard, com Bouret, com Guibert, com Desportes, com Benjamin Constant, com Henner e Gervex — representantes geniaes da moderna pintura franceza — frequentando os seus *ateliers*, estudando as suas «maneiras», o modo pelo qual surprehendiam a natureza em flagrante, aplaudindo-os, ouvindo as suas lições e aproveitando-as, foi assim que, durante dous annos, vivett em Pariz este fidalgo, joven, intelligente e rico, de quem Lisette — o modelo predilecto de Gerôme — que o cobiçava, dizia na sua gíria ambigua de hysterica: *C'est un blond gentil à croquer!*

E se o seu nome era inteiramente desconhecido no mundo *sportivo*, no

Turf-Club, nas *brasseries*, no Café Anglais, entre os *habitués* do Bois de Boulogne e dos cafés cantantes, em compensação era citado nas crónicas da arte como amador de um raro engenho, cujas primícias — trez ou quatro telas assignadas com um pseudonymo — deixavam entrever um artista genial e extraordinario.

Na sua linda vivenda de Auteuil, oculta entre arvores umbrosas, é que elle, no verão, quando todo o Pariz emigrava para o campo ou para as praias, trabalhava as suas telas, sozinho, n'um recolhimento íntimo, dando expansão ao seu extremado amor pela arte e pelo bello.

E ahi, n'esse ninho de artista carinhoso e opulento, havia elle accumulado, pacientemente, tudo o que o pincel, o cinzel e o buril têm produzido de mais fino, de mais bello e de mais caro.

Era ahi que estava a *Venus anadyomene* de Ingres (que Reiset lhe cedera a peso de ouro), essa tela famosa, que attrahira a attenção do mundo artistico no Salon de 1855, e da qual o impeccable Theophile Gautier

dissera: «que nem no marfim da Índia, nem no marmore de Paros, nem sobre a madeira, nem na tela, a arte jamais representara um corpo mais virginalmente nú, mais idealmente jovem, mais divinamente bello.»

Ao lado d'essa obra prima, que elle acariciava amorosamente, viam-se quadros authenticos de Ruysdael, de Teniers, de Delaercoix, de Decamps e as celebres telas liliputianas de Meissonier — *Les joueurs de boules sous Louis XV* e *Le jeu de tonneau* — cujas figuras, de poucos centímetros de altura, são trabalhadas com uma assombrosa precisão de detalhes.

Além d'estes quadros, de um valor inestimável, havia alli, cobrindo as paredes e enchendo os cantos, tapeçarias dos Gobelins, têlas admiraveis das velhas escolas flamenga e hespanhola, gravuras finissimas da escola ingleza, aquarellas soberbas de Vibert, de Duez e de Detaille, estudos valiosos de Millet e alguns especimens impressionistas da escola chineza. A par d'isto, esparsos por toda a parte, desde o vestibulo ao *fumoir*, bronzes de Cordier, reducções de Barbedienne, bronzes russos fun-

didos por F. Chopin, porcellanas de Sevres, eplendidas faianças de Lachéval, de Haviland e das Caldas da Rainha, que começavam então a celebrar Bordallo Pinheiro no norte da Europa, porcellanas e bronzes antigos do Japão, marmores graciosos de Pradier e de Simard, moveis artisticos do seculo XVIII feitos pelo ebenista Jacob, alguns modernos de Perol, de William Watt, de Jackson, e ainda um sem-fim de obras d'arte, trabalhadas no marfim e na madeira e modeladas no barro e no metal por artistas ignorados da Asia e por outros não menos ignorados da Europa.

Todas estas cousas estavam dispostas com gosto, com arte, com exacto conhecimento dos effeitos que deviam produzir, estabelecendo contrastes frisantes, pondo em evidencia as minudencias mais subtils.

E fôra alli, n'esse encantador retiro, n'esse gracioso templo da arte, onde só eram admittidos os intellectuaes de raça, os artistas sagrados pela opinião, que estreara, que *posara* pela primeira vez Sarah Brown, o modelo extraordinario de perfeições, que mais

tarde havia de inspirar a Jules Lefebvre o celebre quadro — *Clemence Isaure*, — que tanta estupefacção produziu, ha annos, na exposição do Cercle Volney.

Sarah Brown ou Sarah *la Rousse*, como a appellidaram no bairro latino, era e ainda é uma hebréa cheia de caprichos e de talento, como a sua homonyma Sarah Bernhardt; mas, ao envez da grande tragica, possue opulentas formas e é virginalmente linda.

Descoberta um dia casulmente, nos *trotoirs* de Pariz, pelo conde de K., que andava á busca de um bom modelo *d'ensemble*, fôra por elle levada á mesa da *pose* do seu retiro d'Auteuil e alli estreara como modelo, na mesma occasião em que o seu descobridor tambem estreava na pintura do nú, genero para o qual, — dizia Laurens, — «elle manifestava a mais franca e exhuberante vocação.» E alli *posou* ella semanas seguidas para o gracioso quadrinho — *La baigneuse* — que teve as honras de varias reproduções e que o *Monde Illustré* e o *Graphic* enviaram em gravura a todos os recantos do mundo.

Mas um dia, Sarah Brown, verdadeira bohemia, leviana e inconstante, abandonou de subito a mesa de *pose* do retiro d'Auteuil, precisamente na occasião em que o conde de K tentava um novo estudo do nú — *La frileuse* — no qual elle punha em jogo todas as suas faculdades de creador emerito, todo o seu amor de artista apurado e consciencioso.

E vendo-se em presença d'essa tela incompleta — simples mancha que já era tudo e que ainda não era nada,— o conde de K, depois de tentar inutilmente a recondução do modelo ao seu *atelier*, sentiu-se profundamente desgostoso e uma manhã desapareceu de Pariz, levando comsigo para o fundo da Bretanha todos os seus quadros, todas as suas esculturas todas as suas gravuras e todos os seus *bibelots*.

Durante trez annos, ninguem mais, em Pariz, tornou a ver o conde de K.

No mundo artistico, correram insistentes boatos, mais ou menos verosímeis, relativos a uma paixão malograda do fidalgo por uma princeza bavara; e dizia-se mesmo que elle,

acabrunhado por essa desdita, perdera o amor pela arte e dedicava-se exclusivamente ao prazer egoista e material de engrossar as suas rendas, cultivando as suas terras.

Mas, um dia, o pintor Hodebert, auctor da — *Savageonne* — e amigo intimo do conde, recebeu d'este um convite para assistir aos seus esponsaes no legendario castello de Bretanha.

Lá foi Hodebert e de lá voltou ao fim de trez mezes, dizendo maravilhas da condessa — uma russa formosissima da mais nobre linhagem — que amava o marido com todo o ardor da sua mocidade e com todos os diabolicos attractivos da sua belleza radiosa e fascinante.

«Mas — accrescentava suspiroso Hodebert, sempre que fallava do conde, — infelizmente elle está hoje completamente absorvida pela mulher; ama-a loucamente, e n'ella faz consistir e resume toda a sua ventura, todos os seus gosos, a ponto de esquecer o pincel e a sua rica colleccão de obras d'arte. Um marido a mais e um artista de menos.»

Esta desconsoladora prophecia não

se realison, felizmente. O conde, com quanto adorasse sempre a mulher, um anno após o seu casamento sentiu renascer o antigo amor pela arte e atirou-se de novo ao trabalho e ao estudo, sentindo-se mais vigoroso e até mais inspirado n'essa atmosphera de caricias perennes em que o envolvia a condessa.

E como a sua vocação o impellia irresistivelmente para o nú, elle lembrou-se de recomeçar a sua tela — *La frileuse* — que abandonara, havia quatro annos, em Pariz, por falta de modelo, por um capricho de Sarah Brown.

O difficil, porém, estava em encontrar na Bretanha uma mulher sufficientemente bem feita e que quizesse prestar-se a servir-lhe de modelo.

Seria isso possivel alli, quando em Pariz não o fôra?

Obtida a acquiescencia da condessa, que tambem possuia uma organisação artistica superior e educada, e que fôra a primeira a impellil-o docemente ao trabalho e ao cultivo do seu talento genial, o conde annuncio por toda a Bretanha que pagaria a peso de ouro um modelo *d'ensemble*.

Attrahidas pela cobiça, não lhe faltaram mulheres, mas nenhuma servia para o modelo *d'ensemble*. Das pobres camponezas, que correram ao seductor convite do fidalgo, algumas eram realmente formosas e outras relativamente bem feitas; mas nenhuma reunia á pureza das linhas, a completa aristocracia das fórmas.

Desesperado de encontrar na Bretanha o seu modelo, o conde estava já resignado a prescindir d'elle, e disposto a idealizar o corpo da *filleuse*, quando, uma tarde, recebeu misteriosamente uma carta, na qual uma desconhecida lhe declarava que «sendo bem feita e parecendo-lhe que estava nas condições do modelo por elle exigido, *por amor á arte* prestar-se-hia a posar no seu *atelier*, sob a condição de ficar sempre a sós com artista e de ter o rosto constantemente velado por uma mascara». Além d'isso, exigia do conde a promessa, sob palavra, «de que jamais elle a veria sahir do *atelier*, e também que a não mandaria seguir por pessoa alguma.»

O pudor explicava estas exigencias, aliás razoaveis.

Alvoroçado por esta carta, o conde deu-se pressa em mostrar-a á condessa, e ella depois de a ler e reler, fixou os seus olhos garços e luzentes nos d'elle, e disse-lhe sorrindo maliciosamente:

— Sim, consinto, mas hei de espiá-la, uma vez ao menos, durante a *pose*...

E como visse um grande contentamente a espelhar-se no rosto do marido, ella envolveu-o no laço amoroso dos sens braços eburneos e beijou-o longamente nos labios.

Fixada a primeira «sessão», oito dias depois, á hora convencionada, uma desconhecida, com o rosto velado por uma mascara de velludo negro, entra va silenciosamente no *atelier* do fidalgo astista e, depois de despir-se em um gabinete proximo, subia completamente núa para a mesa da *pose*.

O conde, nervoso, sentado em frente á tela ainda virgem, tendo a pa lhetá e os pinceis ao lado sobre um tamborete, antes de indicar ao modelo a posição que devia tomar, fixou-o com os seus olhos negros e avidos,

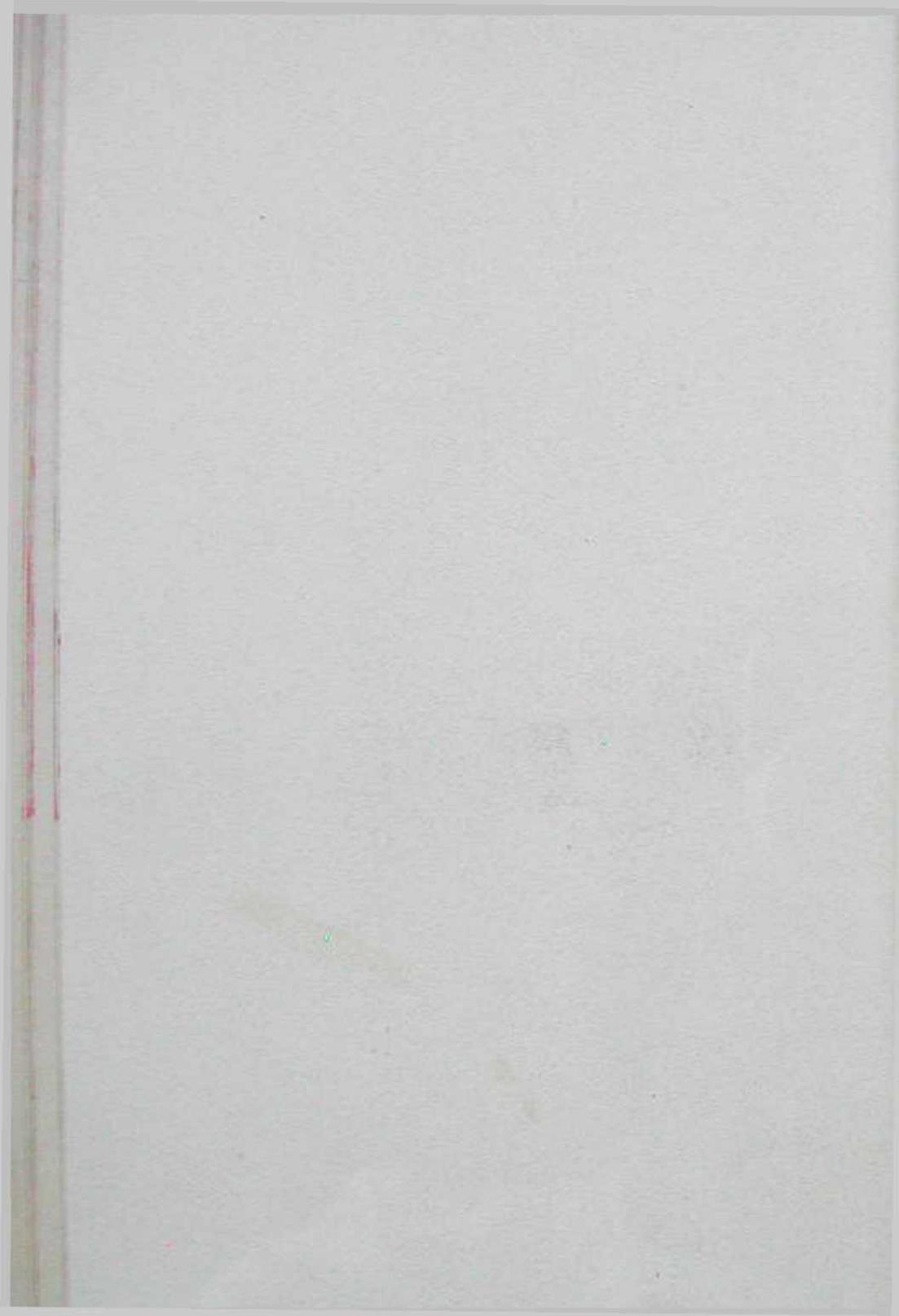
E a despeito da larga convivencia que tivera com os modelos de Pariz, vendo-se em presenca da nudez radiosa d'esse corpo eburneo, que se erguia na sua frente sobre a mesa da *pose*, explendido, alvissimo — coberto apenas pelo manto fulvo de uma cabellera opulenta, loura e vaporosa, — de uma epiderme finissima, onde as veias traçavam em linhas de um azul ceruleo o seductor pôema da mocidade vibrante, o artista estremeceu e não pôude occultar o seu assombro.

E por muito tempo permaneceu de olhar preso a esse corpo esculptural cuja carne rija e alva, cuja pureza de linhas, e suavidade de curvas lhe recordavam a Venus de Milo, a formosura pagã immortalisada no marmore por um genio desconhecido.

— Sim, era aquillo o seu sonho de artista ha tantos annos acariciado e nunca realizado... Devia ser como aquelle o corpo d'essa Phrynéa, que outrora assombrara e subjugara o Areopago. E elle o tinha alli, na sua presença, sobre a sua mesa de *pose*, como sobre um plin tho, esse modelo appetecido, esse modelo ideal, que reunia



Nunca o artista tentou saber quem era aquela extraordinária mulher que por simples amor à arte consentia que um pincel indiscreto lhe copiasse as divinas formas. (Pag. 106)



todas as perfeições, que elle entrevira em sonhos, para arrancar do seu pincel uma obra immorredoura!...

Extasiado, ainda alvorçoçado, o conde, afinal ergueu-se e, dirigindo-se ao modelo, indicou-lhe a posição que devia tomar.

Depois, voltando para junto do cavalete, desenhou na tela, rapidamente, em traços largos e firmes, o contorno d'esse corpo soberbo, do qual evolava-se um perfume embriagante de carne moça e sadia.

Findos os quarenta minutos tradicionaes da *pose*, o modelo, sempre silencioso, desceu da mesa e reclinou-se em um divan para repousar, mas o artista, não querendo fatigal-o demasiadamente n'essa primeira *sessão*, deu-a por finda.

E enquanto o modelo se vestia no gabinete do *atelier*, o conde sonhava que atraz do reposteiro da porta luziam felinamente os dous olhos azues da condessa, presa de uma curiosidade invencivel.

Um quarto de hora depois, quando elle subiu aos aposentos da mulher,

ainda emocionado, ainda agitado pela ineffável impressão que lhe produzira aquelle corpo de deusa, a primeira pergunta que dirigiu á condessa foi esta :

— Então, viste-a?

E ella, sorrindo meigamente, respondeu-lhe «que sim», que não pudera venceer a sua curiosidade, que havia visto o modelo, durante toda a *sessão*, oculta atraz do reposteiro.

E, sublinhando a phrase, acrescentara : «que tambem havia notado a impressão profunda que o modelo produzira n'elle.»

Durante toda essa tarde fallaram de arte e, ao crepusculo, foram juntos, enlaçados amorosamente, como noivos felizes, passar uma vista de olhos pelo esboço, que já se destacava bem na tela.

D'esse dia em diante, pontualmente, o modelo, duas vezes por semana, posou no *atelier* do conde.

Fiel á sua palavra, nunca o artista tentou saber quem era aquella mulher extraordinaria, que, por simples amor á arte, consentia que um pincel indiscreto lhe copiasse as formas divi-

nas; mas, de dia para dia, á medida que o seu trabalho avançava, elle sentia-se mais agitado, mais impressionado por aquelle corpo de deusa, por aquelle nú triumphante, resplendente de mocidade e de perfeições innumerárias.

Muitas vezes, nas longas noites de inverno, ao lado da mulher,—ambos conchegados ao tepido calor do fogão—elle fallara com entusiasmo ingenuo das perfeições do seu modelo e notara na condessa leves indícios de azedume, um certo constrangimento mal dissimulado, nuvens passageiras de amor proprio ferido, que lhe deixaram apprehensões secretas.

Todavia, procurara abafar essas pequenas explosões do zelo, fallando com mais entusiasmo ainda do ruido que a sua tela havia de produzir em Pariz, quando aparecesse no Salon para receber o applauso da critica.

E ella, arrebatada por aquelle antegoso da victoria do marido, deixava-se arrastar pela torrente das illusões douradas e pedia-lhe que insistisse n'esse assumpto tão grato á sua alma de esposa amantíssima, que lhe des-

crevesse essa epopéa ideal do triunfo com a musica cariciosa da sua voz mascula e convincente.

Correram semanas sobre semanas, e á medida que o trabalho se adiantava, o conde mais amorosamente o refocava, pondo todo o seu genio, toda a sua alma na cópia d'esse corpo adorável, que o seu pincel fixava na tela, dando-lhe côr, forma e vida.

Um dia, porém, surgiu-lhe uma dificuldade: o corpo estava concluido, mas faltava o rosto, esse rosto, que a mascara occultava, e que elle não podia copiar do modelo. Como resolver o problema? Deveria idealisar o rosto? Chamar outro modelo? Mas, que rosto poderia elle achar em toda a Bretanha que não desmarchasse o effeito suprehendente d'esse corpo divino?

A condessa, a quem elle expuzera a dificuldade, consultando-a, perguntou-lhe:

— E porque não has de tu copiar o proprio rosto do teu modelo?

— Como? Velado?...

Ella respondeu-lhe «que sim.» e mostrou-lhe o contraste frisante e in-

teiramente original que resultaria d'esse corpo nû e moço encimado por um rosto velado, cuja mascara negra mais havia de fazer sobresahir o tom docemente roseo e aveludado da carne.

Não a deixou concluir. Ébrio de prazer por aquella inspiração felicissima, que ella lhe fornecia e onde patenteava toda a delicadeza de seu temperamento artistico, abraçou-a, beijou-a infantilmente e depois conduziu-a até ao seu *atelier*. Ahi, sobre o cavallette descançava a tela, e n'essa tela via-se um corpo nû de mulher joven, á beira d'agua, illuminado pela luz fruxa do sol poente, na attitude de quem sente um arripio intenso ao contacto da areia humida e da brisa fresca.

N'esse corpo, inteiramente concluido, cheio de vicô, cuja carne parecia vibrar, onde o seio arfava docemente e o sangue fazia o seu giro constante, onde a tunica ondeante dos cabellos louros, esparsos pelo dorso e pelo collo, parecia mover-se ao sopro da brisa, o rosto estava apenas esboçado, ou antes, indicado por uma mancha clara, produzida pela ausencia da tinta.

Pararam os dous em frente á tela, e como elle, arrebatado pelo encanto d'aquele corpo de pagã, recomeçasse a apontar a interminavel serie de perfeições do modelo, ella, n'um amúo de criança despeitada, disse-lhe quasi triste :

— Basta, basta; afinal, acabas por me obrigar a ter ciumes d'essa mulher...

Elle calou-se, sentindo-se vexado.

Mas, no dia seguinte, principiou a pintar o rosto, esse rosto velado, e notou a inteira exactidão do contraste, que apresentava a mancha negra da mascara com o tom roseo da carne.

E, querendo concluir o quadro a todo o transe, n'esse mesmo dia, para que a condessa pudesse apreciar o effeito prodigioso d'esse contraste, prolongou a sessão e trabalhou com affinco, nervosamente, até tarde.

O modelo cedera complacentemente a esse capricho do artista e, já habituado á pose, conservara-se na difficult posição, sem constrangimento e quasi sem fadiga.

O conde, embevecido na sua obra, trabalhava febrilmente, esquecido das

horas que passavam celeres, e quando, já tarde, á luz cendrada do crepúsculo, deu os ultimos toques na tela e pela ultima vez olhou para o modelo para comparal-o com o quadro, notou que a luz d'aquelles olhos garcos e vivos que, havia tres mezes, o espreitavam através o negrume da mascara, tinha desapparecido.

O modelo dormia e, por um phenomeno muito commun nos modelos de profissão, dormia em pé, sem se desviar uma linha da posição escolhida, com o torso semicurvo, as mãos pousadas sobre as coxas, a cabeça ligeiramente pensa sobre o peito, como quem trema e procura o conchego do proprio corpo para afugentar o frio.

Era a *frileuse*, o modelo vivo de todos os dias de *pose*; sómente, os olhos estavam fechados.

Então o artista, que já tinha a sua obra completa e que até esse dia apenas uma ou outra vez sentira vagos desejos de desvendar o mysterio do seu modelo, vendo-o a dormir, sentiu uma grande curiosidade e teve o louco desejo de cortar o atilho da mascara.

Todavia, sempre fiel á sua palavra

de fidalgo, refreou esse desejo insensato e, no intuito de libertar-se d'elle de uma vez, bateu vivamente com a palheta sobre o tamborete, para assim avisar o modelo de que a *sessão* estava terminada.

Mas, a despeito d'esse aviso desüssado e demasiado brutal, o modelo não se moveu na mesa da *pose*, não se desviou uma linha da posição em que estava. Dormia sempre e, dormindo, mantinha-se firme na sua postura férrea e fatigante, como se fosse uma estatua de jaspe.

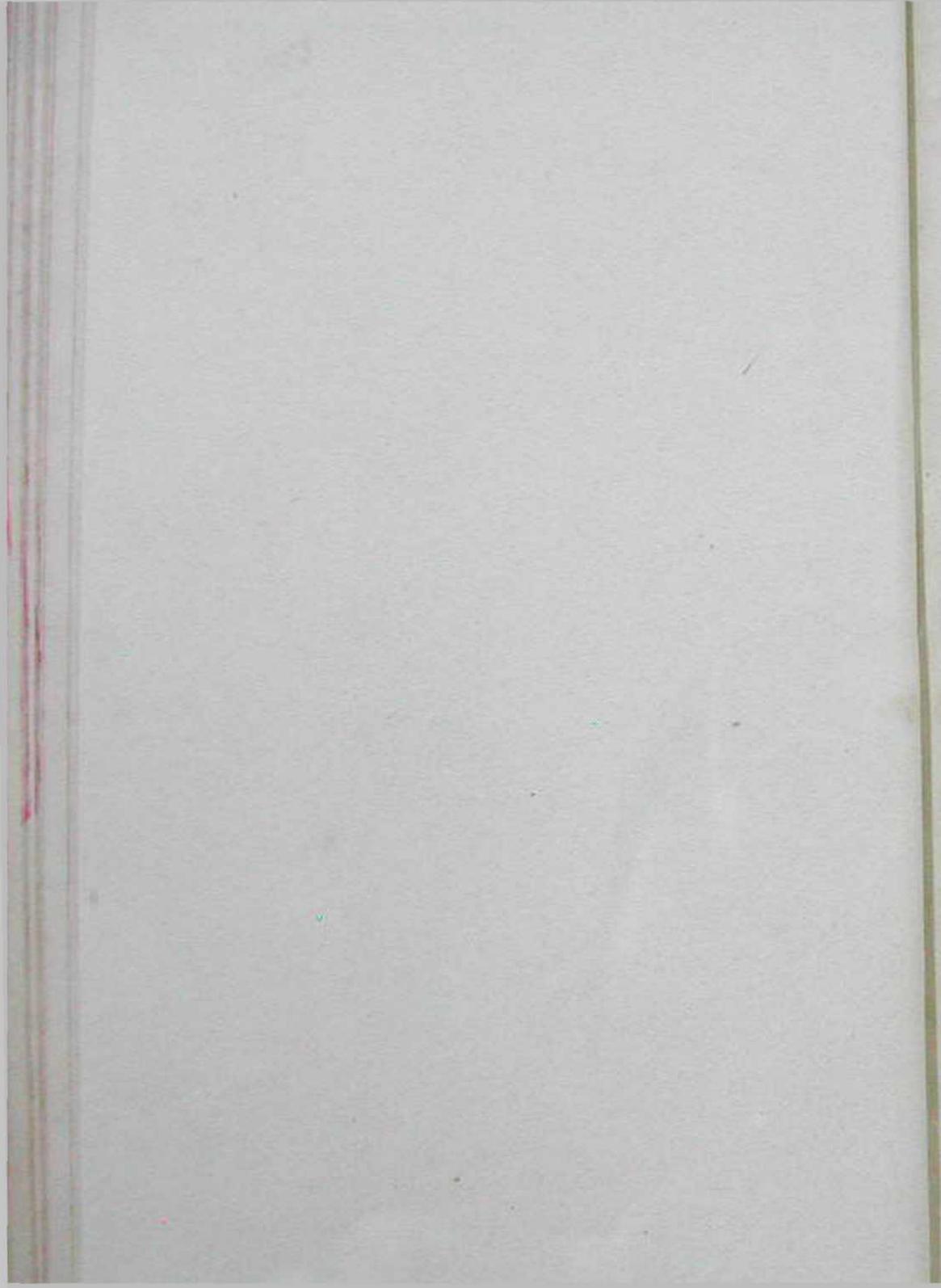
Então o conde, já apprehensivo, um pouco pallido, levantou-se e, caminhando para a mesa da *pose*, pousou timidamente a sua mão nervosa sobre um dos pés do modelo.

Esse pé estava frio e hirto, e, assim como o pé, frias e hirtas estavam as mãos, as coxas, o torso, o quadril, os braços.

Presa de uma preoccupation crescente, o artista subiu á mesa da *pose* e, segurando o modelo pelos hombros, sacudiu-o nervosamente durante algum tempo, como quem sacode um manequim.



O misterioso modelo do Conde
de K.



A medida que o corpo do modelo se agitava, impellido pelas mãos do conde, a mascara ia-se desamarrando por si mesma e patenteava pela vez primeira o rosto pallido e desmaiado da *frileuse*; mas o artista, na sua pre-ocupaçao de dar vida áquelle corpo inerte, não reparava n'isso; sacudia-o sempre, machinalmente, em repetidos movimentos bruscos.

E só ergueu os olhos para o lado d'esse rosto de mulher desconhecida, com quem se via quasi abraçado, quando percebeu que a carne pallida dos seios tumidos começava a retomar a sua coloração rosea.

Então, animado, sentindo desvanecer-se o temor que d'elle se havia apoderado, fixou pela primeira vez esse rosto desmascarado, em cujos labios errava um vago sorriso; e um longo e violento estremecimento agitou-o tambem, porque reconheceu que o modelo, esse modelo mysterioso era... a condessa, a sua propria mu-lher, que elle tinha alli núa, semi-desmaiada entre os seus braços, sobre a mesa da *pose!*...

Não teve tempo de soltar o grito

de surpresa que lhe ia escapar dos labios, porque a condessa, enlaçando-o fortemente em um amplexo nervoso, amorteceu-lhe o grito n'um beijo.

Elle voltou então o rosto para o lado do cavallete e, tendo-a assim abraçada e núa, enroscada ao seu corpo como uma sereia ou como uma serpente branca, olhou para a tela e viu no quadro os olhos d'ella que o fitavam sempre através da mascara negra.

E enquanto esses olhos de tinta o fitavam zombeteiramente, a voz d'ella affectuosa e velada, murmurava-lhe ao ouvido:

— Só hoje te apercebeste que tinhas tão perto de ti aquillo que por tão longe buscaste, não é?

— A despeito da viva opposição do conde, o quadro foi para o Salon, onde teve o mais ruidoso successo, a ponto de eclipsar o da famosa — *Femme au masque*, — de Gervex.

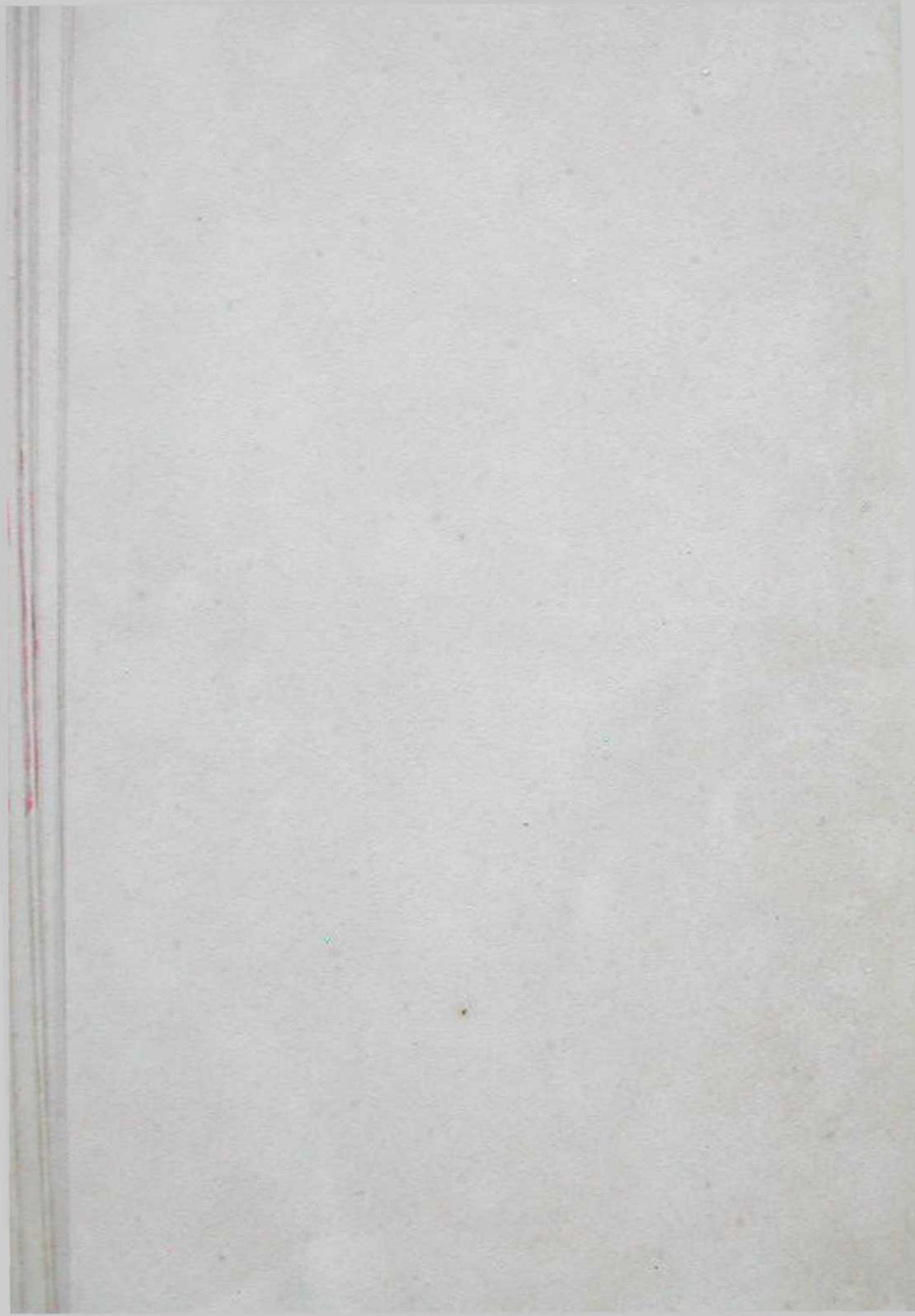
E, como succedera por occasião do apparecimento do quadro de Gervex, o publico attribuiu essa triumphante

nudez da *friteuse* a mundanas conhecidas e segredou nomes. Ninguem, porém, se lembrou de citar o nome da condessa.

E fôra por estar convicta d'esse esquecimento, que ella se obstinara em enviar o quadro ao Salon, não obstante conhecer a fundo a historia do Duque d'Este e de Laura de Dianté—a musa inspiradora do Ticiano. (*)

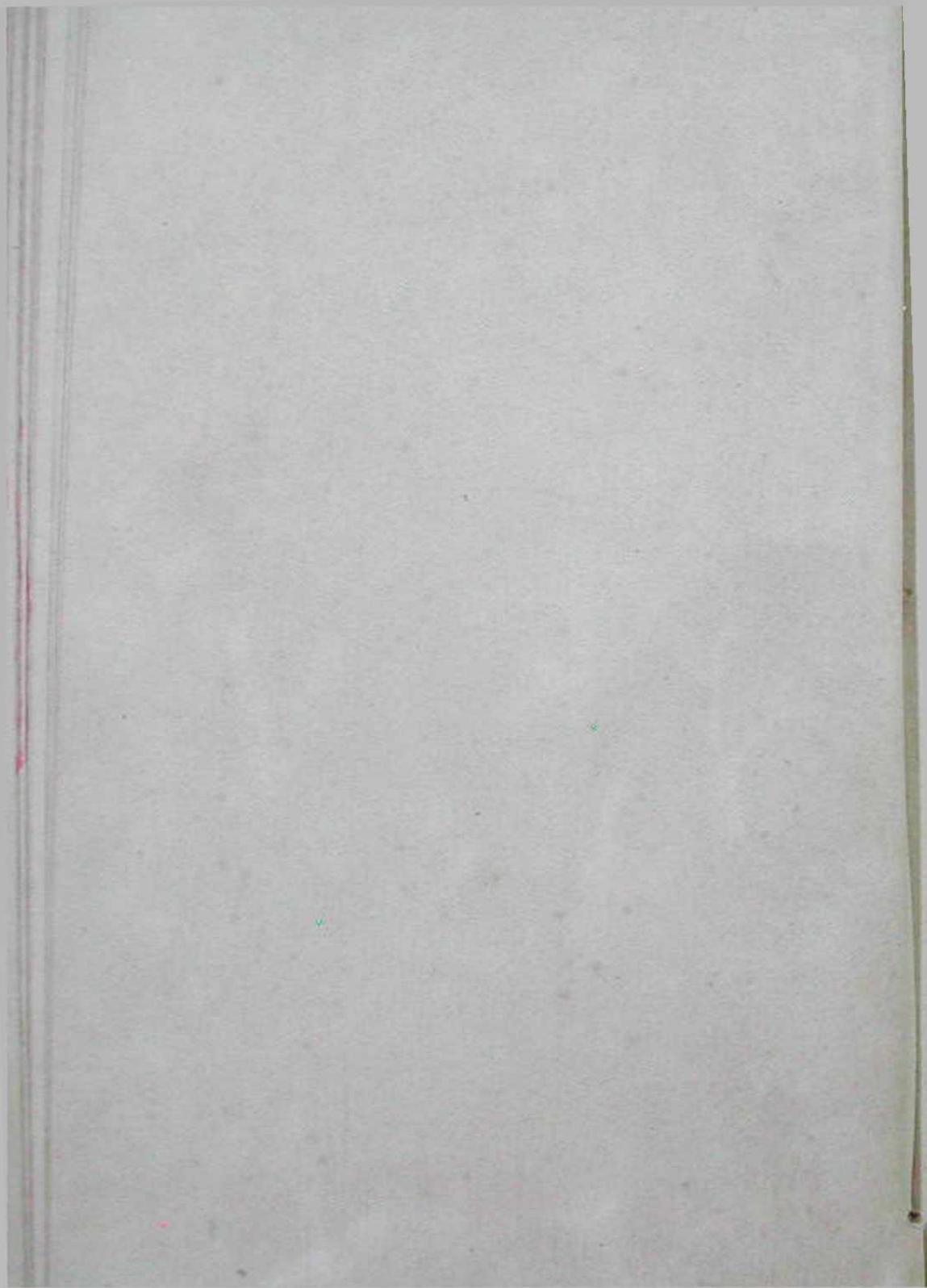


(*) Nota C, no fim do volume.



Confissões de um Cyclista

A minha irmã Francisca





Zut!... Zut!...

Era este o singular ruido que todas as manhãs eu ouvia da minha cama, da minha humilde cama de estudante alcandorada sobre o vigamento fragil de uma mansarda estreita.

Que vespa importuna e mysteriosa era essa que, todos os dias, cedo, muito cedo, quando o sol mal dourava os telhados das casas proximas, vinha zumbir ao meu ouvido, passando rapida e sussurrante, obrigando-me a erguer de um salto, estremunhado e receioso de uma ferroada dorida?...

Um dia levantei-me mais cedo e esperei o importuno insecto. Sol nado

e... zut!... zut!... O ruido vinha da rna! Corro á janella e d'ahi vejo um vulto airoso que passa, uma amazona loura eavalgando um esguio e elegante cavallo de aço, que andava sem pés, rodando rapido, como se fosse impelido pelo sopro da brisa.

De onde vinha ella, a deusa loura e linda, que em menos de dez segundos passara em frente aos meus olhos e desapparecera ao longe como uma visão do sonho?...

Ella vinha certamente da região das nuvens, das nuvens brancas, que planavam ao longe no eterno azul e ia para o horizonte longíquo, para o infinito talvez, espalhando a tortura e o desalento pelo seu caminho celeremente percorrido.

Desse dia em diante, eu senti a persistente picada d'essa vespa dourada, que não tinha ferrão para apunhalar nem para morder, mas que apunhalava e mordia com os seus olhos garços, com o seu corpo airoso, com o seu perfil de pagã.

Era indispensavel segui-la. Mas, como? Que vehiculo, que corsel intre-

pido seria capaz de acompanhar esse esguio cavallo de aço, que a amazona montava e sobre o qual caminhava veloz, como a deusa da fortuna com o pé pousado sobre uma roda alígera?

— Rapaz, rapaz, dizia-me eu impaciente, é forçoso procurar um cavallo igual áquelle para descobrir o ninho da fada loura.

E, n'essa hora, lá fui eu á busca do cavallo de aço e, como um louco, comecei a montal-o n'um exercicio pertinaz entremeado de quedas continuas e de contusões desanimadoras.

Dores atrozes, dores cruciantes, manchas vermelhas, manchas negras, té domar o estranho corcel!... Mas, uma vez domado, que gozo supremo, que prazer consolador e dulcissimo o de voar n'essa machina elegante e leve, docil e sobria, que não come nem grita, que não teme rampas, que não exige veredas largas, que não arfa nem súa, que não sibila, que apenas zumbe e que obedece ao dono e o leva suave e rapidamente até onde a sua phantasia ordena!...

Depois, um dia, já d'estro, senhor

da machina agil, quando a loura vespa fez zut!... zut!... em frente á minha porta, eu tambem fiz zut!... zut!... ao lado d'ella, montado na linda bicycleta, que tanta vez me arremessara ao chão durante o curto periodo da minha aprendizagem dolorosa.

E, assim, sempre ao lado da formosa densa, seguindo-a como um cão fiel, vendo a espaços o seu correcto perfil, que se recortava na sombra transparente de um veu de gaze negro, gozando o duplo prazer de a ver de perto e de a seguir, eu fui, eu fui... atravez da via publica e do atalho, por entre campos e florestas viuentes, subindo e descendo collinas relvosas, até ao Paiz dos Sonhos e da Ventura Suprema.

Ahi, sob a copa densa de um bosque frondoso, junto ao regato murmujo, que corria cantando em leito branco e macio, a deusa descavalgou para se desalterar na lympha crystalina e fresca.

E depois que bebeu a agua, que eu levei aos seus labios rubros no concavo das minhas mãos tremulas, ella me fallou assim:

— Quem és tu, cavalleiro audaz,
que ha tantas horas me segues sem in-
dagar do meu rumo?

— Eu sou aquelle a quem o agui-
lhão luminoso dos teus olhos apunha-
iou um dia docemente, docemente.

— E o que pretendes, louco, que
me segues sem parar, sem inquirir
quem eu sou, se vou em demanda do
azul on do despenhadeiro negro e
voraz?

— Seguir-te, segnir-te sempre, ó
dona do meu destino.

— Segue-me então, cavalleiro.

Depois, cavalgou de novo o docil
ginefe de aço, que fez zut!... zut!...
e atravessou o bosque como uma corça
que foge perseguida pelo podengo la-
dino.

Atraz, como a sombra que segue o
corpo, depois ao lado, eu fui, eu fui...
até ao ninho fofo e sombrio onde a
loura fada se occultava aos olhos cu-
biçosos dos habitantes da terra.

Dias depois, já noivos, ligados por
uma promessa mutua e solemne, ca-
minhavamos juntos, um ao lado do
outro, montados em luzentes *Colom-*

bias, pela linda estrada orlada de violetas e de morangueiros, que conduz á estaneia das Chimeras Ceruleas.

E, ao avistarmos o velho sacerdote, que sahia da egreja e que tambem montava o coreel de aço — uma antiga *Clément* parochial e rinchosa — um mesmo pensamento se apoderou de nós.

— Doce amiga, se aproveitassemos o padre.... agora mesmo.... mesmo agora....

Os labios d'ella nada disseram, mas as suas mãos inclinaram nervosamente o *guidon* da *Columbia*, que fez zut!.. zut!... em direcção ao prelado.

Depois, impulsionados ambos pelo mesmo ardente desejo, assim falamos ao nobre ancião :

— Senhor padre, senhor cura, eis-nos aqui junto a vós solicitando a vossa bênção.

E o bom cura, manejando a velha *Clément*, collocou-se entre as nossas *Columbias*:

— Tenho pressa, filhos meus; vou levar a extrema unção a um infeliz que agoniza. Dai-me as vossas mãos e, sem parar, andando sempre, respondei ás minhas perguntas.

Cada um de nós estendeu o braço para o padre e elle, collocando a fina e setinosa mão da minha amada sobre a minha, inquiriu:

— Pierrot, queres receber Columbina por esposa?

Em quanto as *Columbias* faziam zut!... eu respondia: *sim*.

— E tu, Columbina, queres participar do destino de Pierrot, sendo a eterna e leal companheira da sua existencia, seja ella tormentosa ou tranquilla?

O *sim* de Columbina foi dito tão alto e tão rapido, que eu não ouvi nem o zut!... das nossas *Columbias*, nem o ganido rinchoso da enferrujada *Clément* do cura.

A estola do padre cobriu as nossas mãos superpostas; em seguida, o sacerdote murmurou baixo uma prece; depois, um annel passou do meu dedo para o dedo de Columbina e outro annel partiu do dedo afilado da linda amazona para o meu.

— Deus vos abençõe e vos faça felizes, meus filhos.

E a velha e gemebunda *Clément* do cura partiu, fazendo ring!... ring!...

em direcção á casa do agonizante, enquanto as nossas *Columbias* faziam um zut!... unisono e jubiloso pela estrada a fóra.

Uma hora mais tarde, ébrios de prazer, combinavamos o programma da nossa lua de mel.

— Tomemos o trem e vamos á longíqua montanha dos Desejos Indomitos.

— Tomar o trem!... Burguez!... muito burguez!... meu Pierrot. Ama-mos-nos em bicycleta, em bicycleta unimos para sempre os nossos destinos, façamos em bicycleta a nossa viagem de nupcias.

— Tens razão, doce Columbina; mas, n'esse caso, façamol-a em *tandem* para irmos mais juntos, mais unidos, de sorte que eu tenha os teus labios vermelhos e humidos mais ao alcance dos meus.

— De acordo, insaciavel Pierrot; todavia, proponho o *sociavel*, porque n'elle eu posso ver sempre o teu rosto risonho e tu poderás, irriquieto fauno, esquecer eternamente uma das tuas mãos nas minhas, sem prejudicar a marcha do nosso duplo coreel.

— Bravo, gentil Columbina! Away!...
Away! em *sociavel*....

No dia seguinte, vestidos de branco, sentados um ao lado do outro, n'um lindo *sociavel* Wolff, nós caminhavamos para a montanha dos Desejos Indomitos, n'essa viagem de nupcias caricia e susurrante de beijos, que as aves da floresta invejaram e que as flores da campina perfumaram.

Volvido um anno, quando faziamos, no mesmo *sociavel*, uma excursão de prazer á verdejante collina da Ventura Conquistada, Columbina empalli-deceu de repente e murmurou ao meu ouvido attonito:

— Sinto que está proximo o instante em que a nossa existencia se vai prolongar na do filho tão ardentemente desejado. Corre, corre a chamar alguem, meu amigo.

E eu, pousando-a sobre um macio leito de folhas e de musgo, em plena floresta, corri ao povoado e bati á porta de..... M.^{me} Durocher.

— Já vou, já vou, meu caro Pierrot; apenas o tempo de azeitar um

pouco a minha *Raleigh* e estarei ao lado da tua doce amada.

Que linda manhã de Maio, essa em que eu e Columbina seguimos para a Capellinha dos Bem-Afortunados para dar um nome ao fructo do nosso amor!...

Pela estrada larga, macadamisada e fresca, rodavamos ainda no *sociavel* Wolff. Columbina, radiante e mais formosa que nunca, sustinha nos braços, conchegado ao seio, o nosso gorduchinho bambino; eu empunhava o *guidon* e, orgulhoso dirigia a machine. Do lado de Columbina, seguia M.^{me} Durocher montada na sua veloz *Raleigh*; do meu lado, caminhava, alegre e palreiro, não mais cavalgando a rinehosa *Clément* mas numa elegante *Osmond*, o bom cura, que abençoara a nossa união.

Logo atraç, em *tandens* «Rochet» e em *tripletas* «Humber», iam os paranympbos á mistura com naiades e fadas; em seguida, rodava a charanga,— armada de frautas, de cornemuças e de pandeiretas — cavalgando *Prinetti-Stucchi*.

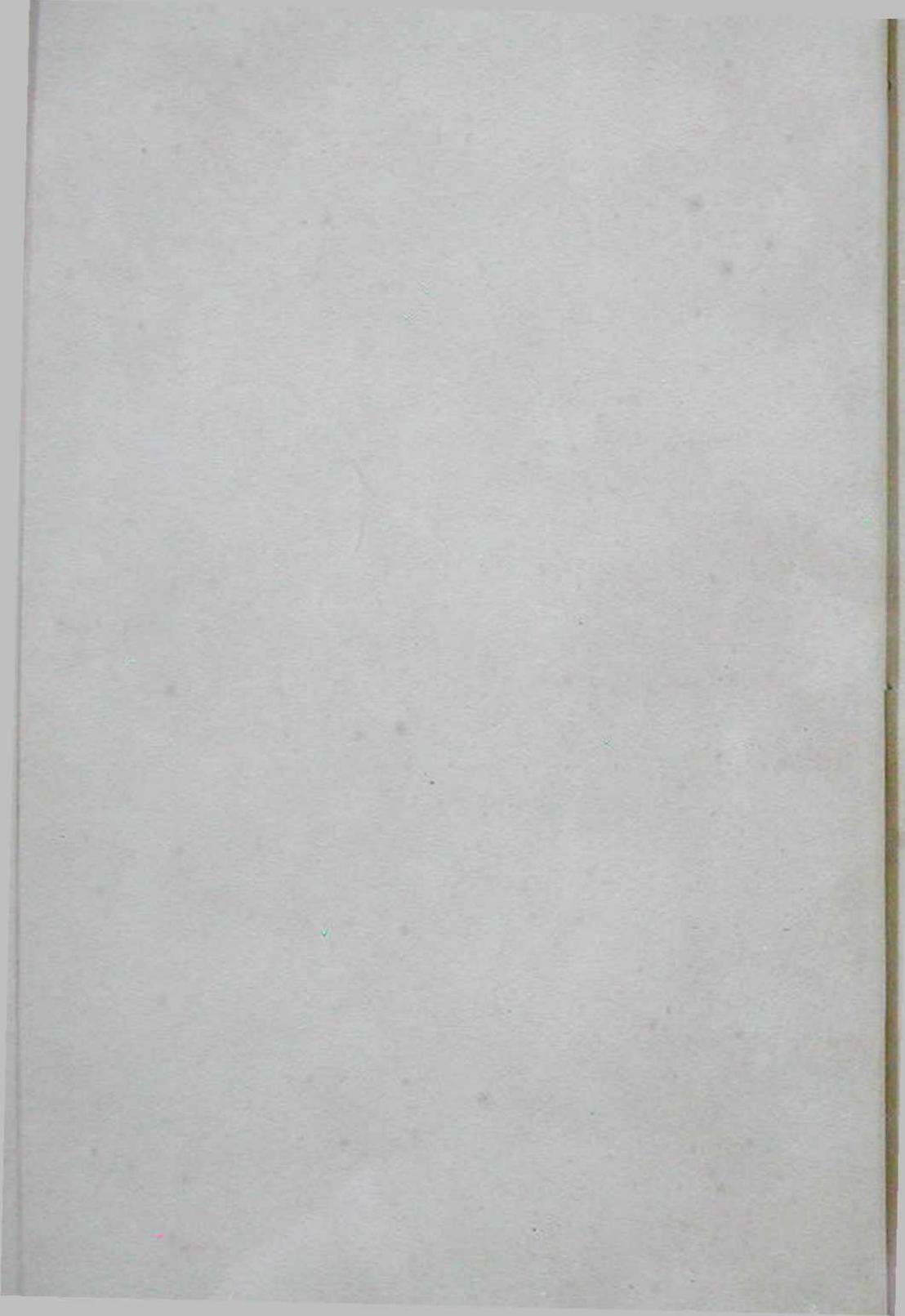
Na frente deste bando alegre, dois garotos joviaes — um aprumado sobre uma fina *Swift*, outro sobre uma moderna *Clément* — faziam estrugir o ar sereno e luminoso com o foguete do estylo.

E, foi assim, n'essa ordem, entre a alacridade dos risos, o estampido da polvora e o clangor da jovial fanfarra, que a cavalgata *fin de siècle* chegou á capellinha dos Bem-Afortunados, onde o velho cura derramou o oleo, o sal e a agua do baptismo nos labios, na cabeça, no peito e nas costas do filho de Pierrot e de Columbina.

Depois... zut!... zut!... para o teeto amigo, onde o champagne estourou espumoso e onde o amor e o cyclismo ainda hoje vivem em connubio feliz.

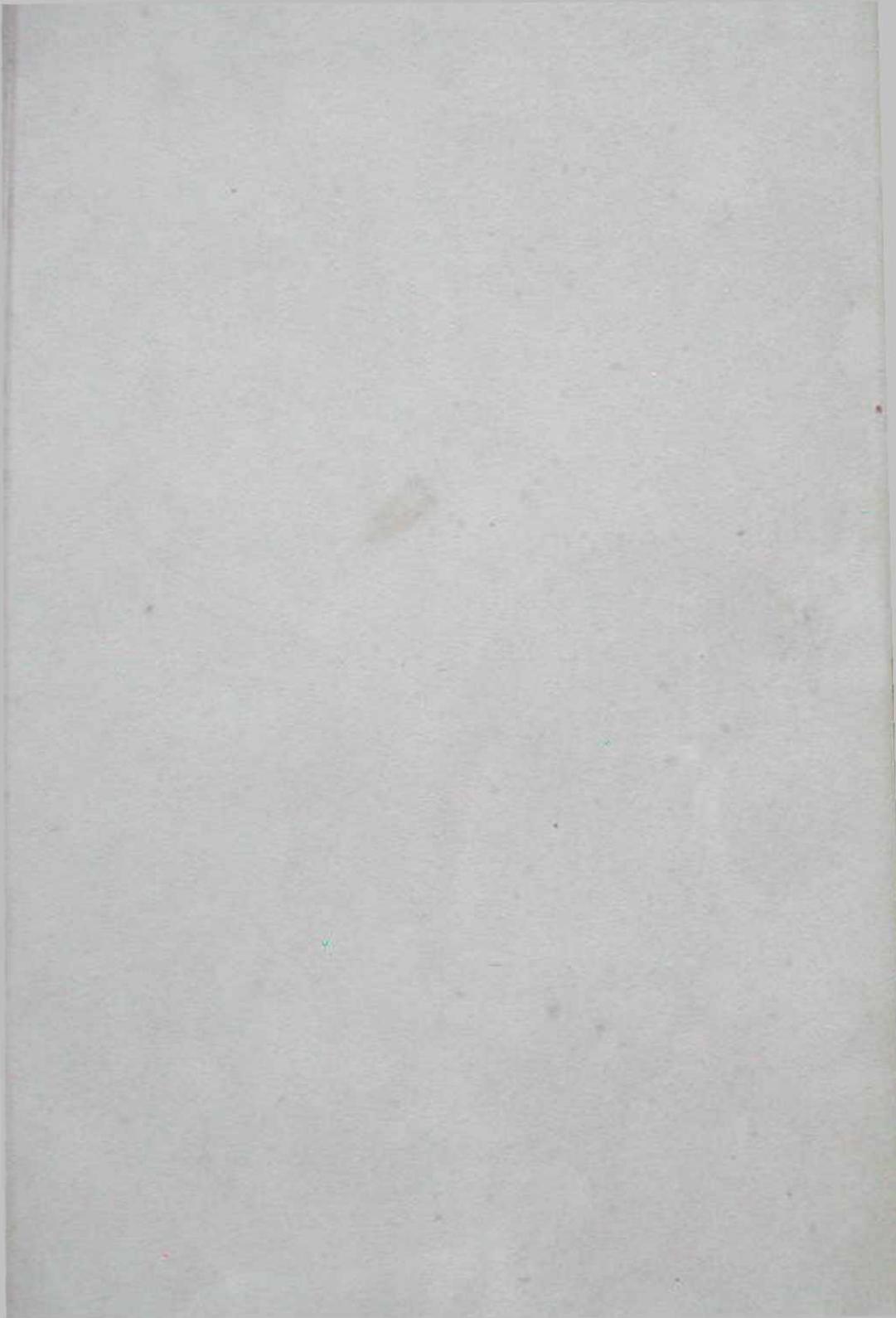
(Está conforme ao original, achado pela minha laradeira no bolço do calção de um ciclista ferrenho.)





Um Homem Venturoso

A Valentim Magalhães





Anoitecia.

Nas ruas principaes da Capital Federal começava o borborinho dos passeantes nocturnos.

Gravemente, lentamente, de sobre-tudo no braço, vestido pelo Raunier, barbeado de fresco, enluvado, de cartola e monoculo, com uma grande papoula rubra espalmada na botoeira e um charuto caro a fumegar-lhe entre os labios, todo elle rescendendo a *peau d'Espagne*, o conselheiro, á hora combinada, descia a rua do Ouvidor e entrava no restaurante, expondo a sua figura franzina mas aprumada á claridade offuscante das lampadas eletricas.

Um creado solícito tomou-lhe o sobretudo, a bengala e o chapéo e, conduzindo-o a um gabinete, disse-lhe:

O Sr. Tussot já chegou.

Effectivamente, Tussot esperava o conselheiro no gabinete em que deviam jantar em *tête a tête* íntimo para conversarem em liberdade sobre assuntos defesos á orelha do vulgo.

E, quando o creado abriu a porta e o conselheiro entrou, Tussot — um rapaz de vinte e cinco annos, de physionomia viril e esperta — abandonou o divan em que lia, deitado, uma revista estrangeira e veio ao encontro do amigo com um sorriso nos labios.

— Foi pontual, conselheiro.

— Fomos pontuaes, Tussot.

Depois do aperto de mão e de algumas phrases banaes, Tussot fez o *menu*, que entregou ao criado, e a porta fechou-se.

A sós, os dois sentaram-se em frente á pequena mesa pejada de crystaes, onde deviam jantar.

O conselheiro tinha cincuenta e seis annos, mas aparentava quarenta e cinco. O *cold-cream*, os cosmeticos, os cabellos pintados, o seu aprumo constante

e a correção do vestuário disfarçavam-lhe a velhice e davam-lhe, a certa distância, o aspecto de um homem bem conservado.

Tussot era, pelo contrário, um rapagão novo, de origem alsaciana, louro, espadaúdo e forte, cuja cabeça coberta de cabelos anelados e curtos, como os de uma dançarina, pousava bem sobre os seus hombros largos de athleta consciente da sua força e temido.

Nos lábios de Tussot, que viviam abertos num sorriso perenne, e nos seus olhos verdes, que se viam através um pince-nez de myope, havia um *que* de sarcástico, que elle dissimulava bem com requintes de amabilidade estudada, mas que denunciava um *viveur* conhecedor do mundo e... dos parvos.

O conselheiro, cuidadosamente, para não desmanchar a *toilette*, descalçara as luvas e desdobrando o guardanapo prendeu-o na abertura do colete, espalmando-o depois sobre as coxas.

Partiram o pão; e quando o criado entrou com a sopa e os vinhos e pousou os pratos fumegantes em frente aos dois, Tussot fez-lhe com a cabeça

um gesto para que se retirasse, e começou a servir a *julienne* cheirosa com voracidade glutona.

O conselheiro comia de vagar, sempre aprumado e muito chegado á mesa para não dobrar o corpo nem amarratar a camisa.

Após a primeira libação o silencio rompeu-se.

— Está então contente com a *écuyère*? perguntou Tussot, reenchendo de vinho o calice do amigo.

— Contentíssimo. É uma mulher adorável, extraordinaria, de uma meiguice e de uma candura inexcediveis.

Os olhos de Tussot piscavam, os do conselheiro brilhavam de vaidade satisfeita.

— Uma ligação por amor... por paixão mutua... talvez?...

— Diz bem, Tussot, uma ligação por amor. Encontrei afinal a mulher que eu desejava.

E muito alegre, aneioso por expandir a sua ventura, o conselheiro começou então a contar coisas intimas do seu *menage* feliz e fez a narrativa curiosa dessa ligação romanesca.

«A *écuyère* era nobre — uma baro-

neza austriaca — casada com um devasso, que, depois de dissipar-lhe a fortuna em Monte Carlo, afirara-a á vida do circo, explorando-lhe a habilidade e a formosura, gastando ignobilmente com outras o que ella, no começo, ganhava penosamente a furar arcos de papel, a dar saltos mortaes sobre cavallos em pello e a adestrar cães e cabritos em exercicios funambulescos.

Vira-a pela primeira vez em Lyon, n'um pequeno circo da barreira, quando ella começava a tornar-se notada pela sua belleza peregrina, trabalhando em uma companhia de terceira ordem. Devia ter, nesse tempo, vinte e dous annos e era já uma mulher de formas esculpturales, muito appetecida pelos artistas ávidos de modelos d'*ensemble*.

Tempo depois, tornou a vel-a em Pariz, no *Cirque d'Hiver*, fascinando a multidão e attrahindo a cobiça libidinosa dos *gommieux* e dos argentarios, que desfaziam-se em homenagens, pondo-lhe á porta equipagens de luxo e esmaltando-lhe o collo com *rivières* tentadoras do diamantes caríssimos.

Nessa occasião, o marido batera-se em duello com um official do exercito francez que, uma noite, excedera-se no entusiasmo pela *écuyère*, beijando-a escandalosamente em pleno circo, no momento em que lhe offerecia uma *corbeille* lindissima de violetas de Parma.

O official pagou com a vida esse beijo audaz, mas o caso fez ruido e a *écuyère* teve de fugir de Paris acompanhando o marido, que a opinião publica accusava de ter assassinado o adversario.

Perdeu-a então de vista; mas os jornaes da America do Norte trouxeram-lhe, mezes depois, noticias della e dos seus constantes triumphos. Por toda parte, essa mulher fascinava.

Ultimamente, encontrara-a em Valparaiso e d'ali viera com ella e com o marido, no mesmo vapor, até ao Rio de Janeiro.

A sua *flirtation* com a *écuyère* começara a bordo, nessa longa viagem do Chile ao Rio; mas só aqui, na Capital Federal, elle conseguira a primeira entrevista, vencendo mil dificuldades, porque o marido era

um mouro no ciúme. E dessa entrevista resultou que ella, muito amorosa delle e já fatigada da vida excitante do circo e das brutalidades do marido, resolveu abandonar tudo, entregando-se-lhe inteira e exclusivamente, mão grado todos os riscos a que se expunha.

Todavia, esse rompimento custara-lhe, a elle, vinte contos de réis, que dera ao marido para accommodal-o e até certo ponto indemnizal-o dos lucros cessantes.

«De resto, uma mulher deliciosa e honesta que, aparte o abandono do marido, imposto e justificado pelas circumstancias, podia servir de modelo á mais exemplar das esposas.»

O conselheiro rematou, dizendo confidencialmente:

— Imagine você, meu caro Tussot, que estou com esta mulher ha seis mezes e ella ainda me não pediu uma joia!...

— E dinheiro?... inquiriu Tussot, fixando os olhos verdes e zombeteiros no rosto do conselheiro.

— Não precisa pedir-m'o, porque, para evitar maçadas, entreguei-lhe as

chaves da barra e o livro dos cheques assignados. É uma *menagère* exemplar.

— Ah!... fez Tussot, quasi n'um grito; e, despejando um pouco de *bourgogne* no cópo do conselheiro, acrescentou ironico:

— Realmente, é extraordinario que ella, até hoje, lhe não tenha pedido uma joia! E a respeito de comportamento?...

— Já lh'o disse: exemplarissimo; é como se fosse uma esposa amorosa e dedicada.

— Mas o marido, o ciumento marido, retirou-se do Brazil?... perguntou ainda Tussot.

— Não, está aqui no Rio, onde montou um salão de esgrima... com sala de roleta nos fundos. Vai todos os dias a minha casa, mas como mera visita. Evidentemente conformou-se com a situação; depois... é um homem gasto...

Tussot comia pavorosamente e sorria.

O conselheiro, alegre, radiante, espevitado pelos vinhos, narrava sempre e já entrava em minudencias escandalosas do seu viver intimo com a *écuyère*.

«Era sobretudo uma mulher admiravelmente bem feita, um assombro de perfeições physicas e moraes, de uma belleza coruscante. Viviam como noivos. Ella, ás vezes, tinha a nostalgie do círculo, do seu viver funambulesco de outr'ora e sentia desejos irresistíveis de fazer exercícios aerobaticos ou equestres. Vestia então o *maillot* roseo sobre a carne tepida e macia do seu corpo esbelto e, assim, apparentemente nua, empunhando o chicotinho curto, percorria as salas, em passos de deusa e solicitava um cavalo para pular e correr, como outr'ora no círculo quando arrancava «bravos» da multidão electrisada. Como não havia cavalo, o conselheiro offerecia-se; e curvo, de gatinhas, mãos e joelhos sobre o tapete, como se fosse um bucephalo docil, recebia na bocca a brida suave de uma fita de seda e no dorso o pé nervoso e pequeno da *écuyère* em delirio.

E, assim, com esse fardo precioso e gentil, elle percorria as salas, como um golfinho ufano cavalgado por uma nymphá, e parava em frente aos espelhos para vel-a semi-nua, coberta

apenas pelo *maillot* rosado em attitudes de dryade, de perna erguida, radiante de prazer, a dar gritinhos de incitamento, nesse simulacro de exercício equestre. Depois, satisfeita, contente, feliz, arremessava-se sobre um sofá e patenteava-lhe o seu corpo appetitoso em plena nudez, despindo o *maillot* para que elle saciasse o olhar faminto nas curvas deliciosas da sua carne provocadora.

Na perna, um pouco acima do artelho tinha um signal... um curioso signal... — Ah! se você visse, Tussot, esse signal...

— Conheço, parece uma petala de rosa, responderam inadvertidamente Tussot.

— Como sabe isso?... perguntou o conselheiro, esbugalhando os olhos.

Tussot, atrapalhado mas risonho, explicou-lhe que fôra uma indiscreção do marido.

— Então, você conhece-o?... Elle é falador, é...

O jantar findara e Tussot, reclinando-se commodamente no divan, de charuto acceso entre os dentes, quiz conhecer oufros pormenores desse idyllo picaresco.

Intrigava-o sobretudo a accommodação do marido! Elle... tão ciumento... um mouro!... inda ir, diariamente, visitar a mulher... depois de separado della!... Estupendo!...

— Um homem gasto mas inconsciente da sua invalidez, explicava, desdenhoso, o conselheiro.— Ouça: de uma feita, entrando eu em casa um pouco mais cedo do que o costume, estranhei ver a porta do nosso quarto fechada. Pé ante pé, para surprehender Aglaé, que provavelmente fazia a sua toilette para me receber, cheguei-me da porta para espreitar pelo buraco da fechadura. Nessa occasião, a minha bengala caiu e eu ouvi um grande reboliço dentro do quarto. Adaptei então o olho ao buraco da fechadura e... o que pensa você que eu vi, Tussot?...

— Eu sei lá; algum gato assanhado a pular pelos moveis...

— Não, senhor: vi o marido muito vermelho e chrio como uma cabra e Aglaé, em camisa, indignada, a empurrá-lo violentamente para trás de um movei.

— Ah! você viu isso?!... interro-

gou Tussot, piscando os olhos e fungando muito.

— Vi; mais tarde, ella propria me explicou que o marido, nesse dia, excitado pelo alcool, tivera essa ousadia de lhe entrar no quarto!...

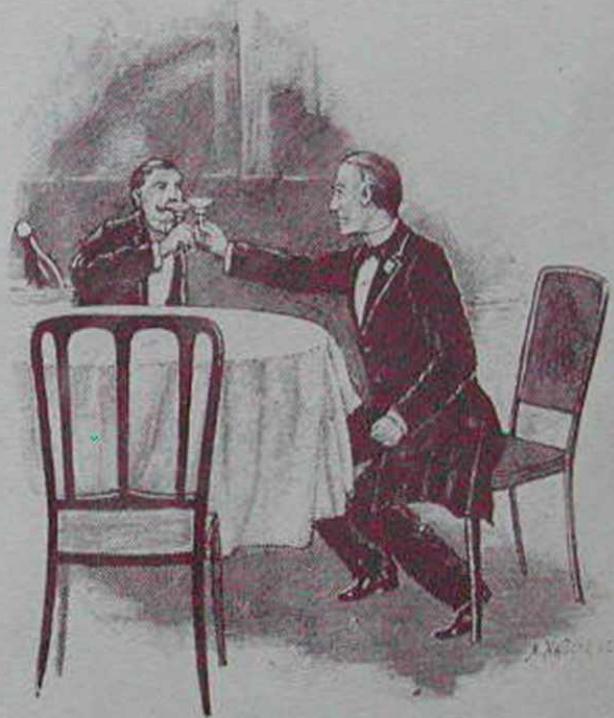
— E a porta estava fechada á chave... por dentro?!... Decididamente, você é o mais feliz dos amantes, conselheiro.

E depois de dizer isto, coiando o bigode para occultar o riso, Tussot levantou-se do diyan, accendeu um novo charuto e chamou o creado para pedir-lhe a conta.

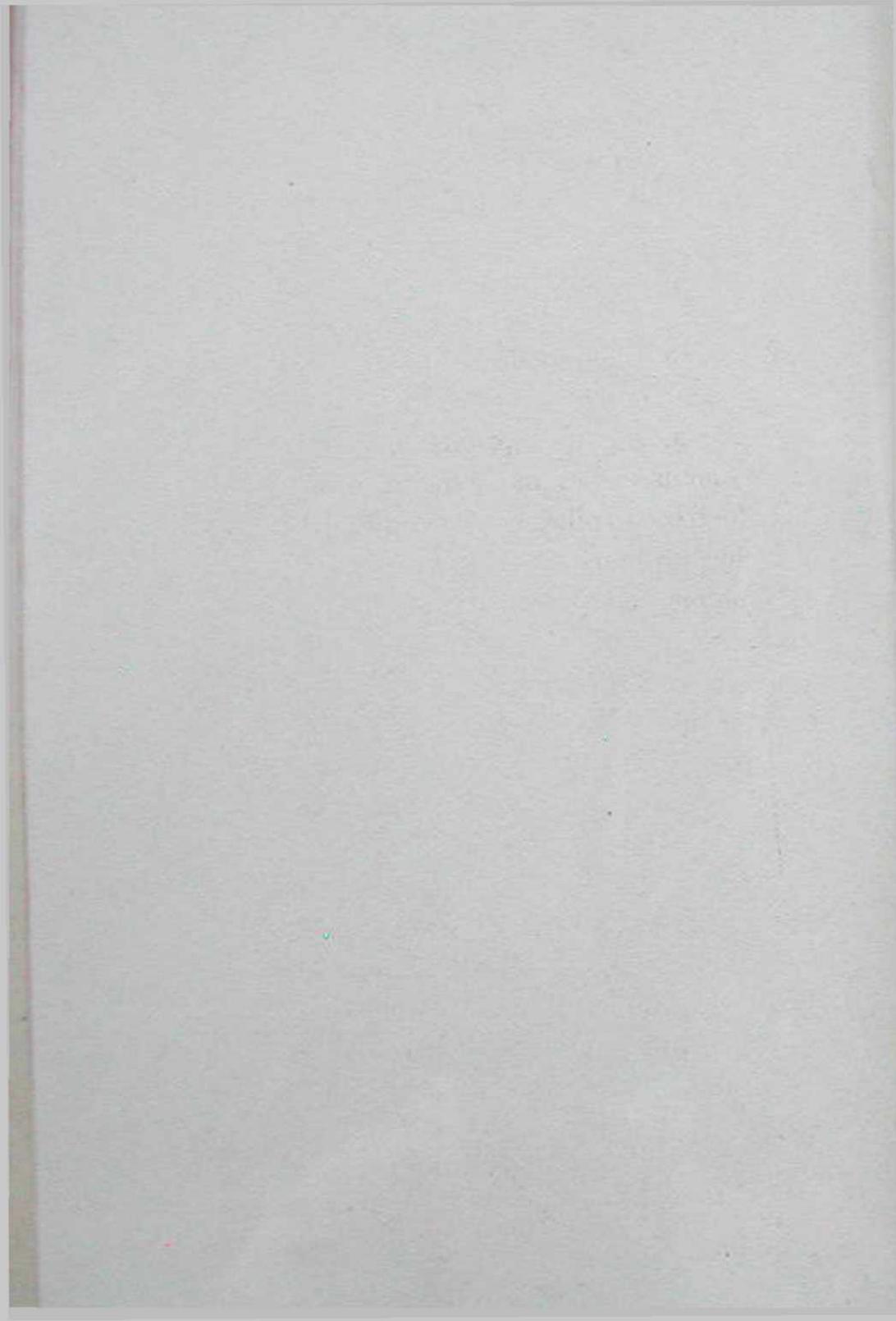
Mas o conselheiro, sempre correcto, não consentiu que Tussot pagasse. Elle era o amphitrião daquella agape intima; a elle, só a elle, competia o pagamento da conta.

E, em quanto o creado foi buscar o troco, o conselheiro, erguendo-se e calçando as luvas narrou ainda, vaidosamente, um pormenor muito intimo do seu *ménage* feliz: «a *écuyère* estava gravida.»

Tussot, já de chapéo na cabeça e prompto para sair, ao ouvir essa ultima confidencia, descobriu-se, sentou-se rapidamente e exclamou:



Ergueu entre sorrisos um
brinde ao... «futuro herdeiro».
(Pag. 145)



— Oh!... mas... isso exige uma nova libação, meu caro.

E, despejando champagne em duas taças, ergueu, entre sorrisos, um brinde... «ao futuro herdeiro.»

Tremulo de prazer, o conselheiro agradeceu commovido e lacrimante.

Sahiram então.

Na rua, sempre aprumado, com a sua papoula rubra na botoeira, o moeulo fixo no olho, o sobretudo ainda dobrado no braço, ressendendo a *peau d'Espagne*, o conselheiro, verboso e contente, repetia:

— E esta deliciosa e encantadora mulher nunca me pediu uma joia!...

Tussot, que precisava libertar-se delle, apertando-lhe a mão em despedida, disse-lhe, comicamente serio:

— Mas você merecia bem uma mulher dessas, meu caro. Até amanhã.

E, dobrando a primeira esquina, disparou a rir, a rir como um louco, olhando para a figura ereta e satisfeita do conselheiro, que seguia pausadamente rua acima, a gosar a grande ventura de possuir elle, elle sómente, essa deliciosa mulher, que nunca lhe pedira uma joia, mas que

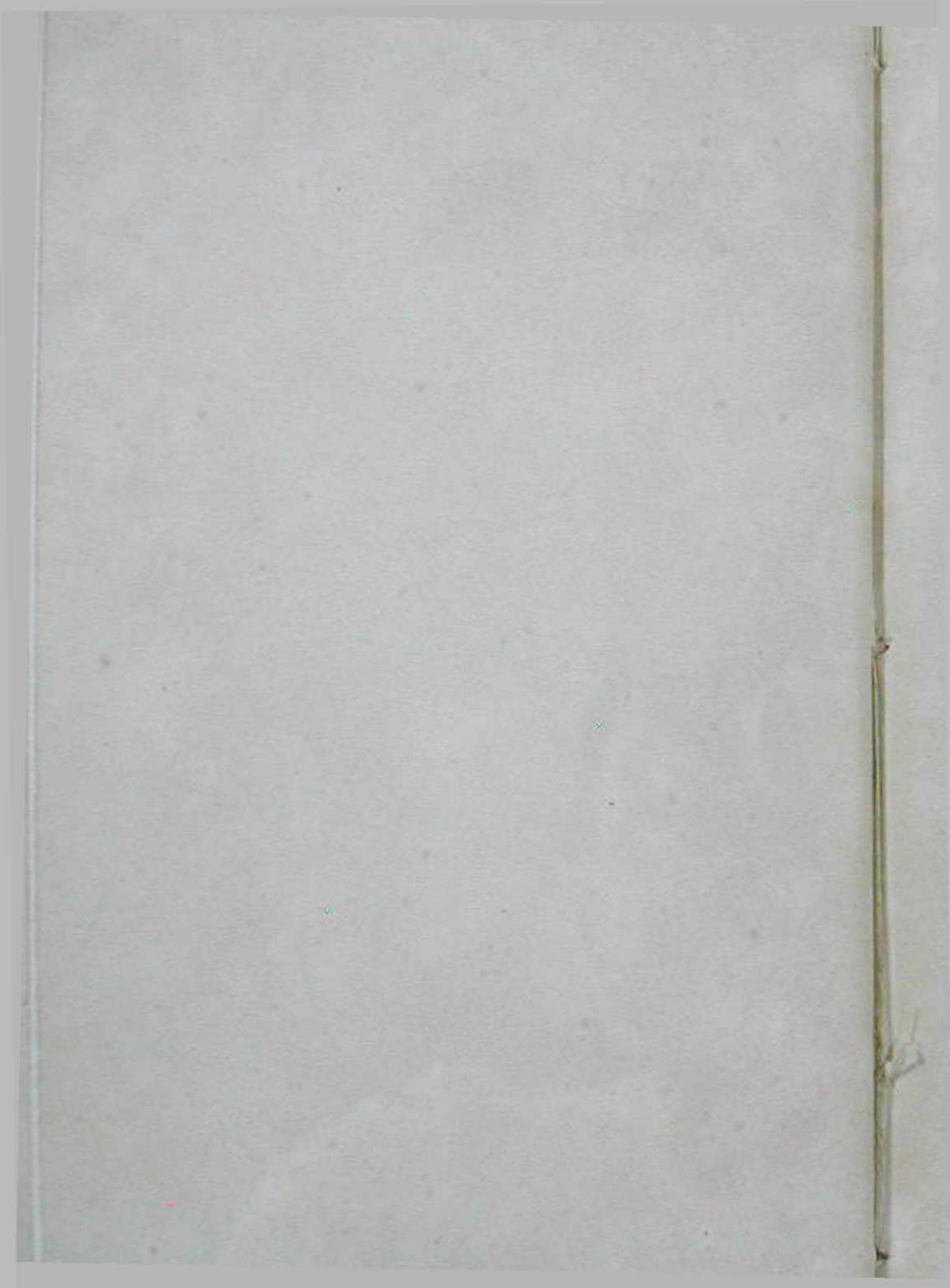
possuía as chaves da burra, o livro dos cheques... assignados e um marido... gasto, tão *gasto*, que lhe entraava no quarto passando pelo buraco da fechadura!....

Enorme!



Tres Charutos

A Bellarmino Carneiro





Gres annos havia já que eu não visitava o meu amigo Eduardo da Silveira — quando, uma noite, ao entrar no meu quarto, encontrei sobre o criado-mudo um cartão postal desse velho camarada olvidado que dizia o seguinte:

«Por Jupiter!... Parece que estamos de relações cortadas!... Ha um seculo que não appareces. Vem amanhã almoçar commigo e traze o teu xadrez de algibeira para jogarmos uma partida sob a mangueira frondosa do meu jardim. Estou agora á rua de S. Clemente, N... em um ninho minusculo, mas confortavel e tranquillo. Cá te espero sem falta.»

Fui, e quando entrei semceremoniosamente no gabinete de trabalho desse ditoso rapaz, envelhecido prematuramente nos gozos da vida elegante, encontrei-o de *robe de chambre*, sentado em frente á sua secretaria e pondo em ordem alguns papeis dentro de uma gaveta estreita, comprida e funda.

Cahimos nos braços um do outro e depois das exclamações habituaes:— «Até que afinal!... — Mas... como estás velho!... — Como estás mudado!...» etc., Eduardo fez-me sentar a seu lado, dizendo-me:

— Deixa-me concluir o arranjo desta gaveta e estou todo ao teu dispor.

E tagarellando, tagarellando sempre, com a sua inextinguivel *verve*, o meu velho amigo ia passando para dentro da gaveta uma montanha de papeis que se avolumavam sobre a secretária, quando, de repente, os seus dedos pousaram sobre um enveloppe largo e bojudo, que parecia conter um objecto duro.

— Ah! cá estão, cá estão elles... E' uma preciosidade!... exclamou.

E passando-me o enveloppe:

— Sabes o que é isto?

Tomei o enveloppe e apalpei-o:

— Serão charutos?... inquiri duvidoso.

— Exactamente, são tres charutos que têm uma historia triste. Custaram-me tres contos de réis.

Encarei-o, admirado, sem compreender.

— Espera, espera um pouco; eu concluo já esta taréfa e depois contar-te-hei esse caso.

E, sorrindo, abriu o enveloppe e delle tirou tres pequenos charutos, castanhos e esguios, apertados por uma cinta de papel branco, onde havia estes dizeres:

Herança da Palmyra

Rs. 3:000\$000, — 16 de Março de 1891.

— Aqui os tens: admira-os, enquanto acabo com isto.

E continuou na sua taréfa de ordenar os papeis dentro da gaveta, enquanto eu examinava curiosamente os charutos, sem atinar com o motivo de tão elevado custo.

Cinco minutos depois, Eduardo empurrava a gaveta e voltando-se para mim dizia-me:

— Sou todo teu agora. Vamos portanto á historia dos charutos, que naturalmente te está intrigando. Lembras-te da minha afilhada Palmyra, filha da Martha do *Recreio Dramatico*?

— Tenho uma lembrança vaga.

— Pois bem: essa criança, ha tres annos, ficou orphã de māi que, como sabes, morreu tísica; e a pobre Martha, que eu tanto amei nos tempos em que a sua graciosa figura fascinava os ociosos da rua do Ouvidor, vendo-se definhara, poucos dias antes de morrer mandou-me chamar, pediu-me que velasse pela Palmyra e entregou-me tres contos de réis, fructo das suas economias e unica herança da filha.

— Acceitei o encargo, e no dia em que conduzi a linda e voluptuosa Martha á sua ultima morada trouxe a filha para minha casa. Não sahi nessa noite mñito de industria para distrahir e consolar a pobre criança que me fôra entregue e que, ferida cruelmente pela morte da māi, tinha caido em um desespero bem facil de ser comprehendido por aquelles que já perderam o unico ente querido que lhes

restava. Mas, no dia seguinte, depois do almoço, sahi, levando no espirito a preoocupaçāo de collocar a pequena fortuna da pobre orfan em condições dc lhe produzir a maxima renda possivel. E, então, cogitando durante o dia inteiro no melhor emprego para esse capital, lembrei-me de comprar com elle uma pequena propriedade, bonitinha e bem tratada, que, um mez antes, eu vira no Engenho Novo e cujo preço não excedia então de quatro contos. Era possivel que a propriedade ainda não tivesse sido vendida e tambem não era impossivel que, em tal caso, o proprietario fizesse abatimento no preço, cedendo-a pelos tres contos. Não me enganei, porque, indo nesse mesmo dia ao Engenho Novo, lá combinei a compra pelos tres contos, ficando assentado que a escriptura seria lavrada no dia segniente.

Dei, nessa mesma tarde, a noticia á Palmyra, e no dia immediato, depois do almoço, metti na minha carteira os tres contos e parti em direcção ao cartorio onde a escriptura devia ser assignada. Mas, ao sair de casa, en-

entrei, junto ao portão do jardim, a Palmyra de physionomia abatida e de olhos vermelhos. Chorara evidentemente e no seu olhar havia ainda uma tristeza infinda. Commoveu-me o pesar dessa infeliz orfan e, procurando consolal-a, attrahi-a ao meu peito e beijei-a. Notei então que a cabeça e as mãos da criança estavam quentes e perguntei-lhe se sentia algum incommodo. Respondeu-me que nada sentia, mas pediu-me que não saisse, que ficasse com ella, que estava com medo de ficar só. E recomeçou a chorar. Tranquillisei-a, e desculpando-me com a necessidade de estar na cidade, nesse dia, á hora marcada para assignar a escriptura, parti, promettendo que voltaria cedo e que a levaria ao theatro.

«A Palmyra ficara junto ao portão do jardim e do carro, em que entrei, ainda a vi durante algum tempo, seguindo-me com os seus olhos vermelhos e tristes. Quando o carro começoou a occultar-se ao dobrar a primeira esquina, eu vi o braço dessa criança erguer-se para agitar um lenço na direcção que eu levava.

«Confesso-te que, nesse momento, tive impetos de retroceder, mas lembrei-me do meu compromisso relativo à escriptura e deixei-me conduzir á cidade, promettendo a mim mesmo regressar o mais cedo possível.

Na cidade, encontrei um bilhete do dono da propriedade cuja compra eu ajustara, desculpando-se de faltar ao *rendez-vous* que me havia marcado e pedindo-me que voltasse ao Engenho Novo para entender-me com elle sobre assumpto de interesse comum.

Fui, e depois de resolvida com o proprietário uma pequena dificuldade relativa a uma hypotheca que pesava sobre o immovel, assentámos de novo que a escriptura seria passada no dia immediato, sem falta. Na volta, muito satisfeito com a solução desse negocio, fui jantar ao Club, resolvido a partir immediatamente depois para casa, a fim de conduzir a Palmyra ao theatro. Mas, no Club jogava-se, e da sala do jantar eu ouvia o ruido das fichas e a vozeria dos pontos em torno da mesa da roleta, em uma sala proxima. De estomago cheio, bem disposto e

satisfeito, depois do jantar, quiz arriscar uma centena de mil réis e dirigiu-me á sala do jogo. Quando entrei, um dos pontos, o Boaventura, aquelle Boaventura das suissas vermelhas e do dedo torto, disse-me:
—Em quarenta e quatro bolas, dadas até agora, já saíram todos os numeros, menos o 9 —. Essa revelação deu-me um palpite: jogar no 9 obstinada e exclusivamente. E comecei a jogar n'esse numero, onde, para principiar, apostei tres fichas de 1\$8. Não veio o 9, e na segunda parada eu arriscava seis fichas, depois nove, depois doze, continuando assim até 100\$, que era o maximo permittido. Durante uma meia hora mantive-me nesse jogo, mas depois, já dominado pela febre, querendo readquirir o perdido e ter lucro, comecei a fazer jogo largo, e em cada parada arriscava o maximo. Na minha frente, um rapaz de dezoito annos, ainda imberbe, louro, de olhar brilhante, amontoava uns sobre outros cartões do valor de 50\$ e tinha um grande lucro, calculado pelos pontos em cerca de doze contos, adquirido com uma entrada de 20\$ apenas. Pela

originalidade do seu jogo, que consistia em apostar exclusivamente nos zeros e nas cores, esse ponto feliz era o alvo das attenções de toda a sala, principalmente do banqueiro, que não perdia de vista a montanha de cartões de 50\$, que elle accumulava na sua frente e sobre a qual pousava a sua mão alva e tremula. Na sala, completamente cheia, fazia um calor abrazador e a atmosphera, carregada do fumo do tabaco e das emanacões da carne, abafava e entorpecia os sentidos. De vez em quando, um creado do Club percorria a sala offerecendo refrescos e charutos aos pontos. Ouvia-se um vozear continuo, exclamações de prazer ou de decepção dos jogadores, á mistura com o ruido das fichas e com a voz do banqueiro anuncciando os numeros e fazendo os pagamentos. Às onze horas da noite, consultei a carteira: dos tres contos de Palmyra só possuia quatrocentos mil réis!.. O 9 tinha engolido o resto e até esse momento a bola havia girado setenta e seis vezes sem cair nelle!...

O que me restava em dinheiro

dava apenas para quatro paradas, se eu persistisse em jogar o maximo.

«Ora, evidentemente, as probabilidades a favor do 9 augmentavam, e por isso arrisquei ainda e continuei a apontar nesse numero.

Na ultima parada, quando nada mais tinha do que cem mil réis que eu, com mão convulsa, depositei no centro do quadrado em que estava o 9, o banqueiro annunciou o 2. Levantei-me então. O rapaz que jogava na minha frente e que já estava na *deveine* disse-me:—Uma vez que o senhor abandona o 9, vou agora jogar n'elle. — E fez a mesma parada que eu fizera até esse momento. Conservei-me ainda na sala para assistir a essa jogada e, por uma ironia da sorte, a bola caiu no 9. Sahi desalentado, e para castigar o corpo fui para casa a pé, pensando na pobre orfan confiada aos meus cuidados, cuja herança eu acabara de dissipar estupidamente. Que dia e que noite tristes deveria ter passado essa criança, isolada, reclusa no meio de uma casa silenciosa, sem distrações, inteiramente entregue á sua dor!... Este pensamento affli-

giu-me. Quando entrei em casa, o criado communicou-me que a Palmyra estava doente. Cheio de remorsos, fui vel-a. Estava deitada na sua pequena cama de mogno e ardia em febre. Um medico, que mandei chamar a toda a pressa, diagnosticou a variola. Torturado pelo remorso e atormentado por presentimentos máos, passei o resto da noite ao lado dessa infeliz, que delirava chamando repetidas vezes pela mãe. No dia seguinte, o diagnostico confirmaya-se: a variola apparecia. Durante uma semana conservei-me á cabeceira da doente, servindo-lhe de enfermeiro e disputando-a á morte. Mas, de nada serviram a minha dedicação e os cuidados do medico, porque, ao cabo desses sete dias, a desventurada Palmyra exhalava o ultimo suspiro, horrivelmente desfigurada e chamando sempre, até o ultimo momento, pela mãe, que ella via nos seus delirios e que certamente tambem chamava por ella lá do humilde jazigo, onde dormia o eterno sonno. Nessa mesma tarde cumpli a piedosa missão de depositar a filha ao lado da mãe no cemiterio de S. João Ba-

ptista da Lagôa e, quatro mezes depois, sobre a terra que guarda os ossos dessas duas infelizes, fiz erguer um mausoléo modesto, mas elegante, cujo custo importou exactamente em tres contos de réis.

E como o Silveira cessasse de falar e ficasse com os labios um pouco tremulos e os olhos mais brilhantes do que o costume, parecendo ter dado fim á narração, disse-lhe:

— É na realidade commovente a historia qu acabas de contar-me; mas o que tem tudo isso com estes charutos?

— Ah! sim, tens razão. E' que na manhã seguinte á noite em que perdi a herança da Palmyra, encontrei no mesmo bolço em que guardara o dinheiro, em vez dos tres contos de réis, esses tres charutos que me foram offerecidos pelo creado do Club durante o jogo e que eu machinalmente aceitei e guardei. E, como os charutos estavam ali substituindo a quantia perdida, rotulei-os com esse distico que ahi vês e no dia em que levei a pobre criancá ao cemiterio, sobre a sua sepultura jurei que nunca mais

tornaria a jogar. Nunca mais joguei, de facto, a não ser o xadrez como exercicio mental e, para recordar-me sempre do triste episodio que te acabo de narrar, conservei esses tres charutos, que effectivamente me custaram um conto de réis cada um. São um tanto caros, não achas?

— Pelo contrario, acho-os baratinhos. Quantos contos de réis terias tu perdido na roleta, de então para cá, se estes tres charutos te não tivessem custado a herança da Palmyra?...

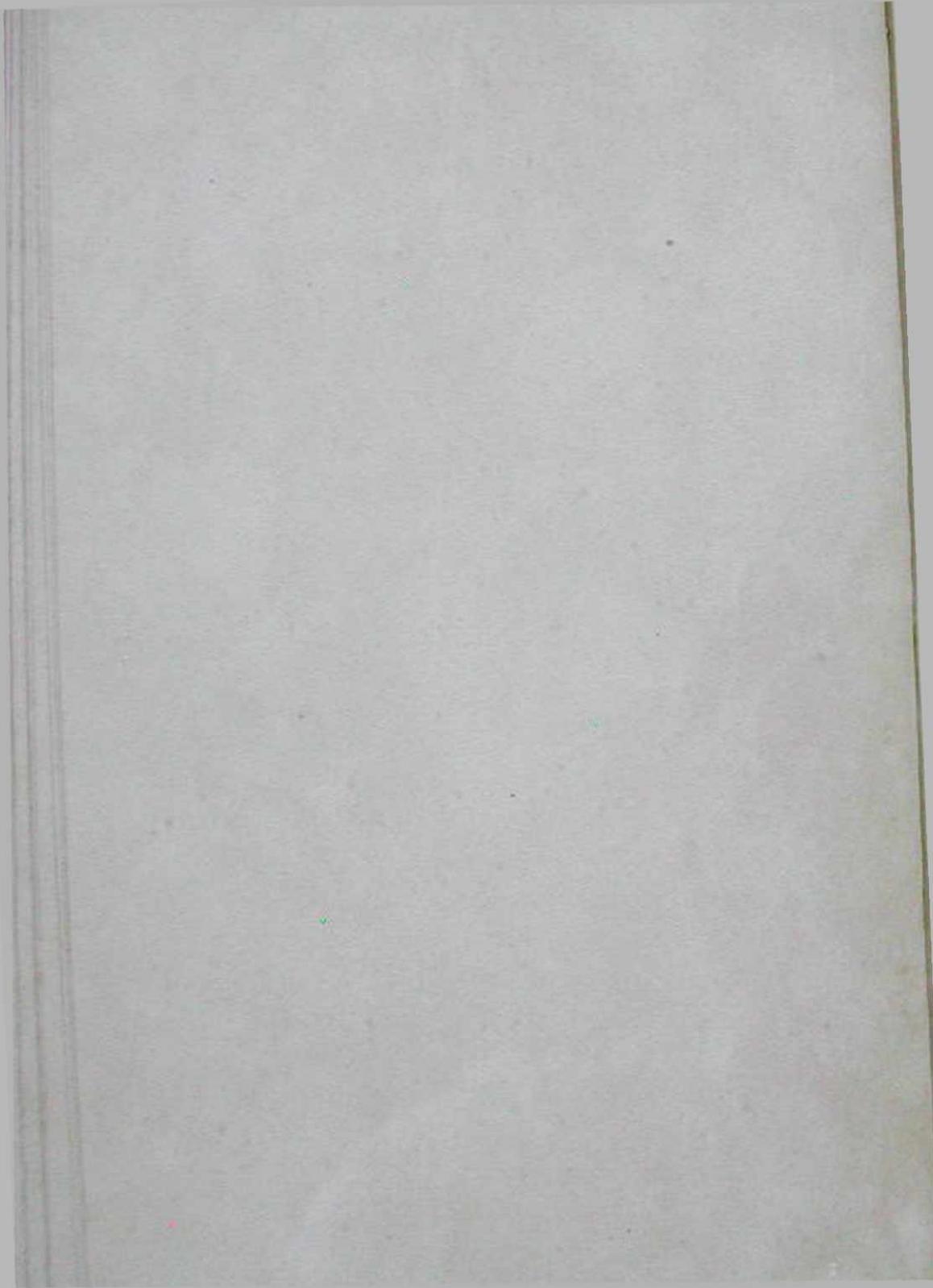
O Silveira fez um signal de assentimento e, tomado silenciosamente os charutos, beijou-os e metteu-os na gaveta da sua secretaria, que só então fechou a chave.

Meia hora depois, á sombra convivativa da frondosa mangueira do seu jardim minusculo, e em frente a um taboleiro de xadrez, meditavamos no *mate* que devíamos dar um no outro, enquanto as cigarras chiavam alegremente abençoando essa alma boa de solteirão solitario.



A Influencia do Meio

Ao Dr. Severino Prestes





Nesse lindo cemiterio sempre florido, que parecia um jardim, cheio de canteiros, de tuhos de arbustos, de aléas umbrosas e de marmores multicores, com o seu chão claro, macadamisado com fragmentos de jaspe e a sua capelinha ogival rodeada de casuarinas bracejantes e rumorosas, é que elles encontravam-se nas frescas manhans de setembro e nos crepusculos outonaes para amar ás occultas.

Alli se haviam visto a primeira vez, por acaso, ambos cobertos de lucto. Elle tinha vinte e dois annos e viera alastrar de rosas o tumulo minusculo

da irmã pequenina; ella tinha apenas dezoito e viera engrinaldar a sepultura do avô, que a idolatrara. E encontrando-se alli pela primeira vez, ambos moços, ambos bellos, ambos cobertos de crepe e com braçadas de flores, uma sympathia mutua os impelliu um para o outro e amaram-se.

E sem se combinarem, sem trocarem palavras, olhando-se apenas, encontraram-se de novo, dois dias depois, nesse mesmo cemiterio, que parecia um jardim, ambos cobertos de crepe e com braçadas de flores.

Elle parara em frente ao pequenino tumulo da irmã em cuja lapida só havia, como ornamento, uma pomba morta — um primor de escultura arrancado ao marmore branco de Carrara por um cinzel de artista ameroso e paciente —; ella quedara-se junto á sepultura do avô, que ficava a dois passos, e onde uma grinalda de bronze abraçava o fuste de uma columna de marmore negro quebrada a meio.

E alli, simultaneamente, silenciosamente, deram ambos começo á tarefa

agrídoce de substituir as flores murcidas e secas por outras viçosas e perfumadas.

Quando acabaram, ella viu que lhe sobrara um lindo ramo de myosotis, que jazia no fundo do sen airoso cabaz de vime; e elle... percebeu que tinha ainda na mão um punhado de chrysanthemas para as quaes já não havia espaço na pequenina lapida do pequenino tumulo acogulado de rosas.

E, sem trocarem palavras, olhando-se apenas, afastaram-se um do outro e começaram a divagar solitarios sob a ramaria frondosa das aléas e por entre os marmores polidos das sepulturas dos ricos desse lindo cemiterio, que parecia um jardim.

No dia seguinte, quando voltaram, ella encontrou chrysanthemas esmalтando de branco e amarello o bronze fosco da grinalda do tumulo do avô; e elle achou um ramo de myosotis dormindo ao lado da branca pombinha morta da sepultura da irmã.

E então, pela primeira vez, aproximaram-se, pela primeira vez troca-

ram palavras de reconhecimento mutuo com lagrimas de alegria e de pesar nos olhos.

Desse dia em diante, elles encontraram-se sempre nesse lindo cemiterio florido, que parecia um jardim. E unidos, no começo, por uma sympathia fraterna e depois, por um sentimento mais terno e mais forte, que os impellia um para o outro, amaram-se e deram expansão á sua ventura por entre as campas e as flores dessa olorosa mansão da morte.

Era alli, só alli, sob as aléas umbrosas, atrás dos marmores tumulares ou dos tufos de arbustos, que elles deixavam explodir a sua ventura, viajando pelo paiz da chimera, vestidos de crepe, como sombras errantes; e fôra alli, fôra alli, occultos pelo sóccco elevado de uma cruz de granito, que os seus labios se uniram no primeiro beijo amoroso.

Em frente a essa cruz, ficava um tumulo pequenino e artistico, onde um menino de alabastro, deliciosamente branco, dormia um sonno tran-



Nesse ninho fôfo e longíquo
onde elles occultavam a sua
ventura... (Pag. 170)



quillo sobre uma almofada de onix. Semi-nú e carnudo, esse anjinho de pedra, alli collocado pelos impulsos do amor materno, parecia sonhar sorrindo; e elles, ao vel-o, logo após o primeiro beijo, entreolharam-se e, pudibundos, estremeceram de jubilo.

Desde então, á sombra cariciosa das aléas, por entre os arbustos viçósos, no meio das begonias, das roseiras, dos lyrios e dos geranios em flor, isolados e felizes, alheios á dor e familiarisados com a morte, elles deixaram crescer esse amor que brotara entre as campas, como brotara toda a vegetação luxuriosa e potente, que alli surgia do seio fecundo desse terreno farto alimentado pela carne humana.

E todos os dias, antes da partida, vinham dar o ultimo beijo, trocar a ultima caricia em frente ao tumulo pequenino, onde dormia o infante branco, deliciosamente branco, sobre a almofada de onix.

Mezes depois, um sacerdote vitalisava a chimera, unindo-os para sempre e abençoando essa união, que devia durar longos annos.

E, desde então, muitas luas passaram sem que elles voltassem a esse lindo cemiterio que parecia um jardim, onde cresciam e floriam sempre as roseiras, as begonias, os lyrios e os geranios, longe dos olhares blandiciosos, que tanta vez os acariciara outr' ora.

Mas, um dia, nesse ninho fofo e longinquo, onde elles occultavam a sua ventura, ouviu-se um vagido; e, fructo do amor que nascera entre tumulos, veio ao mundo um menino branco, deliciosamente branco, como o anjo de alabastro, que no cemiterio dormia sobre a almofada de onix.

Alva, muito alva, sem sangue, da cor do linho e do jaspe, essa criança teve a existencia de uma aurora e, levada ao lindo cemiterio, foi dormir o sonno eterno entre as roseiras e os lyrios, que lá floriam perfumando o ambiente.

D'ahi por diante, de tempos a tempos, esse lindo cemiterio, que parecia um jardim, recebia em seu seio uber-

rimo um menino branco, deliciosamente branco, como aquelle que lá dormia sorrindo sobre a almofada de onix.

E' que esse casal de amorosos, cujo amor brotara entre tumulos, só produzia fantasmas, fructos sem sangue, pequeninos cadaveres, que a terra insaciavel reclamava logo.

Mas, uma tarde, ambos cobertos de crepe e com braçadas de flores, volveram elles ao cemiterio, ainda acompanyhando um esquife onde dormia um menino alvo, deliciosamente alvo, como os outros que essa terra vorazmente tragara.

E, chegados lá, ajoelharam em frente ao tumulo onde sorria o menino de alabastro deitado sobre a almofada de onix e, depois de orarem por muito tempo, recolhidamente, cobriram-no de rosas vermelhas.

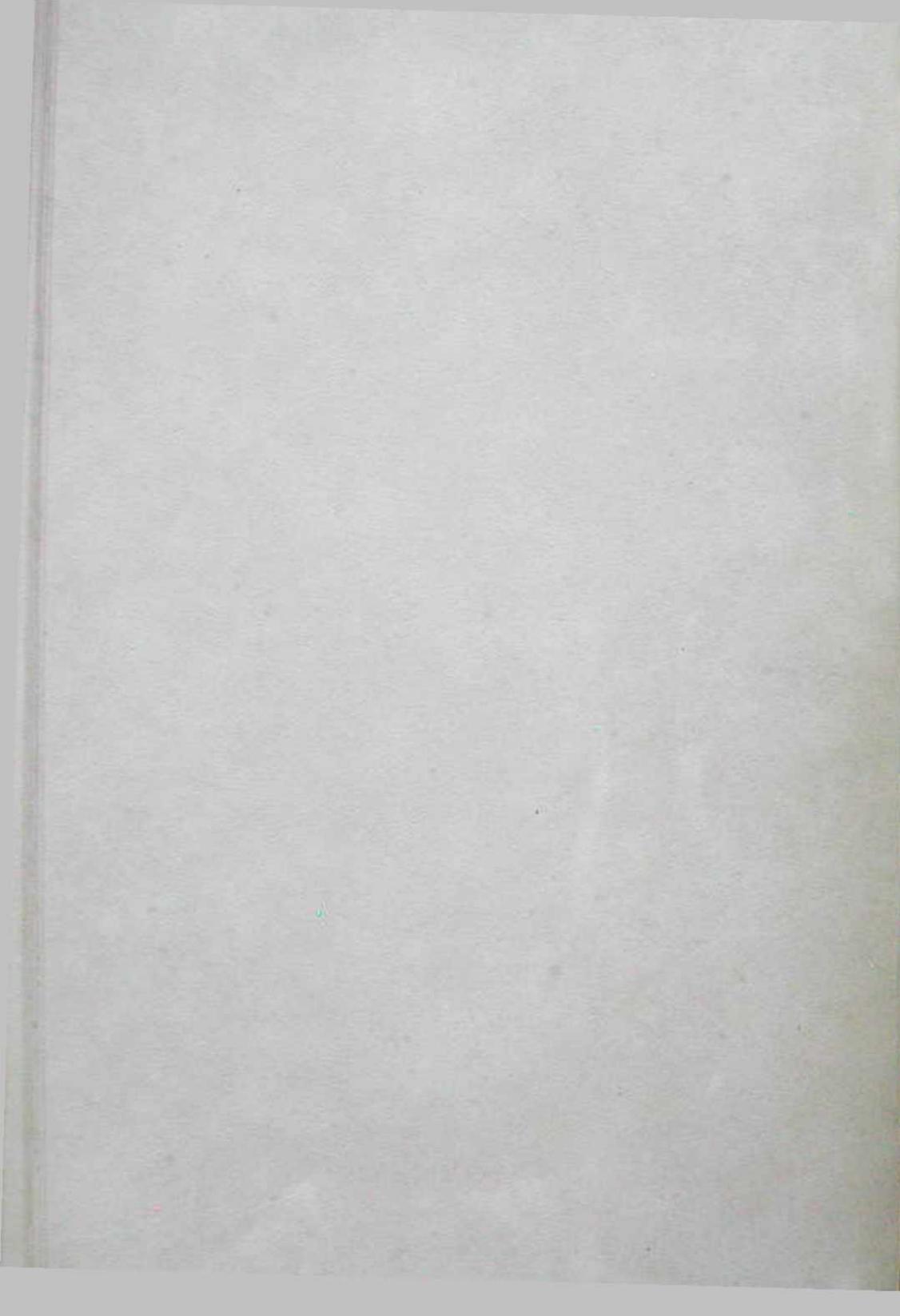
Sob esse manto de petalas sanguineas, esbateu-se a branura fulgurante do marmore e, pela vez primeira, elles viram, em logar do menino branco, um menino roseo, quasi de carne, sorrindo sempre sobre a almofada de onix.

E, desde ahí, desde ahí, nunca mais entrou nesse cemiterio, que parecia um jardim, o pequenino esquife que continha o menino branco, sem sanguine, fructo do amor peccaminoso que nascerá entre as campas.



A Genesis das Rosas

Ao Dr. Ramos de Azevedo





No começo não havia rosas. Só havia o morangueiro rastejante, humilde, cheio de estolhos, com a sua flôr de cinco petalas alvas, circum-dando um androcêo dourado, o cactus espinhoso, que produz a recendente «flôr do baile» e o lyrio alvissimo, que tem a vida ephemera de um dia.

Da sua humildade, o morangueiro olhava, cá de baixo, de junto da terra fecunda, para a copa altaneira das araucarias, dos carvalhos e dos jequitibás gigantescos e, de si para si, cheio de vergonha e de pesar, dizia: «Senhor! por que me fizeste tão pequenino, tão baixo e me pozeste ao lado des-

tes colossos da floresta cuja fronde envereda pela região das nuvens, vendo e recebendo o sol primeiro que a minha pobre ramagem? »

E, mordido da inveja, todos os dias, o morangueiro espichava o caule, procurando elevar-se na atmosphera, no louco intuito de attingir a altura dos vegetaes arboreos. Assim, aos poucos, foi crescendo e subindo, á custa de esforços herculeos do seu caule herbaceo e fragil.

Quando a sua fronde já se elevava a um palmo do solo, um lyrio vizinho, adolescente e branco, amou-o; e amando-o, deixou cahir sobre o pistillo da flôr do morangueiro o seu pollen caricioso e fulvo.

Dessa paixão adulterina, desse conubio morganatico proveio um fructo: e esse fructo foi um vegetal estranho, que nem era morangueiro, nem lyrio, porque não tinha deste a folha lanceolada, nem possuia daquelle o porte humilde e rasteiro. Mais alto que o morangueiro, mais alto mesmo que o lyrio, possuia contudo a flôr branca de cinco petalas e essa fronde cara-

cteristica trifoliada da fragaria, que denunciava a origem materna.

O novo vegetal foi saudado com festas pelo cactus espinhoso que, de longe, viu-o nascer e crescer e que, na quadra primaveril lhe enviou nas azas da briza os beijos ardentes dos seus estames longos.

Então, pela primeira vez, surgiu da terra uma planta que tinha a flôr do morangueiro, o caule do lyrio, o espinho do cactus e uma folha nova de cinco foliolos armada de aculeos ao longo da nervura central, no verso do limbo.

Recebida com jubilo pela vegetação local, o cactus, o lyrio e o morangueiro baptizaram-n'a com o nome sonoro de *rosa*.

Era a rosa primitiva, essa rosa que o vulgo denomina *louca*, de cinco petalas alvas, cujo caule espinhoso, entrelaçado em cercas, ainda hoje veda a entrada dos gatunos e dos cães vadios na habitação dos ricos.

Assim veio ella ao mundo, assim se multiplicou ella pela superficie da terra.

Mas um dia, amores clandestinos e

esturdios dessa planta com o jasmim do Cabo deram origem a uma flor nova, de corolla polypetala, exhalando do seio um perfume suave.

Era a rosa dobrada, mas sempre branca, sempre alva como o lyrio e o cactus, o jasmim e a flor do morangueiro.

Attrahido pelo aroma, desejoso de haurir o mel que advinhava no fundo dessa corolla pallida, o colibrí beijou-a uma tarde, quasi ao crepúsculo, quando no céo já scintillava a primeira estrella vespertina. E do bico da ave pequenina e gulosa caiu uma gotta de sangue que se depositou no seio da flor.

Então, essa gotta de sangue lastrou pelas pétalas e coloriu-as; dahi, pelos vasos, passou ao calice; do calice caminhou pelo pedunculo e do pedunculo, conduzida pela seiva, atra vessou a haste, espalhou-se pelos ramos, incorporou-se á planta e deu cõr a todas as flores.

Ja havia, pois, na terra, rosas que não eram brancas.

Depois, essa rosa dobrada e quasi rubra, por contactos successivos com

o bico andaz dos colibris gulosos, recebeu no seu collo oloroso novas gotas de sangue, que a foram tornando purpurina aos poucos.

No entretanto, outras rosas brancas dobradas eram tambem afagadas por aves liliputianas e leves e numma dellas ficou uma vez, não uma gotta de sangue, como nas outras, mas um pingo de bilis, que do figado da ave extravasara, n'um momento de humor agro, para dentro da corolla. E essa bilis absorvida pela flor, como o sangue, deu-lhe o colorido amarello.

Surgiram então as rosas douradas.

Dahi por deante, o adulterio voluntario ou forçado fez o resto.

Foi dos amores da rosa quasi rubra com a amarella que surgiu a *Margotin*, que tem o coração sanguineo e as extremidades das petalas douradas.

Foi ainda pela hybridação da branca com a rubra que appareceu a *Captain Christy*, colossal e rosada, de um rosado tenue, suavissimo, como o da cutis das mulheres finas.

Foi ainda dos cruzamentos sucessivos dessas entre si, que surgiu a

variedade infinita de rosas rajadas, em que a purpura, o ouro e o arminho passam por todas as gradações da escala chromatica.

E porque têm fel e sangue, porque resultaram da consubstanciação da essencia animal com a essencia vegetal, é que as rosas têm os instictos maus do animal, denunciando as revoltas do sangue e os azedumes da bilis, á mistura com o dulçor do neetario e a fragrancia suavíssima que o seu seio exhala.

Sanguinarias ás vezes, ciosas do seu bem-estar, defendem-se com os aculeos e apunhalam cruelmente as mãos incautas, que intentam separalas da haste.

Outras vezes, vaidosas, sacrificam-se, deixando-se conduzir passivamente á morte pelo praser unico e ephemero de passar uma noite entre os cabellos negros ou sobre as pomos turgidas de uma mulher elegante e formosa.

Tal é a poetica origem das rosas, o segredo da sua genesis, que eu desvendo pela primeira vez ao mundo, tendo-o ouvido de uma gardenia palreira, que me ama porque eu a régio

todos os dias quando o sol desponta,
ou quando a lua passeia o seu cu-
tello de ouro pelo firmamento azu-
lado.



Poemas da Juventude

17



A Bella Viagem

Ao Dr. Paulo Prado

Flick-flack... flick-flack", fazia o pingalim do cocheiro — um nubio brunido pelo sol dos tropicos — fustigando o dorso dos pequenos poneys, que arrastavam o nosso microscopico *landau*.

E nós, abraçados, mãos e labios unidos, na ventura do goso, voavamos para o paiz das chiméras, dentro do pequenino *landau*, enquanto o chicote do nubio fazia "flick-flack... flick-flack" sobre o dorso dos fogosos poneys.

De vez em quando, os labios d'ella desuniam-se dos meus e o murmúrio

da sua voz suavissima dizia ao cocheiro:

— Mais depressa, mais depressa...

O pingalim estalava de novo sobre o dorso dos pequenos poney's, fazendo sempre "flick-flack... flick-flack."

E o *landau* rodava celere, vertiginosamente, pela linda estrada branca, orlada de boninas e de madresilvas em flôr, por entre os pinheiros balsamicos, n'um bello dia de primavera, luminoso e fresco.

Assim viajámos longas horas, sempre unidos, sem nunca attingirmos esse delicioso paiz das chiméras, para o qual voavamos ás tontas, sem guia, sem itinerario, arrastados apenas pelo impulso satanico dos nossos desejos lubricos.

Na volta, quando o pingalim do cocheiro fazia de novo "flick-flack... flick-flack" sobre o dorso dos pequenos poney's, ella, desunindo os seus labios dos meus, ordenava:

— Mais de vagar, mais de vagar...

Mas o nubio, lembrando-se talvez das bellas ethiopes do seu paiz abra-zado, fustigava sempre os poneys e o *landau* rodava, rodava sempre pela linda estrada branca, orlada de boni-nas e de madresilvas em flôr.

E, emquanto o *landau* corria, es-magando as lindas flôres da innocen-cia, que haviam ficado esparsas pela estrada a fora, e o pingalim do co-cheiro fazia "flick-flack... flick-flack" no dorso dos nervosos poneys, eu sen-tia tambem o chicote do remorso a fustigar-me a consciencia e fazendo igualmente "flick-flack... flick-flack."





Nunca Mais...

A Olavo Bilac

Nunca mais... nunca mais... dizia ella, com o seu fiosinho de voz crystalina e fresca como o murmúrio de um regato.

E, trémula como uma avesinha assustada, mostrava-me a ponta do seu dedo mimoso, onde uma gotta, uma pequenina gotta de sangue manchava a alvura da epiderme.

E enquanto eu, solicto e tambem um pouco tremulo, castigava a criminosa — a linda rosa-musgo, que tanto mal fizera — ella, sentindo-se desfalecer á vista do sangue, envolvia o dedo, o mimoso dedinho alvo, nas dobras do seu *peignoir* de musselina

alvissima, repetindo sempre:— Nunca mais... nunca mais...

Adiante, no fim da alameda, havia um caramanchel e ao lado, guardando a entrada, erguia-se a estatua de Diana — a caçadora esbelta — de um corpo moço e appetitoso, talhado na branura immaculada do marmore de Carrara.

Docemente, lentamente, seguimos para o caramanchel e alli, sob a fronde protectora das heras, espiados sempre pelo olhar de marmore de Diana — a bella — passámos horas felizes, segregados do mundo, num recolhimento terno, a ouvir segredos de aves palreiras.

O ruido dos nossos beijos casava-se ao chilrear do passaredo em nupcias e ella, sentindo sempre a dor pungente na ponta do seu dedinho alvo, repetia baixinho:

— Nunca mais... nunca mais...

Quando deixámos a sombra amiga do caramanchel era já tarde.

O sol descambava ao longe e apenas um tenue raio do astro, escondendo-se a custo atravez da fronde do parque, dourava ainda o rosto triumphante da bella Diana.

Enlaçados sempre, sentindo o doce torpor da languidez, parámos um momento á porta do caramanchel e só então, á claridade fugitiva do dia, é que ella viu uma pequenina mancha de sangue ruborizando a musselina alvissima do seu *peignoir*, no mesmo logar onde envolvera o dedo ferido.

E sentindo-se desfalecer de novo, ao ver o sangue, ella, apontando para a mancha, dizia com o seu fiosinho de voz crystalina e freseca:

— Nunca mais... nunca mais...

A linda estatua fitava ironicamente o horizonte longinquo e os seus labios de marmore repetiam sorrindo:

— Nunca mais... nunca mais...





Noite de Amor

A Antonio Salles

Priz, praz, pruz... e, em tres saltos, eu galgava a escada, a suavissima escada do nosso esconde-rijo adorado.

Era alli, n'esse ninho fofo e tepido, esquecidos da multidão, afastados do borborinho mundano, longe das vistas curiosas e perfidas, que nós passavamos longas horas, doces horas, a fallar de amor em surdina, a repetir cousas já repetidas, sosinhos, desconfiados e timidos como dous criminosos, que eramos.

Quando entrei, de mansinho, pé ante pé, para não fazer ruido, o relogio batia seis horas. E era ás sete

— uma hora ainda! — que ella devia chegar para passarmos juntos outra hora sómente, sómente outra hora, nem um minuto mais...

— Corre, tempo!... Avança, ponteiro tardio!... mache-te, pendulo preguiçoso e roncero!...

E esse ponteiro não avançava nada e o pendulo quasi inerte, continuava no seu «tan-tan», vagaroso, timido, tão timido como eu, que o desejava audaz, célebre, desenfreado, louco.

— Não veio ainda... não virá, talvez... se viesse hoje mais cedo...

E estas tres phrases unicas, persistentes, povoavam-me a imaginação, enchendo-a de sol e de negrume, como em um dia morno, de eclypse.

Lá fóra, nas moitas do jardim, por entre a fronde dos arbustos floridos, chiava a cigarra zombeteiramente e esse silvo estriduloso; como um sarcasmo atirado á minha solidão estúpida, irritava-me e punha-me fremitos

nervosos nos labios, augmentando a minha impaciencia.

Tan-tan, tan-tan, cantava sempre monotonamente o pendulo, esse pendulo tardio, cujos ponteiros não caminhavam, embora impellidos pelo meu insoffrido desejo e pelos raios magneticos do meu olhar raivoso.

E, todavia, a noite cahia calmamente, o espaço enchia-se de trevas e o tempo galopava sempre, mau grado a minha impaciencia, que ainda galopava mais.

Tim, tim, tim... sete vezes, cantou alegremente o relogio. E ella não vinha, não chegava nunca e o tempo avançava sempre!...

Desanimado, triste, abatido, deixei-me então cahir sobre uma poltrona em frente á meza de onde me sorria o retrato d'ella no seu *passe-partout* de couro da Russia.

E maís irritado ainda por aquelle sorriso perenne, outr'ora gracioso e agora sarcastico, escrevi estas linhas,

desconsoladoramente... n'um impeto de desespero cégo:

— Cheguei, esperei, não vieste... não voltarei. Adeus.

Mas quando ia assignar, faltou-me repentinamente a luz dos olhos, que duas mãos leves, macias, pequenas e enluvadas taparam, enquanto dous labios humidos, quentes e perfumados pousavam na minha bocca interceptando as exclamações de surpresa.

Era ella, ella que, subtil, contente e leve, como uma alveola, entrara, sem que eu a percebesse, quando o relo-gio fazia tim, tim, tim... sete vezes, repetindo a hora.

— Mau! feio!... ingrato!... exclamava ella, apontando para o papel onde eu escrevera loucuras.

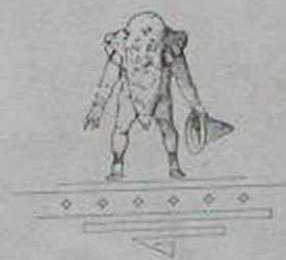
— Perdão... querida! perdoa-me...

E não dizia, não podia dizer mais nada, porque a sua bocca não se desunha da minha.

Depois, muitas vezes depois, o relo-gio repetiu apressadamente tim, tim,

tim... mas nós que não devíamos estar alli senão uma hora — uma hora só, nem um minuto mais — não ouviamos esse aviso constante e as horas passavam celeres e olvidadas, porque as mãos travessas do nosso amor ardente e doido enchiam-nos os ouvidos do rumoroso algodão das blandícias.

E só quando o relogio repetiu de novo tim, tim, tim... sete vezes, é que nós percebemos esse reclamo insistente, que nos convidava a partir e nos mostrava o sol nado e rubro, que espancara as trevas da deliciosa noite, pondo-nos luz, muita luz nos olhos e a escuridão, a densa escuridão da tristeza e do desespero nos recessos da nossa alma dorida e insaciada.



NOTAS

A

O Caso do Abbade foi publicado em 1894 na «SEMANA» dirigida por Valentim Magalhães e Max Fleiss e alli obteve o primeiro premio de prosa no primeiro concurso litterario instituido por aquelle semanario.

B

A substancia da parte final, só da parte final, d'este pequeno conto (*O testamento do tio Pedro*) pertence a uma anedocta de que tive noticia pela tradição oral e á qual dei desenvolvimento e interpretação artistica.

C

O Modelo foi publicado em folhetim do «DIARIO POPULAR» de S. Paulo em 10 de Abril de 1890 sob a minha assignatura.

Quatro annos depois, em 1894, quando a «GAZETA DE NOTICIAS» instituiu os concursos litterarios, foi remettido sem assignatura á redaeção d'essa folha para ser submettido á apreciação do jury que tinha de julgar e premiar os trabalhos apresentados ao primeiro concurso. O jury, ignorando quem era o auctor, teve duvidas sobre a originalidade do conto e por isso deixou de o premiar.

Todavia, a redacção da «GAZETA», no louvável intuito de fazer *amende honorable*, ao expor os motivos por que o jury deixara de premiar o trabalho, declarou que o publicaria, se o auctor lh' o permittisse, e até pagaria uma multa, se se provasse que o conto era original. Ausente, dias depois desta declaração, telegraphei á redacção, confessando-me auctor do conto, auctorizando-a a publicá-lo e exigindo o pagamento da multa em benefício das famílias dos victimados pela revolta de 6 de Setembro de 1893, em Nictheroy.

O conto foi publicado pela «GAZETA»; em seguida instituiu-se um jury composto dos homens de letras Raymundo Corrêa, João Ribeiro e Emílio de Menezes e este jury decidiu que o conto era original (nem podia decidir outra cousa) e fixou a multa de cem mil réis (o dobro do primeiro premio estipulado pela «GAZETA») a qual foi paga.

Por extensos, deixo de reproduzir aqui os artigos que então publiquei na «GAZETA», depois da decisão dos arbitros, para provar á *saciédeade*, como provei, a originalidade do *Modelo*.

O mais interessante, porém, é que, alguns meses depois de liquidada esta questão literária, um amigo meu, o Dr. Paulo Prado, que acabava de chegar de Pariz, presenteou-me com a traducção francesa do *Modelo* feita alli, a seu pedido, em Setembro de 1896 (quatro annos antes dos concursos da «GAZETA») pelo Sr. Domicio da Gama, que era então o correspondente da «GAZETA» em Pariz. Essa

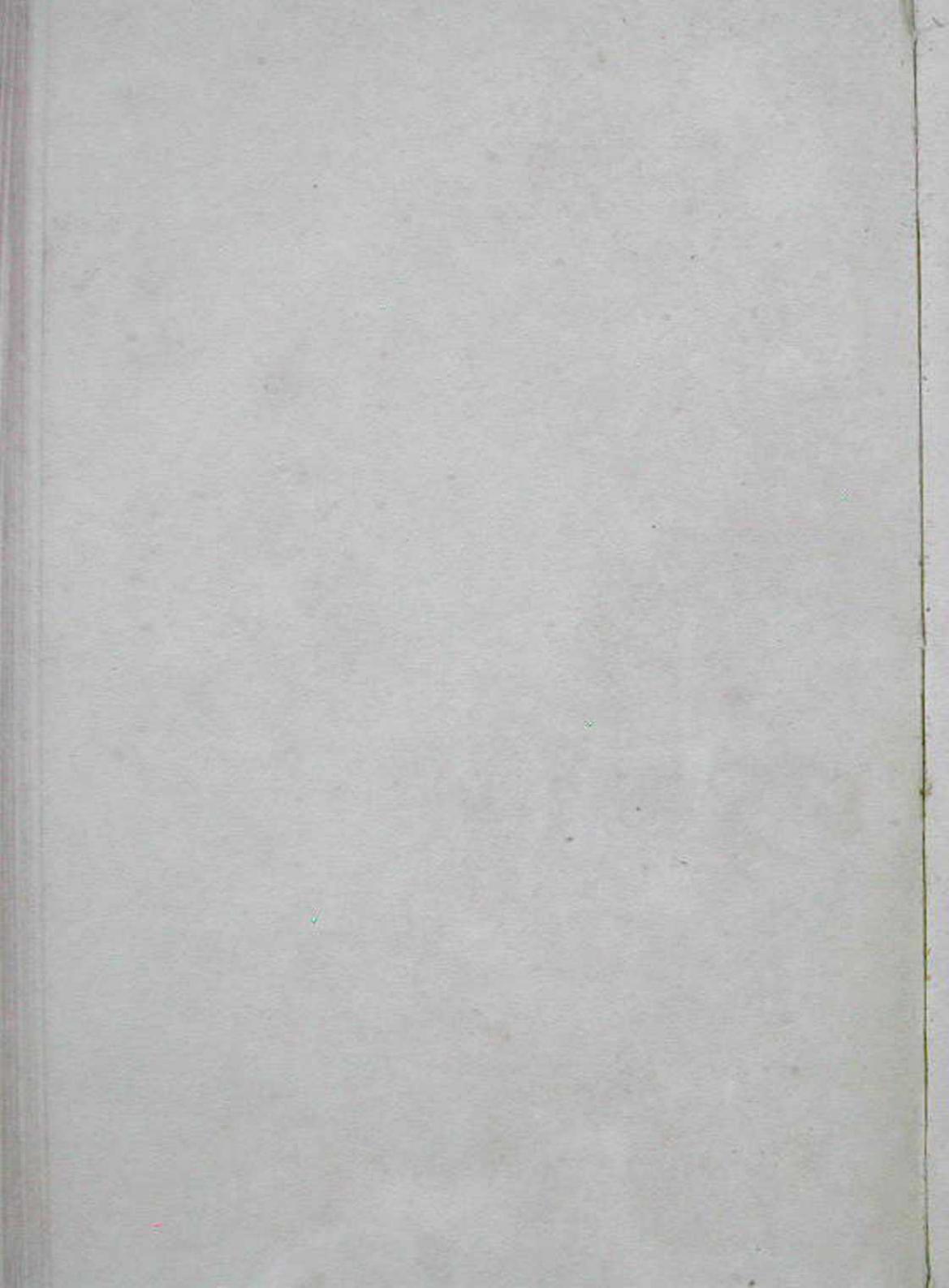
traducción, cujo original conservo, numea foi publicada, mas serviu-me para demonstrar que o *Modelo*, que ao jury dos concursos da «GAZETA» parecera traduzido do francêz, tinha sido, pelo contrario, traduzido *para* o francêz e exactamente pelo correspondente do jornal que, na melhor boa fé, pozera em duvida a originalidade do meu trabalho!

E' curioso.

Agora, uma declaração necessaria: Quando escrevi o *Modelo*, esforcei-me por fazel-o no *genero* francêz approximando-me tanto quanto possível do *modus faciendi* dos modernos escriptores francêzes.

A suspeita, aliás justificada, dado o desconhecimento do auctor, que o conto implantou no animo do jury do primeiro concurso litterario da «GAZETA», veio provar-me que eu conseguira o meu intento. Isto me consola do ephemero dissabor que tal suspeita me produziu no primeiro momento.

G. R.



INDICE

	Pag.
A choupana das rosas	1
Os segredos de Miss Consuelo	27
O caso do abbade	49
Para melhor mundo	65
O testamento do tio Pedro	81
O modelo.	93
Confissões de um cyclista	119
Um homem venturoso	133
Tres charutos	149
A influencia do meio	165
A genesis das rosas	175

Poemas da Juventude

A bella viagem	185
Nunca mais	186
Noite de amor	191
Notas	197
